



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós – Graduação em Psicologia
Mestrado em Psicologia

CARINA NUNES BOSSARDI

**RELAÇÃO DO ENGAJAMENTO PARENTAL E
RELACIONAMENTO CONJUGAL NO INVESTIMENTO COM
OS FILHOS**

Orientador: Prof. Dr. Mauro Luís Vieira

Florianópolis
2011

CARINA NUNES BOSSARDI

**RELAÇÃO DO ENGAJAMENTO PARENTAL E
RELACIONAMENTO CONJUGAL NO INVESTIMENTO COM
OS FILHOS**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção de grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Mauro Luis Vieira.

Florianópolis, 2011

*FOLHA DE APROVAÇÃO
ASSINADA PELA BANCA*

*Dedico este trabalho aos meus pais
Alceu e Véra, que investiram em mim
e me possibilitaram chegar até aqui.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais por terem acreditado em mim, pelo incentivo, força, dedicação e suporte. Pessoas fundamentais que sempre estiveram presentes em todas as horas e momentos da minha vida.

À minha família, que sempre me encorajou a seguir em frente, me deu muito amor e carinho e me passou valores essenciais ao meu crescimento pessoal e profissional. Aos meus avós e tios por torcerem por mim e me dar bons conselhos.

Agradeço às minhas amigas por estarem ao meu lado e tornarem a vida mais divertida. Especialmente à Daniela que com sua opinião crítica me ajudou a enfrentar os desafios.

Obrigada também aos amigos e colegas de mestrado com os quais foi possível dividir opiniões e aprender sempre mais.

Agradeço às minhas companheiras do grupo de pesquisa e aos bolsistas do projeto pelas intensas discussões, pelo companheirismo e pelo trabalho realizado.

Às colegas e amigas Simone e Lauren pelos momentos em que, juntas construímos conhecimentos. À Lauren pela eterna companhia em momentos tão importantes, pelo apoio, encorajamento à descoberta e por dividir comigo incertezas e alegrias.

Aos colegas do NEPeDI, especialmente à Viviane pela contribuição com a análise estatística e à Edi pelo companheirismo.

Ao meu orientador, professor Mauro Luís Vieira pelo conhecimento transmitido, pelas indagações, por ter me instigado a buscar sempre mais, pela exigência, pelo olhar crítico, pelas discussões e principalmente pelo incentivo a publicações. Agradeço também por ter proporcionado um exemplo profissional a ser seguido, além de aprendizado e crescimento profissional e pessoal.

Agradeço à professora Maria Aparecida Crepaldi, pela oportunidade oferecida, pela confiança depositada, por ter ampliado minha visão de mundo e pelos momentos de intensas reflexões e construção de conhecimentos.

Aos professores da UFSC pelas disciplinas ministradas com extrema competência.

Ao Programa de Pós-Graduação da UFSC e à CAPES por possibilitarem o meu aperfeiçoamento profissional.

Às Instituições de Educação Infantil e às famílias que nos receberam e tornaram viável essa pesquisa.

Agradeço aos membros da banca pela atenção e por terem aceitado contribuir com esta pesquisa, em especial à professora Maria Helena Cordeiro que acompanhou minha trajetória e que agora mais uma vez contribui com meu aprendizado.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 OBJETIVOS	17
2.1 Objetivo geral	17
2.2 Objetivos específicos	17
3 REVISÃO DA LITERATURA	18
3.1 Psicologia evolucionista.....	18
3.2 Investimento, envolvimento e engajamento parental	21
3.3 Especificidades do investimento de pais e mães	27
3.4 Cuidado materno e paterno	30
3.5 Configurações familiares	35
3.6 Engajamento materno e paterno na família contemporânea.....	40
3.7 Investimento parental e relacionamento conjugal	47
4 HIPÓTESES.....	51
5 MÉTODO	53
5.1 Caracterização da pesquisa	53
5.2 Contextos	54
5.3 Participantes	54
5.4 Instrumentos para coleta de dados	55
5.4.1 Questionário sociodemográfico	55
5.4.2 Questionário de Engajamento Paterno	55
5.4.3 Questionário sobre relacionamento conjugal... ..	56
5.5 Procedimentos de coleta de dados.....	57
5.5.1 Procedimentos de preparação para a coleta de dados.....	57
5.5.2 Procedimentos para recrutamento e seleção da amostra	60
5.5.3 Procedimentos para a coleta de dados propriamente dita.....	62
5.6 Análise dos dados.....	64
5.7 Aspectos éticos.....	66
6 RESULTADOS.....	68
6.1 Caracterização sociodemográfica dos participantes.....	68
6.2 Caracterização do engajamento parental.....	70
6.3 Comparação entre o investimento de pai e mãe no cuidado com os filhos	74
6.4 Relações entre o investimento parental com as características sociodemográficas das famílias.....	79

6.5 Relações entre o relacionamento conjugal e o investimento de pai e mãe no cuidado com os filhos	82
7 DISCUSSÃO E CONCLUSÃO.....	87
7.1 Caracterização sociodemográfica das famílias.....	87
7.2 Caracterização do engajamento/investimento parental	89
7.3 Semelhanças e diferenças no engajamento de pai e mãe.....	91
7.4 Relação do engajamento parental com variáveis sociodemográficas e o relacionamento conjugal.....	94
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
9 REFERÊNCIAS	103
10 ANEXOS	112
11 APÊNDICES.....	122

BOSSARDI, Carina Nunes. *Relação do engajamento parental e conflito conjugal no investimento com os filhos*. Florianópolis, 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Mauro Luís Vieira

Data da defesa: 07/02/2011.

RESUMO

Este trabalho propõe identificar as características do investimento de pai e mãe no cuidado com os filhos e verificar se o relacionamento conjugal interfere ou não no engajamento parental. Participaram da pesquisa 50 pais e 50 mães de crianças de quatro a seis anos, de Florianópolis e do Vale do Itajaí (SC), que estavam morando juntos há pelo menos seis meses. Utilizou-se os questionários: 1) Sociodemográfico; 2) Engajamento Paterno; 3) Relacionamento Conjugal. Para comparar as respostas das mães e dos pais foi utilizado o teste Mann Whitney. Também foram feitas correlações de Spearman entre os dados. Constatou-se que, embora pais (homens) tenham conseguido escores elevados na maioria das dimensões, as mães se engajam significativamente mais do que o pai no investimento aos filhos em seis das sete dimensões do instrumento, tais como: suporte emocional, abertura para o mundo; disciplina; cuidados básicos; evocações e tarefas de casa. Os escores mais altos para o pai e para a mãe estão relacionados com a dimensão de suporte emocional. O relacionamento conjugal interfere somente no envolvimento do pai; quanto mais satisfeito com o relacionamento mais o pai realiza jogos físicos e cuidados básicos com os filhos. Quanto mais alto o rendimento da mãe, menos ela se engaja e quanto maior a escolaridade, menos ela realiza cuidados básicos. O engajamento paterno não apresenta relações com as variáveis sociodemográficas. Conclui-se que embora o pai esteja participando no cuidado com os filhos, a mãe se destaca, realizando mais atividades do que ele de um modo geral e ainda se diferencia do pai de acordo com dimensões específicas.

Palavras-chave: engajamento materno; engajamento paterno; investimento parental; relacionamento conjugal.

BOSSARDI, Carina Nunes. *Relation of parental involvement and investment in marital conflict with children*. Florianópolis, 2011. Dissertation (Master in Psychology) – Psychology Graduate Program, Federal University of Santa Catarina

ABSTRACT

This paper proposes to identify the investment characteristics of both parents to care for the children and see if the marital relationship interfered with parental engagement. The participants were 50 fathers and 50 mothers of children aged four to six years, Florianópolis and Vale do Itajaí (SC), who had been living together for at least six months. We used the questionnaires: 1) sociodemographic, 2) Paternal Engajament, 3) Marital Relationship. To compare the responses of mothers and fathers used the Mann Whitney test. Were also made Spearman correlations between data. It found that while parents (men) have achieved high scores in most dimensions, the mothers are significantly more engaging than the father to the children on investment in six of the seven dimensions of the instrument, such as: emotional support, openness to the world, discipline, basic care, evocations and homework. The higher scores for father and mother are related to the dimension of emotional support. The marital relationship affects only the father's involvement, the more satisfied with the relationship the father makes more physical games and basic care to the children. The higher the income of the mother, unless she is engaged and more education, the less it make basic care. The paternal engagement has no relationship with sociodemographic variables. We conclude that although the parent is participating in the care of children, the mother stands out, doing more activities than he generally and yet is different the father according to specific dimensions.

Keywords: maternal engagement; paternal engagement; parental investment; marital relationship.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Correlações entre as dimensões do envolvimento materno....	71
Tabela 2 Correlações entre as dimensões do envolvimento paterno.....	73
Tabela 3 Comparações de médias entre pai e mãe nas dimensões do QEP	75
Tabela 4 Comparações entre a ordem dos diferentes tipos de engajamento de mãe e pai	76
Tabela 5 Correlações entre o QEP (geral) e dimensões de mãe e pai ...	77
Tabela 6 Relacionamento entre o QEP (geral) de pai e mãe com variáveis sociodemográficas (características da pessoa).....	79
Tabela 7 Correlações entre o engajamento paterno e materno e variáveis sociodemográficas.....	80
Tabela 8 Correlações entre variáveis sociodemográficas.....	81
Tabela 9 Correlações significativas com o Questionário de Relacionamento Conjugal de pai e mãe	83
Tabela 10 Correlações entre o QRC e QEP (geral e dimensões) de mãe e pai.....	85

1 INTRODUÇÃO

O contexto familiar contemporâneo tem sido enfatizado como importante perspectiva de estudo na área de desenvolvimento humano. Para isso é necessário focalizar a família enquanto contexto de desenvolvimento da criança em que, funções atribuídas e exercidas por membros que dela fazem parte influenciam no relacionamento destes membros. Parte-se do pressuposto de que a família monogâmica, constituída pelo par homem-mulher coabitando o mesmo espaço físico, resulta de uma lenta evolução que se desdobrou através de estágios diferentes do desenvolvimento da estrutura familiar, não necessariamente contínuos ou lineares. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2009) define a família como um conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco, dependência doméstica ou normas de convivência, residente na mesma unidade domiciliar, ou pessoa que mora só em uma unidade domiciliar. Diante das diferentes configurações familiares existentes, este sistema social deve ser compreendido por meio da forma pela qual se apresenta no momento histórico-social na atualidade.

Portanto, a família deve ser vista como um grupo específico em desenvolvimento, inserido em um contexto cultural que pode causar impacto sobre o desenvolvimento de uma criança. Dessen (2000) refere que para compreender como as famílias funcionam é preciso refletir sobre suas transformações, modo de funcionamento, funções que lhe são atribuídas e ainda, os papéis que são exercidos por cada membro participante, de acordo com o contexto histórico e cultural. O fato é que a família passa por importantes transformações e tudo indica que os papéis e relações maternas e paternas estão se modificando e com eles, o cuidado e as responsabilidades na criação dos filhos, que historicamente são identificadas como funções maternas. Segundo dados do IBGE (2007), o número de lares chefiados por mulheres está crescendo, revelando que as mulheres estão ocupando cada vez mais, no contexto atual das famílias brasileiras, o papel de provedoras do sustento familiar. Dentre as novas configurações, destaca-se a existência, cada vez maior de famílias monoparentais, divorciadas e recasadas.

A inserção da mulher no mercado de trabalho é um fator que levou os homens a assumirem maiores responsabilidades dentro do lar. O trabalho fora de casa diminui o contato da mãe com seus filhos e o pai que antes passava a maior parte do tempo fora de casa para garantir o

sustento familiar, é chamado ao encontro de um contato mais direto com as crianças. Ainda que ocorrendo em escala bem menor que a esperada ou desejada, a participação e o envolvimento do pai no cuidado com os filhos e nas funções do lar estão sendo evidenciados, mesmo que a mãe ainda seja identificada como a principal responsável pelo cuidado e pelas tarefas de casa (Jablonski, 2010).

Através de pesquisa realizada no Brasil, Rio de Janeiro, as atividades relacionadas ao investimento parental relativas aos cuidados primários como amamentar, levar ao médico, vacinar, cuidar da alimentação, entre outros, sempre foram mais relatadas pelas mães. As mulheres continuam sendo as principais cuidadoras, entretanto, a preocupação com os cuidados é maior entre os homens, o que a faz inferir que talvez isso indique um processo de mudança, no sentido em que os homens já estejam tendendo para uma maior participação nessa tarefa (Bandeira, 2009).

Um novo perfil de mãe e também de pai começa a ser delineado dentro do contexto familiar e parece ser um desafio da atualidade configurar as relações familiares, ou seja, as interações de pai e mãe com os filhos e com eles próprios. A divisão de papéis, no que se refere aos âmbitos, doméstico e de cuidado com os filhos, nem sempre ocorre da maneira como é esperado, Wagner, Predebon, Mozmann e Verza (2005) referem a coexistência de famílias que seguem a tradicional divisão de papéis (pai como provedor e a mãe como responsável pelo cuidado e educação dos filhos); outras nas quais ocorrem a divisão de tarefas domésticas e educativas entre homens e mulheres e, ainda coexistem famílias nas quais as mulheres são as principais provedoras de sustento do lar, mesmo desempenhando funções no trabalho doméstico e educação dos filhos.

O modo como cada progenitor vai desempenhar suas funções e responsabilidades com o lar e com as crianças vai depender de fatores biológicos e culturais em constante interação e tanto pais quanto mães irão desenvolver comportamentos específicos no cuidado com os filhos. Para acessar tais comportamentos são utilizados termos como investimento, envolvimento e engajamento parental. Assim como é preciso atentar para fatores biológicos e culturais para se entender o papel desempenhado por pais e mães, é importante distinguir o conceito dos termos utilizados para pesquisar a participação parental com os filhos.

O termo investimento proposto por Trivers (1972), parte de uma compreensão evolucionista e entende o fenômeno de modo mais geral, considerando as atividades diretas e indiretas realizadas por pai e mãe

que irão contribuir de forma imediata ou não para a sobrevivência da espécie (Trivers, 1972; Hewlett, 1992), o termo envolvimento é compreendido aqui como um tipo de investimento que se refere às atividades em que os pais interagem direta ou indiretamente com as crianças, visando o cuidado (Lamb, Pleck, Charnov & Levine, 1985; Lamb, 1997). O termo engajamento é recente na literatura psicológica, portanto, ainda pouco utilizado especialmente pela literatura nacional e foi originalmente introduzido nos estudos sobre paternidade, visto que as mudanças sociais abriram caminho para a conceituação do engajamento de cada um dos pais, sendo que o envolvimento da mãe já era estudado há anos. A equipe ProsPère, sediada no Québec (Canadá) e formada por pesquisadores de diversas áreas que se dedicam ao estudo da paternidade, adota o termo engajamento paternal como sinônimo de envolvimento paterno e o conceitua como a participação e a preocupação contínua do pai com a criança (Dubeau, Devault & Paquette, 2009). Esta pesquisa parte da compreensão de que os termos estão relacionados e que, portanto, o engajamento parental pode ser entendido em função da interação de pai e mãe com os filhos, levando em consideração as explicações da teoria do investimento parental.

O investimento paterno, em termos de participação nos cuidados com os filhos, vem crescendo e sua manifestação irá variar de acordo com aspectos do contexto, gerando mudanças na dinâmica familiar, com pais mais participativos e envolvidos com suas crianças, no entanto, sem haver ainda igualdade entre homens e mulheres. Embora o investimento parental seja um comportamento adaptativo ele não é exercido da mesma forma em todos os lugares e fatores como a idade, o sexo e o número de filhos, satisfação conjugal, experiências estressantes na infância, condições de vida, são atrelados à intensidade do investimento parental (Geary & Flinn, 2001; Turcotte & Gaudet, 2009).

Partindo do pressuposto de que a estrutura familiar sofre modificações e que os papéis maternos e paternos são multidimensionais e complexos, na medida em que pais e mães desempenham papéis diferenciados dependendo dos contextos culturais e da função familiar que ocupam, é necessário realizar pesquisas que tenham como objetivo a investigação desta temática, levando em consideração a diversidade cultural existente. Dubeau et al. (2009) identificam a necessidade de investigar o engajamento paterno em termos específicos a partir de uma visão multidimensional, em busca de uma análise mais aprofundada das diferenças que possam existir entre os pais (homens) em diferentes contextos, mas também entre as mães e pais sob diferentes formas de engajamento. O pai passa a ser visto não mais como somente o

provedor, mas como importante para o desenvolvimento infantil. O padrão ideal que vem sendo constituído é de um pai participativo e envolvido com a família e com o filho. Este fato demarca um aumento nas funções paternas que agora inclui o vínculo com a criança e a responsividade no cuidado parental, mas não chega necessariamente em uma igualdade com as tarefas da mãe (Bandeira, Goetz, Vieira & Pontes, 2005; Jablonski, 2010; Lamb, 1997).

A literatura revela que são encontradas diferenças nos estilos de cuidado e de investimento parental e que estas diferenças podem exercer influência no desenvolvimento da criança. É necessário que sejam investigados os processos que produzem as diferenças e também semelhanças nos comportamentos parentais. Conforme afirmam Vieira, Rímoli, Prado e Chelini (2009), o cuidado parental vem sendo investigado significativamente por meio de pesquisas com animais e humanos. Dentre este assunto, o comportamento materno é alvo de interesse e está envolvido em um grande número de trabalhos produzidos. Já o comportamento paterno, embora também importante, tem sido enfatizado em menores proporções, obtendo destaque considerável a partir de 1990.

Pesquisas mostram que mesmo após as transformações familiares, das novas relações de gênero, com os cuidados parciais da mãe para com os filhos e da desestabilização da figura do pai como lei e autoridade, os homens continuam a desempenhar papel secundário no que se refere ao cuidado com os filhos e outras tarefas domésticas (Carvalho, Cavalcant, Almeida & Bastos, 2008). Estudos revelam que os pais participam muito pouco das tarefas domésticas e quase não desempenham participação nos cuidados com os filhos, sendo apenas referidas as atividades de brincadeiras (Araújo & Scalón, 2006; Crepaldi, Andreani, Hammes, Ristof & Abreu, 2006). Outros estudos referem maior participação masculina nos cuidados com os filhos em detrimento das tarefas domésticas (Gomes & Resende, 2004; Winsler, Madigan & Aquilino, 2005).

Pelo fato de o funcionamento parental ser multideterminado o relacionamento conjugal de pais e mães pode ter relação com as características do investimento no cuidado com os filhos. Relações conjugais satisfatórias favorecem relações parentais de boa qualidade, enquanto relações conflituosas levam ambos os pais a ser menos atenciosos e sensíveis às crianças (Dessen & Braz, 2005; Silva & Picininni, 2007; Wagner et al., 2005). Crianças menores demandam um maior número de cuidados e dependência por parte do adulto (geralmente assumidos pela mãe). Com as crianças maiores a

participação do pai, no que diz respeito à interação e à acessibilidade aumentam. Uma criança com mais de três anos está mais aberta para outras relações, sendo menos dependente de sua mãe e, por isso, o pai passa a ter mais espaço para aproximar-se dela (Lamb et al., 1985).

Basta saber agora, como estão sendo configuradas tais modificações e como as tarefas estão sendo realizadas por cada progenitor. Pretende-se contribuir com o conhecimento sobre quais variáveis influenciam no envolvimento paterno e qual é efetivamente o papel desempenhado pela mãe e pelo pai neste contexto. Espera-se que este estudo possa contribuir com o tema no sentido de aumentar o conhecimento acerca do funcionamento das famílias, bem como da participação efetiva do pai neste contexto. Pretende caracterizar como está ocorrendo o envolvimento paterno e materno, procurando identificar o relacionamento entre o engajamento parental e algumas variáveis que podem ajudar a compreender os resultados.

O envolvimento paterno tem sido explorado em pesquisas, mas este projeto propõe investigar fatores específicos e importantes à definição do tema, como a investigação do engajamento paterno e materno, em termos gerais e de acordo com dimensões, em famílias biparentais com filhos de quatro a seis anos. Além disso, também se espera que os resultados desse estudo possam gerar discussões (na sociedade, nas escolas, na saúde, nas famílias) que atentem para a importância de se considerar o pai no contexto familiar, incentivar e promover interações e participações de qualidade entre pai-criança para assim contribuir com o desenvolvimento infantil.

A presente pesquisa se insere no âmbito de um projeto mais amplo realizado em convênio entre a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade do Québec em Montreal (UQÀM) e Universidade de Montreal (UM), intitulado “*A transmissão intergeracional da violência: a relação do conflito conjugal e parental com a agressividade entre pares de crianças de quatro a seis anos de idade*”. Tal projeto está sendo desenvolvido, no Brasil, em parceria entre o Laboratório de Pesquisa em Saúde, Família e Comunidade (LABSFAC) e o Núcleo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento Infantil (NEPeDI) da UFSC e tem por objetivo estabelecer um elo entre três formas de violência familiar, quais sejam, a violência conjugal, a violência parental e a agressão das crianças entre si, propondo um modelo de transmissão intergeracional das estratégias de gestão de conflitos. Caracteriza-se como um estudo quanti-qualitativo, com dados coletados por meio de um conjunto de instrumentos que devem ser respondidos por pais e mães individualmente e pela professora da

criança focal, além do registro cursivo em diário de campo.

Tem-se como objetivo específico no presente estudo analisar as características do engajamento de pais e mães no cuidado com os filhos de 4 a 6 anos, tendo em vista as atuais modificações sociais e familiares. Buscou-se verificar como estão ocorrendo as relações pais-filhos, mães-filhos e homem-mulher (casal), no que diz respeito ao cuidado com os filhos e funções familiares. Para realização do presente estudo serão utilizados os princípios da Psicologia Evolucionista que tem como foco de interesse as predisposições biológicas e também as características gerais do comportamento que aparecem em diferentes contextos. Assim, parte-se do princípio que o comportamento maternal e paternal humano foi selecionado no decorrer do processo de evolução e também é modificado pelo contexto cultural. Com base nesses pressupostos, propõe-se investigar a seguinte pergunta de pesquisa:

- Quais as características do engajamento parental e sua relação com variáveis sócio-demográficas e o relacionamento conjugal no investimento com os filhos de 4 a 6 anos?

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Investigar as características do engajamento parental e sua relação com variáveis sociodemográficas e o relacionamento conjugal no investimento com os filhos de 4 a 6 anos.

2.2 Objetivos específicos

- a) Caracterizar os diferentes tipos de engajamento do pai e da mãe;
- b) Identificar semelhanças e diferenças entre os tipos de engajamento de pais e mães no cuidado com os filhos;
- c) Relacionar o engajamento parental com variáveis sociodemográficas (escolaridade, idade, renda, número de filhos, sexo da criança e jornada de trabalho);
- d) Identificar a percepção de pais e mães sobre o relacionamento conjugal;
- e) Verificar se o relacionamento conjugal interfere no engajamento do pai e da mãe no cuidado com os filhos.

3 REVISÃO DA LITERATURA

3.1 Psicologia evolucionista

A perspectiva evolucionista utiliza os princípios da evolução das espécies para explicar as estruturas físicas e os processos comportamentais predominantes na natureza. Darwin lançou sua teoria evolucionista no livro “A origem das espécies”, publicado em 1859, considerando o ser humano, assim como outros organismos vivos, o resultado de um processo evolutivo, denominado seleção natural. Por meio de uma perspectiva interacionista, a Psicologia Evolucionista propõe que os fenômenos sejam compreendidos de um modo mais abrangente, levando em consideração o nível ontogenético e filogenético da espécie humana. O ontogenético refere-se ao desenvolvimento do ser humano a partir de seu nascimento enquanto que o filogenético corresponde ao desenvolvimento da espécie, trazendo, portanto, explicações de uma história evolucionista (Tooby, 1985).

Assim, o pensamento evolucionário tem suas raízes na obra do naturalista Charles Darwin (1809-1882) e emerge com a formulação de teorias e a produção de estudos empíricos em praticamente todas as áreas do comportamento, como desenvolvimento humano, relações sociais, dominância, status e hierarquias sociais, desenvolvimento da personalidade, comportamento reprodutivo e parental, cooperação, agressão, estratégias reprodutivas, investimento parental, origem dos valores morais e psicopatologia, entre outros (Ades, 2009).

A biologia evolutiva manifestou-se através de duas versões (século XIX): Lamarck e Darwin, mas foi com Darwin que ela teve sua maior expressão e destaque, por meio dos conceitos de adaptação e reprodução; análise causal (manutenção e reprodução do organismo) e funcional (efeito de cada órgão ou comportamento em relação aos demais), até chegar aos princípios da “Evolução das Espécies” que preconiza que em um ambiente de seleção natural, há a existência de variabilidade entre os membros de uma espécie, resultante da combinação entre os genes recebidos dos pais e das diferenças ambientais vivenciadas (Desmond & Moore, 1995).

A psicologia evolucionista envolve a exploração de características selecionadas naturalmente e também das que serão moldadas por mecanismos que controlam o comportamento. O conceito de adaptação é central e serve para explicar que uma característica foi

selecionada por meio da evolução por ter como consequência a perpetuação da espécie. Assim, os genes presentes nesta geração são aqueles que tiveram, em ambientes anteriores, estratégias eficazes para sua própria propagação e os comportamentos são explicados a partir desta seleção natural de características. A seleção natural acontece uma vez que as adaptações são genes herdados e os indivíduos melhor adaptados ao ambiente se reproduzirão e deixarão mais descendentes com características bem adaptadas ao ambiente em que vivem. Aqueles indivíduos que possuem características anatômicas, fisiológicas e comportamentais que lhes possibilitam resolver os problemas impostos pelo ambiente, terão maiores chances de sobreviver e se reproduzir. Essas características são transmitidas aos seus descendentes e, ao longo de gerações, podem se estabelecer na população e tornarem-se adaptações, ou seja, estruturas que possibilitam a resolução de problemas evolutivos específicos (Tooby, 1985).

O ambiente de adaptação evolucionário (AAE) é outro conceito que deve ser levado em conta para a compreensão dos mecanismos de seleção, já que é bastante diferente do mundo moderno atual. Os ancestrais humanos passaram aproximadamente 99% da história evolucionária vivendo em sociedades nômades caçador-coletores, em grupos pequenos de 30 a 60 indivíduos. Geração após geração, a seleção natural lentamente esculpiu o cérebro humano, favorecendo circuitos que melhor resolviam os problemas do dia-a-dia dos ancestrais naquele ambiente, como encontrar um parceiro, caçar animais, coletar plantas para alimentação, negociar com os outros, defenderem-se contra agressões, escolher um bom habitat, entre outros (Cosmides & Tooby, 1997). Para melhor compreender o comportamento atual deve-se levar em conta todos os mecanismos evolutivos que estão em jogo e as constantes transformações sociais a que os indivíduos são expostos.

A Psicologia Evolucionista, por meio de conhecimentos da moderna biologia evolucionária, se fez presente como paradigma na maior parte das ciências biológicas, na antropologia, demografia, economia, direito e filosofia e constitui como campos de conhecimento: a etologia, a ecologia evolucionista e a antropologia cultural evolucionista. Sofre influência crescente do *Center for Evolutionary Psychology* (Centro de Psicologia Evolucionista), da Universidade da Califórnia, dirigido por Leda Cosmides e John Tooby e se faz presente no Brasil, demarcadamente desde o ano de 2004 por meio do Grupo de Trabalho de Psicologia Evolucionista na Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP). No ano de 2005 deu-se a criação do Instituto do Milênio que conta atualmente com a

participação de dezesseis pesquisadores de nove instituições brasileiras (UFRN, UERJ, USP, UFSC, UFES, UFBA, UFPA, UFMT, UCG), os quais atuam para descobrir e compreender a estrutura da mente humana, utilizando, para isso, os conhecimentos e princípios da biologia evolucionista (Ades, 2009).

A Psicologia Evolucionista traz para a psicologia a proposta de solução para uma questão que há muito vem sendo debatida: a dicotomia entre natureza e criação, entre biologia e cultura, entre inato e adquirido e entre indivíduo e meio. Sugere uma proposta para superar tais ambigüidades existentes ao se falar em comportamento humano e, para fugir do reducionismo biológico e do determinismo. A partir de uma perspectiva interacionista propõe estudar a relação existente entre os referidos aspectos que devem ser compreendidos também em função de características microgenéticas, sociocultural, ontogenéticas e filogenéticas, o que caracteriza uma ampliação nos modos de entender os fenômenos, procurando formas mais complexas e amplas em constante interação (Seidl de Moura, 2005).

A perspectiva evolucionista identifica a funcionalidade de determinado comportamento na vida de um indivíduo e como ele contribui para a perpetuação da espécie. A Psicologia do Desenvolvimento Evolucionista tem como objetivo explicar o desenvolvimento humano, utilizando para isso, os princípios básicos da teoria da evolução, procura investigar de que forma o passado evolucionista repercute no desenvolvimento ontogenético da espécie humana (Vieira & Prado, 2004). As pesquisas realizadas nesta área permitem discutir sobre a existência de características inatas e também de habilidades que serão desenvolvidas em contato com o ambiente físico e social. Diversas teorizações são formadas neste sentido e ajudam a compreender melhor a relação do indivíduo com o meio em que vive. Estas questões de acordo com Keller (2007) permitem estudar os papéis da hereditariedade e da experiência, o que traz a tona também o papel da cultura no desenvolvimento.

De acordo com Vieira e Prado (2004) a Psicologia Evolucionista interessa-se pelas predisposições biológicas e também pelas características gerais do comportamento que aparecem em diferentes contextos, tendo como objetivo conhecer como ocorre a interação biologia-cultura ou indivíduo-meio. Para este fim, são utilizadas as contribuições da perspectiva etológica que realiza estudos comparativos entre os seres humanos e outros animais, buscando relações entre as variáveis biológicas e as do ambiente, ao longo do processo de evolução das espécies. O foco então, centra-se no aspecto biologia X cultura e a

contribuição dos estudos realizados está em considerar as múltiplas influências que podem ser usadas para explicar um fenômeno em questão.

Segundo Vieira e Prado (2004), homens e mulheres possuem diferentes estratégias adaptativas para gerar e criar descendentes, o que demarca as diferenças no comportamento reprodutivo e no cuidado parental. Os aspectos abordados nesta pesquisa terão como base a perspectiva evolucionista. Segundo tal perspectiva, as diferenças e semelhanças entre os papéis que homens e mulheres assumem frente a parentalidade e a criação dos filhos, podem ter uma explicação evolutiva e cultural. Essas explicações têm origem desde a escolha do parceiro, passando pela história reprodutiva de homens e mulheres até as funções assumidas pela mulher durante e depois da gestação, que se diferencia das funções exercidas pelo companheiro homem (Silva & Brito, 2005).

3.2 Investimento, envolvimento e engajamento parental

A teoria do investimento parental foi proposta por Trivers (1972) que define o termo como investimento de energia, já que a garantia de sobrevivência da espécie e as chances de sucesso reprodutivo dependem de um alto investimento e também da quantidade de energia envolvida neste processo. Assim, o investimento parental é compreendido como o grau que cada sexo investe na sua prole, ou seja, qualquer investimento que pais (pai e mãe) despendem em favor da prole visando aumentar a sobrevivência e, conseqüentemente, a reprodução, reforçando assim, a ligação entre investimento parental e a seleção sexual. Trivers também propõe esta relação, ao indicar que o sexo que mais investe na prole (feminino) é o mais exigente quanto à escolha do parceiro, enquanto o sexo que menos investe (masculino) compete mais ativamente para obter membros do sexo oposto e garantir o sucesso reprodutivo (Borrione & Lordelo, 2005; Kriegman, 1999).

Ao se referir à teoria do investimento parental, autores se reportam também à teoria de estratégia sexual, explicitando uma relação entre essas teorias, uma vez que o investimento parental é utilizado como uma das estratégias na escolha de parceiro(a)s (Borrione & Lordelo, 2005; Lordelo et al., 2006; Moller & Thornhill, 1998). A teoria da estratégia sexual parte do princípio de que os seres humanos possuem mecanismos psicológicos envolvidos na escolha de um parceiro sexual como a atração sexual, o desenvolvimento de vínculos e o

estabelecimento de relações duradouras. O comportamento feminino se dá de um modo diferenciado do comportamento masculino, no sentido em que homens e mulheres vivenciam diferentes problemas de acasalamento no ambiente evolucionário de adaptação da história humana e que, portanto possuem diferentes estratégias reprodutivas. A teoria de investimento parental é considerada como a principal força propulsora da seleção sexual (Borrione & Lordelo, 2005; Buss & Schmitt, 1993).

Portanto, para compreender o investimento parental, é necessário definir as diferentes estratégias sexuais de machos e fêmeas. As fêmeas são mais seletivas no acasalamento e escolhem seus parceiros pelo que eles podem representar para o futuro da prole, sendo que, devido à fertilização, gestação, amamentação e cuidado com a criança, investem mais tempo e recursos do que o homem. Por outro lado, o macho é menos discriminativo na escolha e tem por objetivo inseminar um maior número de mulheres férteis, de forma a aumentar o sucesso reprodutivo, desenvolvendo o mecanismo de evitação de compromisso e de investimento (Geary & Flinn, 2001). A espécie humana pode ser compreendida a partir disso e devido à ovulação oculta, a única forma do homem obter a certeza da paternidade e garantir a probabilidade de que a prole seja sua, é permanecer ao lado da mulher. Por parte das mulheres, esse investimento parental masculino (provisão de recursos, alimentação, proteção e formação de alianças) servirá de guia para escolha de parceiros (Borrione & Lordelo, 2005).

Dessa forma, o investimento parental como a proteção e o cuidado da prole, ocorre de forma diferenciada dependendo do objetivo e da função do sexo do indivíduo. Assim, as diferenças no investimento parental entre os sexos podem ter gerado estratégias de seleção de parceiros diferenciadas, as quais variam de acordo com a durabilidade e o objetivo dos encontros entre parceiros (Geary & Flinn, 2001). De acordo com Geary (2000) o cuidado paterno direto é uma característica da espécie humana e pode ser explicado tanto por fatores evolutivos como culturais. Dentre os fatores associados à evolução do investimento paterno estão: a sobrevivência da prole, as oportunidades de acasalamento e certeza da paternidade. Os fatores culturais referem-se ao desejo social de igualdade entre as funções maternas e paternas, ou seja, à compreensão de que homens e mulheres devem contribuir igualmente para o bem-estar dos filhos (Geary, 2000).

Hewlett (1992) refere o termo investimento parental como uma importante contribuição da Psicologia Evolucionista e que está relacionado com o modo mais global de engajamento dos pais (pai e

mãe) em atividades que contribuem para a sobrevivência da sua prole e em última instância, para seu sucesso reprodutivo. Dois tipos de investimento parental são caracterizados pelo autor, direto e indireto. O investimento direto refere-se a atividades e comportamentos de pais e mães que exercem uma influência imediata na sobrevivência da criança, tais comportamentos podem incluir alimentar, transmitir conhecimentos culturais, e fornecer recursos e cuidado. Já o indireto diz respeito a atividades e comportamentos que beneficiam a criança sem necessariamente a criança estar presente fisicamente, como defender, manter acesso a recursos e alimentação e providenciar suporte emocional e econômico à mãe. Em termos de história evolutiva da espécie humana, o macho providenciava recursos e defendia a fêmea até a hora da concepção, ou seja, despedia um investimento indireto à prole. Por questões óbvias (relacionadas com a gestação interna) a fêmea estava presente diretamente, tanto antes da concepção como depois, pois é a ela que cabem os cuidados para com os descendentes (Borrione & Lordelo, 2005; Hewlett, 1992).

Por outro lado, as estratégias de investimento parental sofrem influências do contexto ecológico, ou seja, a quantidade de investimento parental pode influenciar dois estilos reprodutivos distintos, representando trajetórias de desenvolvimento diferenciadas. No primeiro, o indivíduo que na infância teve experiências de baixo investimento, ausência paterna, falta de recursos, conflito conjugal e violência familiar, terá estilo reprodutivo mais quantitativo (mais parceiras sexuais, mais filhos, menor espaçamento entre os nascimentos e baixo investimento parental). O segundo, representa o indivíduo que dispõe de recursos materiais satisfatórios, experimenta um alto investimento parental e um clima familiar positivo e, portanto, tem um estilo reprodutivo mais qualitativo (permanência com a companheira, menos filhos e maior espaçamento de tempo entre os nascimentos e alto investimento parental). Assim, o ciclo vital dos indivíduos como um todo está ligado aos seus interesses reprodutivos e às condições ecológicas em que eles vivem, o que explicita que essa teoria tem o potencial de integrar dimensões biológicas e culturais a uma psicologia do desenvolvimento humano (Borrione & Lordelo, 2005; Lordelo et al., 2006).

O grau de investimento parental ao mesmo tempo em que aumenta as chances de sobrevivência, diminui a probabilidade dos pais de se envolverem na criação de outros filhos. O envolvimento parental, definido como comportamentos e atividades realizadas por pais e mães em função de seus filhos, vai depender, dentre outros fatores, do número

de filhos, das condições sociais e econômicas do contexto. Dada as mudanças relativas ao contexto familiar, a paternidade começa a ser melhor definida e o envolvimento paterno passa a ser estudado e determinado em termos de quantidade, conteúdo e qualidade. Diversos estudos buscam configurar as funções paternas na família e no desenvolvimento infantil, demonstrando um aumento no envolvimento paterno e apontando um movimento de maior participação do pai no cuidado da criança (Goetz & Viera, 2009; Lamb, 1997; Pleck, 1997; Silva & Piccinini, 2007; Vieira et al., 2009).

De acordo com Lamb (1997), a partir da década de 70 muitas pesquisas passaram a investigar a natureza e a extensão das interações pai-filho e, para isso, são conceituados termos como o envolvimento e o engajamento paterno. Depois de tentar acessar o fenômeno da paternidade, os termos passam a ser estendidos também para o estudo da maternidade e, mais importante ainda, para a comparação da interação de pai e mãe no cuidado com os filhos.

O termo envolvimento é entendido aqui um tipo de investimento e refere-se à interação ou proximidade com a criança (Hewlett, 1992). Pode ser caracterizado também em dois tipos: ativo e passivo. O envolvimento ativo envolve cuidar, fazer a higiene e falar com a criança. Envolvimento passivo é a proximidade com a criança, sem necessariamente implicar uma ação, como dormir junto e ficar perto. Este termo é utilizado por psicólogos interessados em pesquisas do desenvolvimento interculturais porque eles estão interessados em como a presença do pai e da mãe e seu nível de envolvimento com a criança podem influenciar no seu desenvolvimento emocional, cognitivo, da personalidade e da moral.

Lamb et al.(1985) sugeriram três aspectos de avaliação do envolvimento paterno: interação, acessibilidade e responsabilidade. A interação ou engajamento é definido pelo contato direto com o filho em cuidados e atividades compartilhadas, a acessibilidade refere-se à presença e disponibilidade para a criança, possibilitando a ocorrência de interações e a responsabilidade é o papel que o pai exerce garantindo cuidados e recursos para a criança, como contratação de babá, marcação de consulta com pediatra ou comprando roupas e alimentos. Segundo estes autores, o envolvimento se refere à relação pai-bebê, ou seja, a participação do pai na vida de uma criança revela um pai envolvido ou não.

A equipe ProsPère (<http://www.graveardec.uqam.ca/prospere/>), sediada na Universidade de Québec a Montréal (UQÀM) no Québec (Canadá), formada por pesquisadores de diversas áreas, que há 10 anos

dedicam-se ao estudo da paternidade adota o termo *engajamento paternal* como sinônimo de envolvimento paterno e o define como a participação e a preocupação contínua do pai biológico ou substituto, acerca do desenvolvimento e bem-estar físico e psicológico de seu filho. O engajamento se exprime de diferentes formas e se desenvolve passo a passo a sua maneira:

- Pai em interação: presença do pai para com a criança, direta ou indireta.
- Pai que cuida: compartilha as tarefas cotidianas.
- Pai afetuoso: gestos e palavras que tranqüilizam e encorajam.
- Pai responsável: realiza tarefas para o desenvolvimento da criança.
- Pai provedor: promove apoio financeiro para as necessidades da criança.
- Pai evocativo/significativo: pai que pensa na criança (Dubeau et al., 2009, p.75, tradução livre).

Esta pesquisa utiliza os três termos descritos para identificar as formas de interação e as atividades realizadas por pai e mãe com seus/suas filhos(as). O termo investimento parece fornecer uma compreensão mais global e abrangente, pois permite explicar o comportamento parental e, principalmente, a diferença entre eles, a partir da interação de características evolutivas e culturais. O termo envolvimento e engajamento se referem às atividades que exercem conseqüências imediatas ao desenvolvimento infantil e acontecem na forma de interação, acessibilidade e responsabilidade. O termo investimento é utilizado por pesquisadores evolucionistas nacionais (Bandeira, 2009; Borrión & Lodelo, 2005; Lodelo et al., 2006; Seidl de Moura, 2005; Vieira et al., 2009) e internacionais (Geary, 2000; Moller & Thornhill, 1998; Trivers, 1972). O termo envolvimento é o termo mais encontrado tanto em pesquisas nacionais como internacionais como nos estudos de Lamb (1997); Pleck (1997), Silva e Piccinini (2007), entre outros. O engajamento tem sido conceituado por pesquisadores como Bigras e Paquette (2000); Dubeau, et al. (2009); Paquette, Bolte´c, Turcottea, Dubeau, Bouchard (2000). Além desses, outros estudos citados ao longo desta pesquisa, tratam da participação paterna, e da definição de novas configurações familiares e funções maternas e paternas.

Em levantamento bibliográfico entre os anos de 2000 e 2010, Bossardi, Gomes, Crepaldi e Vieira (2010, artigo não publicado)

investigaram a incidência de artigos científicos na literatura nacional e internacional, sobre esta temática, indexados nas bases de dados, LILACS, MEDLINE, Science Direct, SciELO e Pepsic. Utilizando como descritores os termos envolvimento paterno, engajamento paterno, paternal involvement, paternal engagement, father engagement, engagement paternel, os autores verificaram que há um número maior de pesquisas com o termo envolvimento ou involvement do que com o termo engajamento ou engagement. Confirmando que o termo engajamento ainda é novo e pouco explorado na investigação da paternidade.

Assim, confirma-se a existência dos três termos utilizados para investigar o comportamento paterno, que de acordo com as definições e discussões na literatura estão interligados. Para o presente estudo, concorda-se com as definições já existentes e propõe-se investigar o envolvimento e o engajamento como sendo a participação e a interação parental com os filhos. O termo investimento aparece como pano de fundo para compreensão dos resultados, pois supõe-se que um alto engajamento dos pais com os filhos pode aumentar as chances de sobrevivência da espécie.

Diversos estudos têm enriquecido a investigação sobre fatores associados ao envolvimento paterno. Este trabalho é um pouco dificultado pela heterogeneidade de definições e medidas do conceito de envolvimento paterno. O conceito tem sido definido pela intensidade do relacionamento com a criança (quanto tempo o pai gasta com a criança), pela natureza da relação com a criança (o que o pai faz com a criança) e pela qualidade do relacionamento com a criança (como o pai faz com a criança). Metodologicamente, as pesquisas utilizam de meios quantitativos e qualitativos. No que se refere aos quantitativos, muitos instrumentos são criados para acessar o comportamento da mãe com a criança e poucos permitem acessar o pai (Dubeau et al., 2009).

Bandeira (2009) por meio de sua pesquisa, acerca das crenças sobre investimento parental, realizada no Rio de Janeiro, refere a dificuldade na definição do termo investimento parental e definiu, a partir do método qualitativo, seis categorias que podem ser usadas para indicar diferentes tipos de investimento parental: investimento financeiro, emocional, em cuidados básicos, intelectual, social-espiritual e familiar-pessoal. Utilizou ainda, uma escala construída a partir de um instrumento aplicado com as mães para comparar o investimento de pai e mãe com os filhos. Para pesquisar o pai, a equipe ProsPère desenvolveu e validou a partir de uma amostra de 468 pais, um questionário sobre o engajamento paterno (QEP) (Paquette et al., 2000),

o qual foi também utilizado nesta pesquisa. Para Dubeaut et al. (2009), adotar uma visão multidimensional do engajamento permite uma análise mais aprofundada das diferenças que possam existir entre os pais (homens), mas também entre as mães e pais sob diferentes formas de engajamento. O QEP contém sete dimensões, que assim como no estudo de Bandeira (2009), permitem identificar diferentes formas de engajamento: suporte emocional, abertura ao mundo, cuidados básicos, jogos físicos, evocações, disciplina e tarefas de casa.

Esta pesquisa centra-se no estudo do investimento, entendendo-o a partir do envolvimento e do engajamento, ou seja, o termo será analisado em função dos comportamentos que podem demonstrar a ligação de mães/pais com os (as) filhos(as). Sabe-se que as práticas parentais podem ser consideradas causas próximas (entendidas ao longo do desenvolvimento humano, causando conseqüências imediatas) e causas últimas (ao longo da história evolutiva, cujo maior objetivo é a sobrevivência da espécie). Para efeito desta pesquisa, serão observadas as causas próximas, as causas últimas serão apenas consideradas, visto que demandariam um estudo longitudinal e transgeracional, pois o investimento nos filhos pode aumentar a probabilidade de sobrevivência, mas essa é só uma probabilidade, que não pode ser acessada em um estudo transversal.

3.3 Especificidades do investimento de pais e mães

A espécie humana caracteriza-se pelo alto investimento parental. Esse investimento é definido pela maior ou menor quantidade de cuidado biológico e/ou psicológico dispensado à prole e as condições ecológicas que os pais vivenciam, influenciam nas decisões de investimento parental, as quais se expressam na prevalência de certos estilos de cuidado e em diferenças, entre fêmeas e machos, no investimento dispensado à prole (Lordelo et al, 2006). A fêmea dado o maior investimento prévio na produção de gametas, gestação e amamentação tende a investir mais em esforço parental, enquanto os machos tendem a investir mais em esforço reprodutivo, mas esse esforço reprodutivo, dentre os humanos não estaria apenas ligado à busca de parceiro, mas também, a manutenção da relação com a nova parceira. Ambos os sexos podem prover cuidados, ou desejar fornecer cuidados às crianças e este ato pode servir como atrativo para estabelecer e manter relações (Tokumaru & Bergamin, 2005).

A mãe humana tem certeza da maternidade e, portanto, pode garantir seu sucesso reprodutivo ao investir em seu bebê. O pai, dada a fecundação interna, não tem certeza da paternidade e pode investir mais ou menos em função deste fato. Além da explicação evolutiva, tem-se o fato de que o investimento no cuidado com a criança variará em diferentes contextos de acordo com a cultura e com os custos envolvidos (Tokumaru & Bergamin, 2005).

Mudanças anátomo – fisiológicas na espécie humana como o bipedalismo (ato de andar ereto e sob dois pés) foram um fator determinante para o nascimento da família, pois para permitir a postura ereta a pélvis feminina ficou mais estreita e o parto de um bebê grande passou a ser inviável. Dessa forma, o bebê humano passou a nascer com suas capacidades não completamente desenvolvidas o que resultou na sua imaturidade e dependência de cuidados adultos. As mudanças no comportamento sexual também foram determinantes para a origem da família, já que a receptividade sexual da fêmea além do período fértil passou a favorecer vínculos afetivos mais duradouros entre o casal. Devido a esses fatores, o macho passa a investir mais na alimentação da companheira e da prole, enquanto a fêmea fica cuidando e amamentando seus filhos (Weber, 2004).

Assim, o aumento no sucesso reprodutivo aparece como explicação funcional para o estabelecimento de novas relações amorosas, enquanto que a explicação causal leva em conta características econômicas tais como a reciprocidade e os prazeres da companhia e do sexo. Ainda, os sentimentos de reciprocidade, prazer e companheirismo podem ser características humanas selecionadas ao longo da evolução justamente por terem levado à formação de vínculos entre homens e mulheres, tendo como resultado o aumento de seu sucesso reprodutivo (Tokumaru & Bergamin, 2005). Neste sentido o investimento paterno possui relação com o relacionamento amoroso, o que é demonstrado a partir de uma pesquisa realizada em uma cidade do Novo México, nos Estados Unidos, citada por Tokumaru e Bergamin (2005), onde os homens investiram mais nos filhos frutos do relacionamento atual que nos dos relacionamentos anteriores.

Um exemplo de investimento parental é dado por Carvalho et al. (2008), mais especificamente no que se refere ao investimento da mãe com a sua prole. Este exemplo é citado conforme o ambiente humano de evolução, em que a mãe, além dos nove meses de gestação, está envolvida na criação bem sucedida de um filho e esse investimento envolve longos meses de amamentação e atenção constante para a proteção dos bebês, ou seja, os bebês demandam da mãe um

acompanhamento constante, sendo necessário carregá-los por onde quer que ela vá e isso exige de três a quatro anos de sua vida, o que explica o espaçamento entre os nascimentos de filhos.

A perda de um filho terá um custo evolutivo alto para a mulher, muito mais que para o homem, que pode produzir descendentes com diversas mães e com pouco investimento, o que explica especificidades no investimento materno e paterno e a facilidade do homem se afastar da família e dos cuidados parentais. Assim, o comportamento materno é identificado tipicamente pelo cuidado e nutrição das crianças e o comportamento paterno com esferas que envolvem frequentemente a busca por recursos que permitam indiretamente este cuidado e alimentação, como prover sustento e segurança à mãe e à prole (Carvalho et al., 2008).

Autores como Borrión e Lordelo (2005); Lordelo et al. (2006) afirmam que as relações entre os componentes do investimento parental são complexas e dependentes do contexto, o que supõe envolver mais elementos como o tipo de trabalho da mulher, a composição familiar e as relações de apego entre os genitores e entre pais-criança, que vão além do modelo proposto por Trivers. Condições ecológicas vigentes nos primeiros anos de vida, como a presença de pai e mãe no ambiente de criação da mãe, parecem estar ligadas aos padrões reprodutivos da mulher e este conjunto gera resultados no desenvolvimento das crianças. Assim, há necessidade de se considerar em estudos futuros, algumas variáveis importantes como famílias biparentais (composta pelos dois genitores), escolaridade e nível sócio-econômico, uma vez que variáveis como renda e escolaridade dos pais estão fortemente associadas a resultados no desenvolvimento infantil. Famílias compostas pelos dois genitores possuem maior possibilidade de ter mais recursos materiais do que aquelas formadas por um dos genitores e um alto investimento gera apego seguro na criança e conseqüências positivas para a vida adulta (Lordelo et al., 2006).

Para a teoria evolucionista há variações na quantidade de investimento parental e no cuidado com os filhos (cuidado parental), entre mulheres e homens. O investimento e o cuidado irão variar conforme as características de desenvolvimento dos filhotes e das condições ecológicas. Entre os humanos, o cuidado parental é intenso durante os primeiros anos de vida, pois as condições de dependência que o bebê humano apresenta, exigem a presença de um adulto que forneça os cuidados necessários para sua sobrevivência (Vieira & Prado, 2004). As especificidades no investimento de pai e mãe são importantes para compreender as diferenças no cuidado materno e paterno, lembrando

sempre que tais diferenças irão depender de características biológicas e evolutivas em interação com o contexto cultural que irá influenciar as funções a serem desempenhadas por homem e mulher na formação de uma família e no cuidado com os filhos e filhas.

3.4 Cuidado materno e paterno

De acordo com Keller (2007), os cuidados parentais são entendidos como sistemas de cuidado a que o indivíduo é exposto durante os primeiros anos de vida e que têm conseqüências importantes no desenvolvimento infantil. A mãe, geralmente, é a figura identificada como referência para o cuidado e interação com o bebê. Os bebês apresentam um conjunto de características que os capacitam para os primeiros contatos e trocas com os membros da cultura, como por exemplo, o choro e outros comportamentos que despertam respostas nos adultos (Seidl de Moura & Ribas, 2004).

As diferenças existentes no investimento parental entre mulher e homem e nos papéis de mães e de pais no cuidado com os filhos, são utilizadas para compreender as atitudes parentais e o comportamento maternal e paternal humano que vem se alterando e até recebendo indicações ou aspirações de igualdade. A distinção dos papéis femininos e masculinos vai desde a mulher inserida na esfera privada (de cuidado) enquanto o homem ocupa a esfera pública (de sustento), até as questões que envolvem relações de poder e direitos sociais. Historicamente, mesmo as mulheres que ocuparam “espaços tipicamente masculinos”, eram desvalorizadas e mal remuneradas, pois existiam funções específicas de acordo com o sexo. As mulheres que participavam da esfera pública eram mal vistas socialmente, já que a competência delas era de cuidar do lar e dos filhos, enquanto a do homem era sair de casa, trabalhar e garantir o sustento econômico e a estabilidade familiar (Fleck & Wagner, 2003; Perrelli, 2005; Perucchi & Beirão, 2007).

A divisão do trabalho entre homens e mulheres se deu ao longo da história humana e a mulher, independente do tempo histórico (sociedades de coleta, de caça, de agricultura e de industrialização), mesmo tendo papel no trabalho produtivo, sua maior participação ficava resguardada à finalidade de reprodução e procriação de descendentes (principalmente homens), para ajudar no trabalho e no sustento. É na década posterior à Segunda Guerra que cresce a participação da mulher no mercado de trabalho, principalmente em setores e atividades

tradicionalmente masculinas e também na área da saúde, o que leva a uma exigência por qualificação e escolaridade (Carvalho et al., 2008).

Qualquer que seja o grau e tipo de participação da mulher no mercado de trabalho ao longo do processo histórico, mulheres tipicamente cumpriram e continuam a cumprir jornada dupla: os afazeres domésticos e o cuidado dos filhos ainda recaem sobre elas na grande maioria dos casos. Essa dupla jornada torna-se mais visível na sociedade urbana contemporânea, em que participar do mercado de trabalho quase sempre significa trabalhar fora de casa, com as complexidades que essa condição introduz no cuidado dos filhos e do lar. (Carvalho et al., 2008, p. 434).

No decorrer da evolução humana houve uma intensificação do cuidado maternal, assim como a introdução dos cuidados paternais. Já se sabe que a mulher é preparada biologicamente para gerar e amamentar, no entanto, são as circunstâncias sociais, que indicarão o modo como ela cuidará de seu bebê, ou seja, o investimento materno pode sofrer influências culturais e não somente ser determinado pelas características biológicas da maternidade. *Para cada sociedade existe um papel que deve ser desempenhado pelas mães no cuidado de seus filhos que são disseminadas pelas regras culturais* (Silva & Brito, 2005, p. 266).

Meninos e meninas são estimulados pela comunidade cultural a desempenhar funções e papéis diferentes. As meninas são geralmente encarregadas de trabalhar em casa, fazer companhia à mãe, cuidar de um irmão, enquanto que os meninos tem permissão para brincar na rua e trabalhar mais longe, na companhia de seus pares. O comportamento de cuidar de outras crianças por parte das meninas pode estar relacionado ao fato de as mães apresentarem mais habilidades na interação com bebês quando comparadas com os pais (Rogoff, 2005). Mais uma vez evidencia-se a participação da cultura na definição de papéis de gênero e também nos comportamentos maternos e paternos, o que permite compreender as diferenças existentes por meio de uma visão de interação biologia-cultura. Desse modo, pode-se definir que os papéis sociais desempenhados por homens e mulheres podem ser compreendidos a partir destas influências.

O modo de vida caçador coletor por ter perdurado por mais de 90% do processo de hominização é considerado o meio ambiente natural

humano por excelência e pode oferecer subsídios para compreender as bases do cuidado materno. Por exemplo, entre os !Kung, povo caçador coletor da África Setentrional, a família é composta de cerca de 30 pessoas e os cuidados maternos são intensos, o contato físico com o bebê se dá durante a maior parte do dia, a mãe atende a todos os sinais de aflição de seu bebê e o amamenta por um grande período, desempenha funções na coleta de alimentos e realiza os cuidados maternos. Os cuidados paternos também exercem função, pois parece que a probabilidade de um bebê morrer até o segundo ano de vida é três vezes maior se ele tiver perdido o pai. A partir disso, fatores biológicos e diversas práticas culturais entram em cena a fim de aumentar a participação do pai nos cuidados com o filho (Bussab, 2000).

Como contribuição da Etologia, evidenciou-se que a mãe apresenta padrões bastante comuns de comportamentos, ou seja, tocam e seguram os recém-nascidos de maneira similar, orientam-se em direção aos olhos do bebê, reconhecem seu cheiro e choro. Quanto ao bebê, este nasce com competências que favorecem o estabelecimento de relações sociais afetuosas, como reagir à fala e ao olhar, sorrir e chorar. Tais características do comportamento maternal e as competências dos bebês favoreceram o desenvolvimento do vínculo afetivo entre mãe-bebê, que vem sendo delineado por meio do apego biológico inicial da mãe e do bebê, que possibilita que eles permaneçam juntos e garante a sobrevivência da criança, mas é a partir das interações entre mãe e filho, que acontece a construção do vínculo afetivo (Weber, 2004).

Há algum tempo, a visão da maternidade vem se modificando. Atualmente, a mãe deixa de ser identificada como figura única na vida de uma criança e o pai começa a estar presente nas discussões. Já se começa a estabelecer relação entre participação paterna e o desenvolvimento infantil. Outras evidências mostram que o bebê é capaz de reconhecer o pai muito antes do que se imaginava e que a interação pai-bebê depende da ocorrência de momentos em que o pai participa dos cuidados com o filho (Bandeira et al., 2005).

O cuidado paterno, assim como o materno, é determinado por fatores biológicos, sociais e culturais que estão em jogo no comportamento do pai com os filhos. Estudos têm mostrado que hormônios relacionados ao cuidado materno, como a ocitocina e a prolactina também podem estar relacionados ao comportamento paterno e, que, além disso, este último pode sofrer mudanças neuroendócrinas ativadas por estímulos vindos do contato com as fêmeas e com os filhotes (Vieira et al., 2009).

O tema que envolve o papel do pai e sua importância para o desenvolvimento infantil tem sido explorado pela Psicologia, mais especificamente a partir da década de 70 (Lamb, 1997). As recentes transformações surgidas nas últimas décadas sobre família e também sobre desenvolvimento infantil, retratam a necessidade de se redefinir alguns conceitos e papéis que envolvem a maternidade, a paternidade e, conseqüentemente, a família e seus papéis para o desenvolvimento das crianças. De acordo com Lamb (1997), os papéis atribuídos ao pai são associados a padrões culturais e, portanto, o ideal paterno se refere a um conjunto de regras sobre o que é ser um bom pai, dependendo da época e do contexto histórico.

Tanto a figura materna e, principalmente a paterna tem se modificado ao longo da história. Já se sabe que a mãe passa a ocupar funções, antes destinadas somente ao homem, como o mercado de trabalho e a contribuição com a renda familiar. Historicamente, por volta de 1600, na era colonial, o pai era tido como patriarca, pouco afetivo, exercendo grande poder na família como guia moral. Nesta época, o pai ideal seria o responsável pela formação do juízo de valor e religioso (Lamb, 1997; Pleck & Pleck, 1997). Na era industrial, por volta de 1830 a 1900, o ideal de paternidade era o de único provedor do sustento familiar. O pai ideal era um homem de negócios e cabia à mãe ser a principal agente no desenvolvimento da personalidade do filho. No contexto da revolução industrial, as expectativas passaram a ser de um pai mais passivo e a mãe assumiu maior poder na formação moral dos filhos (Pleck & Pleck, 1997).

A partir de intensas modificações na organização familiar como a inserção da mulher no mercado de trabalho e a emancipação feminina, elas passam a dividir com os eles a condição de provedoras do lar, o que gera uma crise no modelo familiar patriarcal e as expectativas em relação ao pai ideal mudam mais uma vez (Crepaldi et al., 2006; Pleck & Pleck, 1997). Iniciam-se questionamentos sobre a desigualdade de gênero e uma pressão no sentido de que os homens também passassem a realizar tarefas antes exclusivas das esposas (Pleck & Pleck, 1997; Jablonski, 2010).

Em meio a mudanças no papel da mulher, que passa a ocupar a esfera pública além da privada, o homem como pai pode até estar participando mais, de uma maneira ou de outra, seja no cuidado com os filhos, seja nas tarefas domésticas, mas mesmo a partir de seus esforços, seu papel não se iguala e não substitui as funções da mãe. Resta explicar estas diferenças entre o masculino e o feminino e a distribuição das tarefas entre os gêneros (Fleck & Wagner, 2003).

Conforme Carvalho et al. (2008), tais diferenças podem ser explicadas por meio de dois enfoques: psicobiológico e culturalista. Para o enfoque psicobiológico, o aparecimento do cuidado parental se constituiu um momento crítico na evolução e foi possível pelos sinais envolvidos na relação pais-filhos (solicitações das crianças e respostas dos adultos a essas solicitações). Sendo o homem um primata, o cuidado parental deve levar em conta o investimento parental de uma forma funcional e evolutiva, mas não sem considerar o potencial genético em interação com o ambiente que permita a manifestação dos comportamentos. O enfoque culturalista prevê que as diferenças entre homens e mulheres em relação à predisposição para o cuidado vem de modos de socialização e de representação de papéis masculinos e femininos. Socialmente, é típico das meninas, brincar com bonecas e casinhas e lhes são estimulados a cooperação, a sensibilidade e a solidariedade enquanto que aos meninos são encorajados o usar da força e da valentia e a ocupar mais os espaços públicos como as brincadeiras de rua (Prado, 2005; Rogoff, 2005; Staudt & Wagner, 2008).

Nas sociedades contemporâneas, mesmo as mulheres trabalhando fora, também se responsabilizam pelo cuidado com os filhos e pelas tarefas domésticas e quando precisam de uma ajuda, no período em que não estão presentes em casa, delegam suas atividades com as crianças e com a casa para outra pessoa, geralmente mulher (familiar, empregada, educadora de creche) e não ao pai. Este fato leva à questão de que, ou as mulheres não confiam nos homens, ou não querem dividir com eles o seu papel de cuidadora, reconhecido na sociedade (Perreli, 2005).

Jablonski (2010) investigou com vinte membros de casais urbanos de classe média como vem se dando a negociação de tarefas dentro do lar face às novas demandas impostas pelo ingresso das mulheres no mercado de trabalho. As mulheres dizem caber a elas o maior fardo das tarefas e responsabilidades domésticas e com os filhos e qualificam a participação dos maridos como um fator positivo e bem-vindo. A disparidade na divisão de tarefas, não faz as mulheres perceberem tal fato como um problema e uma fonte de conflitos, o que demonstra a força da influência de modelos parentais tradicionais no que diz respeito aos papéis de gênero.

De fato, as mulheres são identificadas como cuidadoras, pois devido às pressões seletivas, ambientais e de seu alto investimento parental, são mais bem dotadas e mais motivadas que os homens para tarefas de cuidado (Bussab, 2000; Carvalho et al, 2008). Os acontecimentos históricos e culturais (movimento feminista, industrialização, inserção da mulher no mercado de trabalho) geram

modificações nas funções, tarefas, papéis e espaços ocupados por homens e mulheres e várias são as questões colocadas a respeito das funções maternas e paternas, questões essas que refletem nas atuais configurações familiares.

3.5 Configurações familiares

Pela complexa relação biologia-cultura e a inseparabilidade entre genes e ambiente, a família não deve ser entendida como uma instituição puramente cultural, mas também não se pode negar que o contexto social e econômico exerce grande papel na determinação do comportamento materno e paterno. A formação de vínculos inerentes à constituição da família e entre mãe-bebê e pai-bebê é favorecida pela convivência e pelo parentesco. Neste sentido, natureza e cultura parecem operar no mesmo sentido para o fortalecimento dos laços familiares (Bussab, 2000).

O meio familiar, focado como principal contexto de desenvolvimento da criança tem sido enfatizado como importante perspectiva em estudos na área de desenvolvimento humano. A família passa por importantes transformações e tudo indica que os papéis maternos e paternos estão se modificando e com eles, o cuidado e funções na criação dos filhos. Novas configurações familiares se apresentam delineadas, considerando sua pluralidade e diversidade, como por exemplo, famílias divorciadas, recasadas, adotivas, monoparentais, chefiadas por homens ou mulheres, produções independentes, casais homoafetivos, dentre outras. Os novos arranjos familiares se dão dentro de um contexto histórico e cultural que envolvem o papel feminino, a entrada da mulher no mercado de trabalho e o controle sobre a reprodução, acontecimentos que remarcam o papel da mulher na sociedade, já que os espaços tradicionalmente masculinos estão sendo cada vez mais ocupados pela mulher (Staudt & Wagner, 2008).

Dados do IBGE (2007) e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2010) apontam como transformações recentes nas famílias brasileiras: núcleos familiares menores, mais famílias monoparentais, e chefiadas por mulheres, população mais urbanizada e escolarizada. Além disso, entre os anos de 1992 e 2006, cresceu o número de lares chefiados por mulheres, diminuiu o número de casais com filhos e aumentou o número de mulheres sem cônjuge e com filhos.

Em 1993, 78% dos homens eram identificados como pessoas responsáveis pela família, no ano de 2007, esse número caiu para 67% (IBGE, 2007). O tempo médio de estudo das mulheres, superior ao dos homens e o percentual crescente de mulheres que entram no mercado de trabalho são algumas das principais mudanças registradas entre 1998 e 2008 (IPEA, 2010).

Assim, transformações sociais e familiares geram modificações no comportamento de homens e mulheres. Deste modo as modificações são resultantes de diversos fatores e desafiam o pesquisador a analisar o fenômeno por mais de um ângulo. Assim como a biologia exerce seu papel, a cultura também tem sua participação e assim como a mulher batalha para mostrar-se capaz no mundo profissional, o homem também precisa enfrentar barreiras para obter credibilidade na esfera doméstica. (Lordelo et al., 2006, Staudt & Wagner, 2008).

Mesmo com a maior participação das mulheres no mercado de trabalho e as mudanças nos padrões familiares brasileiros, a responsabilidade no cuidado dos afazeres domésticos ainda é predominantemente feminina. Apesar de as mulheres estarem participando crescentemente no mundo do trabalho, dividindo funções com os homens é marcante a desigualdade entre homens e mulheres em salários percebidos no exercício da mesma função (IBGE, 2007; IPEA, 2010; Perreli, 2005).

A revolução industrial do século XVIII marcou o avanço na tecnologia, o crescimento da população urbana, a formação da classe social operária e o percurso da mulher no mercado de trabalho. Nos tempos de guerra, enquanto os homens estavam na batalha, as mulheres executavam tarefas tradicionalmente masculinas e, com isso, invadiram espaços que antes não ocupavam (Perrelli, 2005). Com o advento da revolução industrial, a função da mulher deixa de ser apenas cuidar dos filhos e do marido e passa a ser identificada como mão de obra disponível e barata, de modo que surge a necessidade da criação de instituições voltadas para o cuidado das crianças, favorecendo, assim, a liberação dessas mães para o trabalho (Áries, 1981).

A história do século XX foi caracterizada pela crescente profissionalização do cuidado infantil, escolas, creches, maternidades foram criadas e surgiu o interesse pela capacidade da família de satisfazer as elevadas demandas sociais que envolvem a educação de uma criança. O dever das famílias em relação à criação dos filhos tem diminuído e a escola tem assumido as maiores responsabilidades. A educação infantil tem sido identificada como tarefa não só de competência familiar, mas também como um investimento de toda a

sociedade. Dessa forma, o surgimento de instituições voltadas para a educação da criança pequena constitui-se como um fato social que se explicaria em relação a outros fatos sociais, dentre os quais está a demografia infantil, o trabalho feminino e as transformações familiares (Áries, 1981).

Assim como o formato de uma relação conjugal se modificou, homens e mulheres passaram a exercer papéis diferentes dos tradicionais, diferenças essas mais marcadas para as mulheres. Com a contracepção e o ingresso no mercado de trabalho as mulheres se tornaram mais autônomas, tenderam a iniciar a vida sexual mais cedo e se envolveram com maior número de parceiros sexuais. A separação e a experiência de mulheres que vivem sós ou com crianças tornou-se um fato freqüente e aceito (Bozon, 2001).

Conforme Staudt e Wagner (2008) a humanidade está imersa num contexto mutante, de pós-modernidade e de globalização e, parece ser um desafio da atualidade configurar as relações familiares, ou seja, com os filhos, com os pais e com outras tantas formas de interação importantes como os amigos e trabalho. Devido a essas transformações, os diferentes contextos de países industrializados passam a ser focados nos estudos, com a intenção de procurar delinear como estão se configurando tais influências. Gauthier, Smeeding e Furstenberg (2004) realizaram uma pesquisa em dezesseis países industrializados e concluem que apesar das intensas pressões sociais e econômicas, pais e mães tem investido, atualmente, mais tempo no cuidado com os filhos, mas com diferenças entre eles, já que a mãe tende a investir mais tempo de cuidado que o pai, embora essa diferença venha diminuindo em alguns países.

A mulher passou se dedicar mais ao seu bem-estar, segurança econômica e realização profissional em relação a sua função materna. Desta forma, as interações estabelecidas durante este período ganham destaque, já que começa a ser constatada a influência das funções paternas, além das maternas para o desenvolvimento infantil. Nesse aspecto, é dada importância ao nível de instrução de ambos os pais, sua capacidade de estimulação e envolvimento com as crianças (Silva & Brito, 2005). Ribas e Bornstein (2005) realizaram uma pesquisa a respeito do conhecimento ou informações que tanto mães quanto pais possuem do desenvolvimento infantil e da infância, com setenta famílias biparentais da cidade do Rio de Janeiro e os resultados revelaram que, embora não havendo diferenças significativas entre o nível educacional e a ocupação de pais e mães, a educação não se correlaciona com o conhecimento. As mães conhecem e se responsabilizam mais pela

educação das crianças do que os pais e a experiência com a criança tem impacto com o conhecimento das mães, mas não com o dos pais (Ribas & Bornstein).

Em muitas famílias já se percebe divisão de tarefas educativas e de organização do dia-a-dia da família, mas o que se encontra geralmente são famílias com diferentes configurações e estruturas, coexistindo modelos familiares mais tradicionais (visão do pai-provedor e mãe-cuidadora), outros em que maridos e esposas dividem tarefas domésticas e educativas e ainda mulheres como as principais mantenedoras do lar, assumindo todas as responsabilidades dentro da família (Wagner et al., 2005). Em um estudo realizado com 100 famílias da região de Porto Alegre, Wagner et al. (2005) procuraram avaliar a participação do pai e da mãe no desempenho de tarefas e as suas responsabilidades diárias junto aos filhos. Os resultados revelaram a coexistência de dois tipos de estrutura familiar, ou seja, o grupo em que a mãe é a principal responsável pelas tarefas que envolvem a criação e educação dos filhos e o grupo em que há uma divisão de tarefas entre o pai e a mãe.

Em seu estudo Fleck e Wagner (2003) investigaram a estrutura familiar de três casais com no mínimo um filho em que a mulher era responsável pela maior parte da renda da família e apontaram que mesmo já tendo ocorrido algumas transformações no funcionamento da família, muitos padrões se mantêm e repetem, representando papéis específicos designados a homens e mulheres socialmente. Mesmo as mulheres conciliando as funções exercidas no lar, com as acadêmicas e profissionais, muitas vezes assumindo a condição de principal provedora do sustento familiar, os homens não assumiram a esfera doméstica da mesma forma que elas, estando no máximo auxiliando-as nas tarefas do lar, mas não com a mesma responsabilidade.

Atualmente, ao se falar em configurações familiares muitos autores, ao invés de destacarem a influencia exercida por um dos pais, preferem focar na influencia conjunta de ambos os pais, por meio da definição da co-parentalidade (Dubeau et al., 2009). A coparentalidade é definida pelo envolvimento conjunto e recíproco de ambos os pais na educação, formação e decisões sobre a vida dos seus filhos, ou seja, pai e mãe dividem a liderança e se apóiam nos seus papéis de chefes da família e nos papéis parentais. No contexto atual das sociedades ocidentais, no qual o envolvimento paterno vem cada vez mais sendo valorizado, compreender como a coparentalidade afeta o desenvolvimento humano tornou-se de grande importância, seja para fins teóricos como para intervenções. A coparentalidade é influenciada

por características individuais de cada pai e mãe (escolaridade, saúde mental e bem-estar), pelos fatores familiares ou relacionamento conjugal e por ambiente extra familiar. Possui como componentes o acordo nas práticas parentais, as divisões de trabalho e o suporte recíproco entre a díade (Feinberg, 2003; Frizzo, Kreutz, Schmidt, Piccinini & Bosa, 2005).

A esse respeito, Paquette (2004) refere que pai e mãe desempenham diferentes papéis parentais que são complementares. Partindo da noção de complementaridade dos papéis materno e paterno para o desenvolvimento saudável da criança, o autor ainda propôs o conceito de relação de ativação, o qual foca o comportamento do pai ativo durante as explorações de seu filho. A relação de ativação está ligada ao apego que favorece a abertura ao mundo, ou seja, a criança aprende a lidar com ameaças e a estranhar seu ambiente, já que o pai a incentiva a sua exploração. Em contraste com a relação de apego com a mãe, que ajuda a acalmar, a relação de ativação com o pai pode satisfazer a necessidade de exercer e assumir riscos em um contexto de confiança e de proteção dos perigos potenciais. Segundo a Teoria da Relação de Ativação (Paquette & Bigras, 2010), as funções paternas e maternas são complementares e permitem à criança se desenvolver de forma típica, desenvolvendo, por exemplo, habilidades de competição no contato com o pai e habilidades de cooperação no contato com a mãe.

Pleck e Pleck (1997) referindo-se ao novo modelo de paternidade descrevem o pai como co-genitor que tem como marca central a igualdade de responsabilidade pela criação dos filhos. O pai co-genitor deve se envolver com as crianças, dividir igualmente com a mãe o cuidado físico diário dos filhos e participar ativamente no desenvolvimento da criança, desde o nascimento até a fase adulta. Assim, espera-se que o pai cuide, brinque, instrua e demonstre afeto e amizade pelas crianças, caracterizando múltiplas funções e uma maior participação e envolvimento, que vai além do brincar.

As transformações sociais, econômicas e familiares, os conceitos de co-parentalidade e a noção de complementaridade das funções parentais, constituem importantes fatores a serem considerados no estudo do engajamento parental e na caracterização da maternidade e da paternidade na família contemporânea.

3.6 Engajamento materno e paterno na família contemporânea

O engajamento familiar humano tem sido tema de interesse de pesquisadores por suas características aparecerem em todas as culturas e também pela influência que exerce no desenvolvimento das pessoas. Em levantamento bibliográfico nas bases de dados sobre o tema que envolve o pai e a paternidade, no período de 2000 a 2007, Souza e Benetti (2009) encontraram 263 artigos internacionais e 90 artigos nacionais. As publicações internacionais englobaram 136 artigos qualitativos, 85 teóricos e 42 quantitativos. Os Estados Unidos, a Inglaterra e o Brasil, apresentaram produções durante todo período avaliado, demonstrando significativa contribuição com o tema. Dubeau, et al. (2009) sugerem que a investigação sobre as especificidades de pai e mãe no cuidado aos filhos e no desenvolvimento dos mesmos ainda é um campo pouco explorado.

Mudanças nas configurações familiares geram redefinições nas atribuições e responsabilidades de cada progenitor. O papel do pai e a função paterna, principalmente, começam a ser focalizados e reelaborados. Tais modificações perpassam questões como: o modelo e a experiência do que é ser pai, o papel masculino, crenças, valores e ressignificações histórico-culturais. Inicia-se um processo de mudança nos papéis dos membros familiares e nos papéis atribuídos ao pai que estão associados a padrões culturais, ou seja, sobre o que se considera hoje ser um bom pai. O pai passa a ser visto não mais como somente o provedor, mas como importante no desenvolvimento infantil (Bandeira et al., 2005). O padrão ideal que vem sendo constituído é de um pai participativo e envolvido com a família e com o filho. Este fato demarca um aumento nas funções paternas que agora inclui o vínculo com a criança e a responsabilidade no cuidado parental, mas não chega necessariamente em uma igualdade com as tarefas da mãe (Bandeira et al., 2005; Fleck & Wagner, 2003).

No que se refere ao estudo da paternidade, Pleck (1997) destaca que para o entendimento do fenômeno é necessário analisá-lo de acordo com as seguintes categorias: 1) características da paternidade: experiências e características do envolvimento paterno, ciclo vital (adolescência, adulto jovem, meia-idade); 2) determinantes da paternidade: (a) Características das crianças e variáveis sociodemográficas do pai; (b) Motivação: influência da história de vida, personalidade, características, crenças dos pais; (c) Habilidades e

confiança: competência no cuidado da criança, (d) Suporte social: relacionamento conjugal e ciclo de vida familiar (divórcio, famílias reconstituídas, adoção); (e) Fatores institucionais, históricos, políticos e culturais: contextos da vivência em sociedade, padrões de emprego e 3) consequências da paternidade: consequências para o pai e para o filho. Ainda com relação às variáveis que exercem influência sobre o comportamento paterno, Turcotte e Gaudet (2009) reconhecem que o nível de compromisso paterno resulta da interação dinâmica de fatores como as características do pai, dos filhos, do contexto familiar (relacionamento com as mães) e social.

Turcotte e Gaudet (2009) referem que dentre as características do pai o nível de envolvimento é, pelo menos em parte, o efeito da relação do pai com modelos adquiridos na infância. As atitudes e crenças sobre os papéis de gênero também são identificadas como características que podem influenciar. Neste quesito os estudos se mostram contraditórios sobre de que forma as normas de comportamentos interferem na percepção de seu papel masculino, mas todos referem os papéis de gênero como importantes fatores a se considerar. Também existem algumas indicações de que o sentimento de competência parental é um determinante importante na motivação dos homens de investir mais em relação a criança. No que se refere ao contexto social, algumas características sócio-demográficas são apontadas como exercendo influência no envolvimento paterno, como a idade do pai e o nível sócio-econômico. A mãe também exerce um importante papel nesse assunto. O relacionamento com a mãe, a percepção da mãe sobre o papel paterno, o encorajamento e o favorecimento dela com relação à participação do pai pode gerar variações no envolvimento. As características da criança como gênero, idade e temperamento podem fazer variar o nível de envolvimento paterno. O meio social como a instabilidade financeira e as características do local de trabalho também pode estar associada ao comportamento paterno. Parece que a instabilidade no emprego e a baixa renda afetam as atitudes do pai com relação à criança. É importante destacar que todas estas evidências foram consideradas em diversos estudos, mas os resultados não são conclusivos e muitas vezes apresentam-se contraditórios, o que leva a supor que novas variáveis devem ser mais e melhor exploradas (Turcotte & Gaudet, 2009).

Constata-se a multiplicidade de variáveis que envolvem o engajamento paterno. Assim, o pai pode assumir diferentes atribuições dentro do sistema familiar e na interação com sua criança, como: companheiro, provedor de cuidados, cônjuge, modelo, guia moral,

professor, provedor financeiro, sendo que em todas essas ele possui uma relativa importância e impacto sobre o desenvolvimento da criança. Dentre essas, o suporte econômico da família constitui um indireto, porém importante meio no qual o pai contribui para a criação e saúde emocional de suas crianças (Prado, Piovanotti & Vieira, 2007).

Estudos com animais podem ser indicativos do cuidado paterno, na medida em que tem sido demonstrada uma capacidade do pai em fornecer cuidados diretos e interagir afetivamente com os filhos, indo além da capacidade de fornecer cuidados indiretos (defesa e sustento). Dessa forma, o estudo do comportamento paterno deve buscar compreender a história filogenética da espécie interagindo com aspectos do contato em que este ocorre (Vieira, et al., 2009). A seguir serão apresentados alguns estudos nacionais e internacionais que discutem a temática do engajamento paterno e materno.

Silva e Picininni (2007) referem que os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres estão mudando rapidamente, criando novas expectativas, crenças e atitudes sobre o que pais e mães devem fazer no contexto familiar. Quando a mãe tem um emprego externo, os homens são chamados às falas e a responsabilidades maiores dentro do lar. Um trabalho fora de casa diminui, indubitavelmente, o contato das mães com seus filhos, concorrendo para a presença de um “substituto. Assim, a entrada da mulher no mercado de trabalho favorece o envolvimento direto do pai com os filhos, mesmo que de fato isto aconteça ainda em escala bem menor que a esperada ou desejada (Cia, D’Affonseca & Barham, 2004; Jablonski, 1998).

Atualmente, estudos enfatizam as diferenças nos tipos de cuidados prestados pela mãe e pelo pai nos quais os pais passam menos tempo com os filhos e relacionam-se com eles por meio de atividades e brincadeiras. Há consenso quanto à predominância da responsabilidade materna nos cuidados dos filhos, apesar das atividades profissionais da mulher. (Falceto, Fernandes, Baratojo & Giugliani, 2008, p. 135).

A participação do pai passou a ser reivindicada pelas mães, na medida em que essas se engajavam em atividades fora do lar e os pais, a partir dessa reivindicação, passaram a participar mais e a descobrir o prazer de compartilhar da intimidade de seus filhos. Em seu estudo, procurando identificar fatores associados à falta de envolvimento ativo do pai nos cuidados de crianças aos quatro meses, as autoras concluíram

que a prevalência de famílias nas quais o pai não tem envolvimento ativo no cuidado de seu filho é alta, ocorrendo em especial quando a relação conjugal é problemática e a mãe não tem trabalho remunerado. O que demonstra que nesse estudo, não foi encontrada uma característica encontrada em outros estudos que é a relação positiva entre mulher no mercado de trabalho e envolvimento paterno (Falceto et al., 2008).

Em uma pesquisa nas bases de dados Medline, CINAHC e PsycINFO, entre os anos de 1983 a 2003, Magill-Evans; Harrison; Rempel e Slater (2006) realizaram uma revisão sobre intervenções com pais de crianças e revelaram que a interação pai-bebê tem sido considerada nas pesquisas e que assim como as intervenções com as mães podem promover efeitos efetivos para o desenvolvimento das crianças, as intervenções abordando os pais e sua interação com as crianças também podem promover efeitos positivos. Foi concluído neste estudo, que embora pesquisas recentes tenham indicado que o pai também contribui para o desenvolvimento da criança, pouco se conhece sobre os tipos de intervenções com o pai que possam estimular e desenvolver responsividade paterna e interação pai-criança de qualidade. A ausência da figura paterna durante a infância tem sido associada a problemas no desenvolvimento tais como, emocionais, cognitivo, abuso de drogas, transtornos de conduta, gravidez na adolescência, entre outros (Falceto et al., 2008).

Silva e Picininni (2007) ainda realizaram estudo sobre os sentimentos em relação à paternidade e o envolvimento paterno com três pais casados que possuíam um filho, em categorias como: envolvimento paterno (interação, acessibilidade e responsabilidade), relacionamento pai-criança, avaliação da paternidade e relacionamento pai e mãe (exercício da maternidade e grau de conflito entre pai e mãe). Os resultados revelaram que os pais se disseram satisfeitos com a paternidade, ter bom relacionamento com os filhos e bons relacionamentos com as esposas. Com relação às interações com os filhos, os pais participavam dos cuidados básicos, embora com frequência bastante irregular, dividiam com a mãe a responsabilidade pela criação dos filhos e as decisões sobre a criança eram tomadas em conjunto. Os achados deste estudo sugerem que os pais podem ter uma ampla participação na vida dos filhos, não restringindo seu envolvimento ao sustento financeiro, a passeios e a brincadeiras.

Em um estudo realizado com famílias gregas Kassotaki (2000) identificou diferenças no envolvimento do pai grego com a família e com as tarefas de cuidados da criança, durante o seu primeiro ano de

vida, dependendo do contexto em que os pais estavam inseridos, da sua escolaridade e nível sócio-econômico. Pais provenientes de áreas urbanas com nível educacional e sócio-econômico altos se envolviam mais nas atividades de preparação antes e após o nascimento de um bebê e o envolvimento em brincadeiras e em uma variedade de tarefas rotineiras de cuidados da criança do que os pais de áreas rurais de nível educacional e sócio-econômico baixos.

Saraff e Srivastava (2009) referem a paternidade como um fenômeno social importante para a infância e que portanto, o envolvimento paterno, em termos de participação em atividades, frequência dessa participação e no cuidado com as crianças, tem sido investigado por pesquisadores. Em uma análise dos fatores do envolvimento paterno entre pais indianos, os resultados indicam que o envolvimento paterno nos cuidados com a criança pode ser determinado pela percepção sobre a paternidade e pelas expectativas em relação ao seu papel. Os fatores sócio-econômicos também têm sido examinados como influentes no envolvimento e a importância deste assunto implica na criação de programas e intervenções que possam promover atitudes e participação paterna.

O envolvimento paterno varia e é determinado por influências de fatores biológicos, individuais, familiares e sociais além de motivação, suporte social e práticas institucionais. Na Índia, as mudanças sociais como urbanização e industrialização também são apontadas como fatores de importante influência para a maior participação da mulher no mercado de trabalho e para as mudanças na estrutura familiar. Entretanto, essas influências são mais relevantes nas áreas urbanas comparadas com as rurais e as mulheres assumem duplas responsabilidades, enquanto que os homens não correspondem reciprocamente, o que tem evidenciado a necessidade de os homens estenderem sua cooperação e suporte para suas esposas nas atividades diárias (Saraff & Srivastava, 2009).

Os autores mencionados anteriormente estudaram o envolvimento direto e indireto de pais e mães no cuidado com as crianças. O envolvimento direto foi caracterizado a partir de categorias como: a) tarefas de cuidado tradicionalmente femininas (alimentar a criança, responsabilizar-se pela criança, comprar roupas, colocar a criança para dormir, pegar no colo e cuidar da higiene); b) criação (administrar remédios, monitorar as crianças com seus amigos, ajudar nos problemas pessoais); c) interação educacional e funcional (brincar com a criança, levar ao médico, levar e buscar na escola, ajudar a criança a aprender e com as tarefas de casa); d) disciplina (punir e impor limites). O

envolvimento indireto foi abordado pela categoria: tarefas de casa (cozinhar, limpar a casa, comprar mantimentos, lavar a roupa). Além disso, foram avaliados o nível de envolvimento de pais (numa escala de baixo, moderado e alto), com relação a responsabilidade assumida na socialização, no cuidado e em tomar decisões sobre a criança) e também do tempo dispensado ao cuidado.

Os autores apresentaram ainda como determinantes do envolvimento as variáveis: idade do pai, escolaridade do pai, escolaridade da mãe, idade e sexo da criança focal, horas de trabalho do pai, trabalho da mãe, tipo de família, satisfação do pai com sua ocupação e percepção sobre a paternidade. Os resultados mostraram que o pai participa menos das tarefas de cuidado, tradicionalmente femininas e participam frequentemente em tarefas de interação educacional e funcional e que o papel do pai em atividades disciplinares vem diminuindo. Nas tarefas de casa, eles também não demonstram um bom desempenho, exceto no que diz respeito a fazer compras. A maioria dos pais (homens) declarou um nível moderado de envolvimento no cuidado com os filhos e revelou grandes expectativas em relação à paternidade (Saraff & Srivastava, 2009).

Um estudo realizado por Goetz e Vieira (2009) teve como objetivo principal identificar a percepção que as crianças têm em relação ao comportamento paterno de cuidado. Participaram do estudo 216 crianças de duas escolas da rede municipal de ensino de Florianópolis, com faixa etária compreendida entre 10 e 11 anos. Para elas, o pai real precisa estar mais presente para se aproximar do ideal em aspectos como: cuidado, alimentação, auxílio nas tarefas escolares, providência de materiais escolares e remédios, diversão e passeios, brincadeira ou jogo e manifestação de carinho. As diferenças estão presentes em todas as categorias investigadas, o que sugere que o papel real do pai deve abranger mais cuidados diretos, indiretos e interações sociais instrutivas e calorosas, para que corresponda ao papel ideal que seus filhos lhe atribuem.

De acordo com Lamb (1997), o pai não necessariamente desempenha todas as tarefas em igualdade com a mãe, mas espera-se dele que cuide, brinque, instrua e demonstre afeto e amizade por suas crianças. O padrão ideal que vem se constituindo passa então a ser o de um pai com funções múltiplas, mais participativo e envolvido, que além de brincar também instrui. Percebe-se, portanto, a construção de uma nova capacidade de paternagem. Gamble, Ramakumar e Dia (2007) verificaram semelhanças na comparação de comportamentos observados de mãe e pai de crianças pré-escolares em famílias mexicanas. Enquanto

mães e pais estão envolvidos em comportamentos semelhantes, as mães são observadas em praticá-los com mais frequência. Estes resultados reforçam a necessidade de avaliar ambos os pais, utilizando vários métodos, na determinação de interdependência e de suas contribuições únicas para a socialização das crianças.

Monteirol, et al. (2010) realizaram um estudo com 110 famílias portuguesas e referem que assim como as atitudes dos pais, as das mães também tem mudado no decorrer dos anos, face ao envolvimento paterno. A mãe emite comportamentos que podem inibir ou facilitar a maior participação e envolvimento do pai. Correlações entre as variáveis sócio-demográficas e o envolvimento revelaram que as mães tendem a desejar uma partilha igualitária de tarefas com os pais e que a percepção que o pai tem de seu envolvimento encontra-se significativamente correlacionada com o que é desejado pela mãe.

Referindo-se às conseqüências que o maior ou menor envolvimento parental podem ter para o desenvolvimento infantil, pesquisas apontam que uma boa interação entre pais e filhos auxilia no estabelecimento de um relacionamento seguro entre eles, podendo, mais tarde, favorecer o relacionamento interpessoal das crianças com seus pares e a formação de um auto-conceito satisfatório, aspectos que são maximizadores do desempenho acadêmico (Gomide, 2003; Cia et al., 2004). Em contrapartida, a exposição da criança a práticas parentais inadequadas (conflitos, violência, coerção) ou a baixo engajamento do pai e/ou da mãe constituem fatores de risco para o desenvolvimento infantil, aumentando a vulnerabilidade a eventos ameaçadores, externos ao ambiente familiar, como práticas delinqüentes e envolvimento com drogas (Gomide, 2003). Estudos que enfatizam as implicações para o desenvolvimento infantil decorrentes da ausência paterna, normalmente priorizam duas variáveis: a ausência decorrente do divórcio e a ausência decorrente das poucas interações entre pai e filho, mesmo morando na mesma casa (Lamb, 1997).

Estes estudos possibilitam compreender as implicações, geradas pelas transformações contemporâneas, nacionais e internacionais, no funcionamento da família. A maioria deles aponta para a importância de se considerar algumas variáveis como o contexto, a idade, a escolaridade e a renda dos pais para melhor descrever o engajamento parental. Essas constituem características que influenciam e diferenciam os resultados encontrados, ou seja, o engajamento paterno parece variar em função de diversos fatores, dentre eles, a afiliação cultural. A função da mãe aparece demarcadamente como importante fator que contribui para o envolvimento paterno. Os resultados dos estudos podem, além de

contribuir para o enriquecimento de teorias, possibilitar o incremento de políticas públicas de apoio à família. Tais estudos podem embasar propostas de intervenção comunitária no sentido de favorecer o envolvimento dos pais com os filhos e conseqüentemente, o desenvolvimento infantil. Na presente pesquisa são considerados fatores sociodemográficos e o relacionamento entre pai e mãe. A relação entre investimento e o relacionamento conjugal é descrita a seguir.

3.7 Investimento parental e relacionamento conjugal

Dentre as múltiplas variáveis que influenciam o investimento parental, o contexto familiar é considerado fundamental na determinação de várias dimensões do engajamento paterno, principalmente, no que tange às características das mães, da criança e da relação conjugal. Crenças, atitudes e percepções das mães sobre a função paterna promovem ou impedem uma maior participação do pai no cuidado com os filhos. Resultados de pesquisas mostram que os homens são mais envolvidos em várias áreas da vida dos filhos se a relação com a mãe da criança é harmoniosa e satisfatória (Turcotte & Gaudet, 2009; Monteiro, 2010).

A divisão de tarefas domésticas e o cuidado dispensado aos filhos são os principais aspectos causadores de conflito entre o casal (Carter & McGoldrick, 1995). Pesquisadores têm examinado o efeito do sistema de crenças sobre a divisão de papéis entre homens e mulheres e concluem que a rigidez de papéis mais tradicionais aumenta a probabilidade de dificuldades no relacionamento marital (Gottman, 1998).

Autores como Lamb et al. (1985), Dessen e Braz (2005), Wagner et al (2005), Silva e Picininni (2007) referem uma relação entre o relacionamento conjugal de pais e mães e as características do investimento no cuidado com os filhos. O casal que possui um relacionamento satisfatório tem maiores condições, apoio e motivações para investir e cuidar de sua criança. Em contrapartida, a vivência de um conflito conjugal pode interferir negativamente na relação do casal e, conseqüentemente, na relação pai-filho e mãe-filho.

Mosmann, Wagner e Feres-Carneiro (2006) referem que conceituar o relacionamento conjugal bem sucedido e um casamento satisfatório é uma tarefa árdua não só para os leigos como para o meio científico, pois envolvem dois seres humanos com vivências particulares

que precisam se interconectar e formar uma nova vida. Pesquisas sobre a conjugalidade estão centradas em três conceitos básicos: satisfação, ajustamento e qualidade conjugal, mas a sua definição nem sempre é feita com clareza. O conceito de qualidade conjugal está relacionado ao bem-estar dos cônjuges e é um processo dinâmico que resulta da avaliação de cada um sobre o nível de qualidade que experimentam em sua união. A auto-percepção de cada cônjuge sobre o relacionamento conjugal sofre influências de variáveis como: o contexto, os recursos pessoais dos cônjuges, as experiências na família de origem, o nível educacional, as características de personalidade, a fase do ciclo vital em que se encontra o casal, dentre outras.

Nesses termos as relações conjugais e a qualidade dos relacionamentos tem sido alvo de interesse nos estudos sobre família, principalmente no que diz respeito à influência das relações parentais no desenvolvimento infantil. O nascimento de um filho provoca uma queda na satisfação marital e exige que o casal reorganize a vida familiar, assim o cuidado dispensado aos filhos e a divisão das tarefas domésticas são os principais causadores de conflito entre o casal. O funcionamento parental é multideterminado, podendo ser influenciado por fontes contextuais de estresse e suporte e pelas características pessoais dos genitores. Relações conjugais satisfatórias são fontes de apoio para maridos e esposas, favorecendo relações parentais de boa qualidade, enquanto relações negativas ou conflituosas provocam irritação e desequilíbrio emocional nos cônjuges, que os levam a ser menos atenciosos e sensíveis às crianças. As influências negativas das relações conjugais insatisfatórias podem ocasionar problemas físicos e psicológicos nas crianças (Dessen & Braz, 2005).

Wagner et al. (2005) perguntaram aos pais e mães qual a relação que eles faziam entre a qualidade do seu relacionamento conjugal e o desempenho de tarefas junto aos filhos e a maioria dos homens e mulheres participantes responderam considerar que a qualidade da sua relação conjugal tem grande influência no desempenho das tarefas maternas e paternas, o que revela a importância que a qualidade da relação tem no convívio diário com os filhos.

Lamb et al. (1985) também mencionaram o papel da mãe e da relação conjugal, dentre outros, na determinação do envolvimento paterno. Silva e Picininni (2007) encontraram resultados em que os relacionamentos entre pai e mãe foram caracterizados como bons, na opinião dos pais, ou seja, a qualidade das suas relações foi definida por pouco conflito e grande facilidade de diálogo, o que levava à esposa a incentivar o relacionamento entre pai e filho. O conflito entre o casal

conduz à diminuição do cuidado geral do pai com seus filhos e a atitude da mulher em relação ao cônjuge exerce forte influência no relacionamento do pai com suas crianças (Silverstein, Auerbach, Grieco & Dunkel, 1999; Souza & Benetti, 2008). Silverstein et al. (1999) afirmam que a paternidade inclui além de promover recursos econômicos, o compromisso direto com a alimentação, cuidado e educação dos filhos, sem esquecer do suporte emocional. Esta paternidade reflete a participação do pai com a criança independente das relações entre pai e mãe. Homens que ainda mantém papéis tradicionais, ou seja, não participam ativamente do cuidado e sim somente do sustento e do suporte, tem maiores conflitos com as mães.

Em seu estudo, Grossman, Pollack e Golding (1988) revelam correlações significativas entre o relacionamento conjugal e as dimensões do envolvimento paterno e sugerem a necessidade de investigar essa variável em função da escolaridade e da classe social. Na pesquisa de Brody, Pillegrini e Sigel (1986) com sessenta famílias de crianças em idade escolar foi investigada a interação de pai-filho e mãe-filho no contexto de ensino à criança de atividades escolares e também a influência do relacionamento conjugal nesta interação. Os resultados revelaram poucas diferenças no estilo de ensino de mães e pais que não estavam descontentes com a relação conjugal. Ambos utilizam comentários positivos e menos intromissões (embora a mãe utilize mais que o pai), enquanto que nas famílias onde foram evidenciados mais problemas conjugais e pais mais descontentes, o pai usa comentários menos positivos e mais intrusivos e a mãe aparece mais envolvida no ensino de seus filhos para compensar a pouca satisfação conjugal.

O casamento e a formação da conjugalidade implicam em uma reorganização interna de cada um dos cônjuges e uma reorganização para a construção de uma identidade conjugal (Féres-Carneiro, 2003). Um dos conceitos que está em voga atualmente no que se refere ao casamento é a qualidade conjugal, que é afetada, dentre outros fatores, pelo nascimento do primeiro filho (Bigras & Paquette, 2000). A transição para a parentalidade tem sido um foco de estudo para os pesquisadores da área de família. Turcotte e Gaudet (2009), afirmam que a qualidade da relação conjugal antes do nascimento da criança é um preditor da participação significativa dos pais no cuidado físico e no relacionamento emocional com o filho de alguns meses ou mesmo anos mais tarde.

Gottman (1993) realizou um estudo com o objetivo de investigar os papéis que o engajamento, a evitação e o aumento gradual da intensidade do conflito exerciam na relação conjugal. Participaram da

pesquisa 73 casais em duas épocas distintas em um período de quatro anos. O autor classificou dois tipos de casais: os *estáveis* e os *instáveis*. Os casais *estáveis* eram divididos em *engajados* e *evitativos*. Por fim, os casais *instáveis* demonstraram um desequilíbrio entre os aspectos positivos e negativos, com predomínio do pessimismo sobre comportamentos satisfatórios, especialmente nos casais *hostis-indiferentes*.

Com base nos estudos acima citados, percebe-se que pais cujos casamentos são conflitantes provêm menos cuidados e são menos eficazes em atividades que envolvem a criação dos filhos. Essas crianças, por sua vez, estão mais propensas a exibirem problemas emocionais e físicos, bem como a desenvolverem dificuldades nas relações sociais. Considerando o exposto, torna-se importante estudar, além da relação entre relacionamento conjugal e engajamento, as repercussões do conflito conjugal para o desenvolvimento infantil e formas de abrandar as conseqüências do mesmo para que seja propiciado as crianças a possibilidade de um desenvolvimento saudável.

4 HIPÓTESES

Com base nos argumentos apresentados são lançadas algumas hipóteses que podem ajudar na compreensão da temática:

1) Em função de características biológicas e culturais, pais e mães possuem certas especificidades com relação ao cuidado com os filhos. Tradicionalmente o pai era responsável pelo sustento econômico da família e a mãe pelo cuidado com os filhos. No entanto, tendo em vista as transformações sociais e familiares, *espera-se que pai e mãe compartilhem mais os cuidados com os filhos (as) e as tarefas de casa.*

2) As novas configurações sociais (famílias monogâmicas, recasamentos, entrada da mulher no mercado de trabalho, controle reprodutivo, criação de Instituições de Educação Infantil) levaram a mulher a participar mais da esfera pública da sociedade e o homem a redefinir sua participação entre a esfera pública e a privada e, ocasionaram mudanças nas configurações familiares, consequentemente nos papéis paternos e maternos no cuidado com os filhos. Com isso, *espera-se que o pai assuma maiores responsabilidades domésticas e no cuidado com os filhos, mas não substitua a mãe neste papel. Além disso, espera-se que nos casos em que a mãe trabalha fora de casa, o pai se envolva mais com os filhos.*

3) Autores como Lamb (1997), Pleck (1997), Turcotte e Gaudet (2009) referem que o envolvimento do pai com os filhos sofre influências de variáveis como: a) características do pai (relações com a infância, atitudes e crenças sobre o papel de gênero, sentimento de competência e características sociodemográficas), b) características da família (relacionamento com a esposa e atitudes da mãe em relação à paternidade como encorajar ou inibir a participação paterna), c) características da criança (gênero, idade, temperamento) e d) características do meio social (condições de vida, local de trabalho, cultura e políticas sociais). Vale ressaltar que esta pesquisa investiga a relação entre o investimento de pai e mãe e as características sociodemográficas e o relacionamento conjugal. Dessa forma, apresenta-se as seguintes hipóteses do estudo.

4) *Variáveis pessoais e do contexto cultural exercem influência nas relações familiares e no investimento de pais e mães com os filhos, ou seja,*

4.1) Escolaridade, renda, número de filhos e sexo da criança, se relacionarão com a maior participação de pais e mães nas tarefas

domésticas e nos cuidados com os filhos. O pai tenderá a se envolver mais com os filhos do sexo masculino. Além disso, quanto maior a escolaridade, maior a renda e mais alto será o engajamento de pai e mãe com os filhos. O engajamento de pai e mãe tenderá a aumentar quanto menor for o número de filhos.

4.2) A jornada de trabalho influenciará no tempo de convívio e, conseqüentemente, no engajamento de pai e mãe com os filhos. Quanto maior a jornada de trabalho de ambos os pais, menor será o engajamento com os filhos(as).

4.3) O relacionamento conjugal influencia nas relações pais-filhos e mães-filhos. Neste sentido, relações conjugais satisfatórias levarão a um maior envolvimento com os filhos. Conflitos conjugais influenciarão negativamente no engajamento parental.

5 MÉTODO

Na presente pesquisa foram utilizados delineamentos metodológicos e instrumentos adotados pelo projeto mais abrangente do qual faz parte, que tem como objetivo estudar a violência de uma forma transgeracional e investigar a relação entre relacionamentos conjugais e interparentais e a modulação do comportamento agressivo em crianças de quatro a seis anos de idade. Dentro deste projeto, esta pesquisa propôs investigar as características do investimento de pai e mãe de crianças de quatro a seis anos e sua relação com variáveis sociodemográficas e o relacionamento conjugal.

5.1 Caracterização da pesquisa

A pesquisa de caráter descritivo, exploratório e correlacional teve como objetivo tornar familiar o problema investigado, possibilitando a descrição das características de determinada população ou fenômenos e o estabelecimento de relações entre variáveis e fatos. Caracteriza-se pela utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados que proporcionam explicações aprimoradas e novas descobertas sobre a temática abordada. (Gil, 2002). Para isso, utilizou-se de métodos quantitativos. O estudo quantitativo composto por questões fechadas que contem informações sobre o engajamento parental, variáveis sócio-demográficas e qualidade do relacionamento conjugal.

De acordo com Sampieri, Collado e Lúcio (2006) uma abordagem multidimensional pode permitir uma complementaridade de dados e uma melhor compreensão do fenômeno. A pesquisa será exploratória por explorar e ampliar estudos sobre as variáveis que influenciam o engajamento paterno; descritiva por ter como objetivo a descrição das características da população ou fenômeno a ser estudado e correlacional, pois avaliará o grau de relação entre as variáveis. Por fim, o estudo caracteriza-se como transversal por analisar um momento específico, no espaço e no tempo atual, da trajetória de vida dos participantes. (Sampiere et al., 2006).

5.2 Contextos

A coleta de dados aconteceu simultaneamente, entre os meses de junho e agosto de 2010, em quatro cidades das regiões da Grande Florianópolis e do Vale do Itajaí. Na região da Grande Florianópolis, uma das cidades participantes desta pesquisa caracteriza-se por população superior a 400 mil habitantes e a outra possui cerca de 200 mil habitantes. No Vale do Itajaí também fizeram parte desta pesquisa instituições de ensino pertencentes a dois municípios; um deles com população de pouco mais de 170 mil habitantes e o outro com população de cerca de 100 mil habitantes. (IBGE, 2009).

5.3 Participantes

Participaram da pesquisa 50 famílias biparentais (pais e mães biológicos ou não). O casal deveria estar vivendo junto há pelo menos seis meses e ter um filho ou filha na idade entre quatro e seis anos (criança-focal). Foram incluídos na amostra somente os pais que já haviam completado 18 anos quando do nascimento da criança focal.

As famílias foram recrutadas em Instituições de Educação Infantil (públicas e privadas) de quatro cidades do Estado de Santa Catarina. A delimitação da idade das crianças, entre quatro e seis anos, sugerida pelo projeto maior, deve-se ao pressuposto de que o pico da agressividade ocorre aos dois anos e espera-se que, principalmente em função da aquisição de competências como a linguagem, apresentem, gradativamente, modificações na forma e na intensidade com que expressam a agressividade.

Sendo assim, a faixa etária de 4 a 6 anos entra como critério, pois crianças dessa idade testemunhas da violência entre os pais, tem mais problemas de comportamento e são mais agressivas com pares que crianças que não foram testemunhas. Crianças dessa idade parecem mais afetadas pela violência entre os pais do que as crianças mais velhas.

Sabe-se ainda, que crianças menores demandam um maior número de cuidados e dependência por parte do adulto (geralmente assumidos pela mãe) e com as crianças maiores aumenta a participação do pai. Lamb et al. (1985) verificaram que tanto a interação quanto a acessibilidade do pai, costumam ser mais elevadas quando a criança é mais velha. Dessa forma, objetivou-se delimitar a investigação do

engajamento paterno a uma faixa etária específica, pois, após os três anos de idade, as crianças demonstram maior abertura para estabelecerem outras relações além da relação com a mãe, passando a interagir mais com a figura paterna. (Lamb et al., 1985).

É importante salientar que não foram estabelecidos critérios de exclusão em relação às características sociodemográficas da amostra, como escolaridade do pai, renda, classe social. Essa medida foi tomada tendo o pressuposto de que as diferenças encontradas entre os contextos refletiriam as características dos ambientes ecoculturais específicos (Keller, 2007). Além disso, existia a expectativa de que a heterogeneidade da amostra poderia permitir a avaliação da influência das variáveis sócio-demográficas sobre o envolvimento paterno.

5.4 Instrumentos para coleta de dados

5.4.1 Questionário sociodemográfico (anexo 1)

Esse questionário foi desenvolvido por pesquisadores vinculados ao NEPeDI e adaptado para ser utilizado no estudo mais abrangente, do qual faz parte o projeto aqui apresentado. É composto por 15 questões concernentes a variáveis como: dados da família (cidade de residência, composição familiar, número de pessoas que moram na casa, idade e escolaridade dos membros da família); renda familiar (profissão, atividade atual, jornada de trabalho e valores dos rendimentos percebidos mensalmente pela família); presença de pessoa contratada para auxiliar nos cuidados com a casa e com a(s) criança(s) (empregada ou babá, por exemplo); uso de medicamentos por parte dos familiares; e características da habitação (número de cômodos e tipo de edificação).

5.4.2 Questionário de Engajamento Paterno (QEP) (anexo 2)

Instrumento construído pela equipe ProsPère e validado no Canadá com uma amostra de 468 famílias biparentais com pelo menos um filho entre zero e seis anos de idade. Os alphas de Cronbach variaram entre 0,72 e 0,86; a estabilidade temporal variou de 0,50 a 0,77 (Paquette et al., 2000). Utiliza duas escala do tipo Likert para avaliar

com que frequência os pais realizam determinadas atividades com seus filhos. Uma escala de frequência relativa de seis pontos (nunca, uma vez por mês, duas ou três vezes por mês, uma vez por semana, várias vezes por semana e todos os dias) e outra escala com frequência absoluta de cinco pontos (nunca, de vez em quando, regularmente, quase sempre e sempre). É composta por 56 itens distribuídos em sete dimensões:

- Suporte emocional (12 itens), referente a gestos e palavras que tranquilizam e encorajam a criança;
- Abertura ao Mundo (9 itens), diz respeito à incentivar a criança a ir mais longe e a explorar o ambiente;
- Cuidados Básicos (9 itens), se refere à fornecer cuidados essenciais à sobrevivência como alimentar, vestir e dar banho.
- Jogos Físicos (7 itens), diz respeito a interagir com a criança fisicamente por meio de gestos e brincadeiras;
- Evocações (6 itens), se refere à pensar, lembrar e/ou falar da criança;
- Disciplina (4 itens), remete às ações de controle de comportamentos, ou seja, ao ato de corrigir e repreender a criança;
- Tarefas de Casa (9 itens), compreende as atividades com a casa em geral, ou seja, fazer compras, preparar as refeições e se ocupar da limpeza e dos consertos necessários.

Este questionário originalmente foi construído para investigar o engajamento paterno, mas conforme explicitado pela equipe Prospère (Dubeau et al., 2009) também pode ser aplicado em mães tendo em vista a comparação dos resultados. A comparação entre pai e mãe a partir deste instrumento pode ser importante e servir para identificar as características de cada um no envolvimento com os filhos. Embora construído com o interesse no envolvimento paterno, os itens podem ser usados também com a mãe, por tratar de tarefas em comum a ambos os pais. O alpha de Cronbach obtido no presente estudo foi de 0,89 para o QEP paterno e de 0,80 para o QEP materno evidenciando a confiabilidade do instrumento

5.4.3 Questionário sobre relacionamento conjugal (QRC) (anexo 3)

Composto por quatro itens que se referem ao relacionamento de pais e mães, esse questionário foi adaptado de um instrumento desenvolvido em um estudo realizado por pesquisadores vinculados ao NEPeDI – UFSC. As questões que o compõem referem-se ao tempo de

união do casal, qualidade do relacionamento conjugal, conflito conjugal e satisfação conjugal. O alfa de Cronbach para este estudo foi de 0,73.

5.5 Procedimentos de coleta de dados

Anteriormente à coleta de dados propriamente dita, alguns procedimentos foram realizados para preparar e organizar a operacionalização da pesquisa. Como parte do projeto maior, do qual esta dissertação faz parte, pais e mães¹ responderam a um conjunto de instrumentos. Os professores² da criança focal também participaram da pesquisa e foi realizado o registro cursivo em diário de campo. A seguir serão descritos somente os procedimentos realizados para a pesquisa em questão.

5.5.1 Procedimentos de preparação para a coleta de dados

Em um primeiro momento, o instrumento original QEP, escrito em francês foi traduzido literalmente para o português por pessoas que possuem fluência na língua em questão. A tradução e a versão original foram revisadas e comparadas pelos próprios pesquisadores. A seguir foi realizada a adaptação dos mesmos para o contexto brasileiro com a substituição de algumas palavras e expressões a fim de que pudessem ser mais bem compreendidos pelos participantes da pesquisa, por exemplo, a tradução literal do item 40 do QEP seria “*supervisionar seu filho quando ele brinca fora*” e decidiu-se por modificar a tradução visando facilitar o entendimento por parte dos participantes, de forma que a tradução final ficou da seguinte forma: “*olhar seu filho quando ele brinca no jardim ou na rua*”.

Realizou-se então a construção do construto para o instrumento. Tendo como objetivo elevar a fidedignidade dos instrumentos nesta

¹ Na pesquisa mais ampla citada, o pai respondeu aos seguintes questionários: Questionnaire d'engagement paternel (QEP); Children's Behavior Questionnaire (CBQ); Parent-Child Conflict Tactics Scales (CTSPC); Questionário de Relacionamento Conjugal (QRC); Revised Conflict Tactics Scales (CTS2); Floreal. A mãe respondeu, além de todos estes questionários, o Questionário sócio-demográfico.

² Os professores responderam aos seguintes questionários: Preschool Social Behavior Scale - Teacher Form (PSBS-T); Caregiver-Teacher Report Form for Ages 1½-5 (C-TRF); Questionário de Competição nas crianças (QCPS) e Perfil Sócio-Afetivo (PSA).

pesquisa, considerando que eles ainda não possuem validação ou adaptação transcultural no Brasil, foram convidados profissionais *experts* na área de interesse do instrumento para que avaliassem a correspondência entre o instrumento original e a tradução para o português. Para este processo de análise semântica foram escolhidos três juízes para avaliar o QEP

Os juízes receberam informações sobre o objetivo do instrumento, a descrição do material para aplicação. Receberam também, além das versões do instrumento - a original e a traduzida - o constructo teórico que o embasa, o qual abrangia um apanhado da literatura sobre o tema, bem como a demonstração da relevância da utilização do instrumento. Neste processo, que consistiu em uma avaliação da versão original comparada com a traduzida, foram sugeridas pelos juízes alterações no que se refere à tradução e ao significado de algumas expressões para a população brasileira. Algumas palavras tiveram que ser substituídas por equivalentes semânticos ou foram acrescentados exemplos para as questões que pudessem gerar dificuldades de entendimento. Um dos exemplos destas modificações é o item 14 do QEP cuja tradução literal seria “*cuidar dos cabelos de seu filho*” e alterou-se para “*cuidar dos cabelos de seu filho (lavar, pentear)*”. Foram emitidos certificados para os juízes participantes deste processo.

Após a apreciação das alterações sugeridas pelos juízes, os instrumentos passaram pelo procedimento de *backtranslation*. Este processo levou a novas modificações no QEP como a alteração do item 22 cuja tradução inicial era “*fazer carícias, praticar gestos de amor com seu filho*” e após o *backtranslation* alterou-se para “*acariciar, afagar seu filho*”. Este procedimento englobou a retradução da versão traduzida para língua original e foi realizado por pessoas especializadas na língua francesa.

Realizou-se então um treinamento em sala de espelhos para a aplicação dos instrumentos antes do início do estudo piloto através do qual foi possível, além de treinar os pesquisadores e padronizar a forma de entrevistar os participantes, fazer correções nos instrumentos e definir algumas questões como a necessidade de acrescentar cabeçalho padronizado em todos eles e de colocar grade de respostas em todas as folhas, a fim de agilizar a marcação das respostas dadas pelos participantes. Ainda no momento do treinamento foi observada a necessidade de oferecer um caderno para acompanhamento do participante, idêntico ao do aplicador, visando facilitar o processo de aplicação dos instrumentos.

Após o treinamento em sala de espelho foi realizado o estudo piloto com o objetivo de avaliar a adequação dos instrumentos à realidade do campo de pesquisa, além de servir como treinamento aos entrevistadores no sentido de padronizar o processo de entrevista e de aplicação dos instrumentos. Participaram três famílias (três pais e três mães) e mais duas mães de crianças com a idade pretendida para o estudo; Dessa forma, o procedimento foi aplicado a oito pessoas: três pais e cinco mães. A partir do piloto foram identificados erros de português e de digitação nos instrumentos que puderem ser alterados. Além disso, notou-se também que alguns trechos das assertivas e perguntas necessitavam do acréscimo de palavras no masculino e no feminino (por exemplo, filho/filha; seu/sua; ele/ela; pai/mãe).

A compreensão dos pais quanto às questões e o tempo que cada participante levava para responder a pesquisa puderam ser verificados através do estudo piloto, uma vez que o procedimento seguiu todos os passos da coleta de dados propriamente dita, com leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e acompanhamento do caderno de questões que era entregue a cada participante no momento da entrevista. As questões destacadas pelos participantes do piloto como geradoras de dúvidas ou dificuldades de interpretação foram debatidas pelo grupo de pesquisadores envolvidos. Foram modificadas todas aquelas questões nas o grupo avaliou ser pertinente a alteração.

Nesta etapa foi verificada a necessidade de referir repetidas vezes o nome da criança focal para evitar confusões dos pais com os outros filhos na hora de responder aos questionários. Ademais, com base no piloto previram-se também as interferências que poderiam acontecer, por ventura, no campo de pesquisa, como, por exemplo, a presença da criança ou de outros familiares. Percebeu-se ainda a necessidade de clarificação, no momento do agendamento, do tempo médio de duração da entrevista para evitar que o período disponibilizado pelos pais fosse curto, o que acarretaria na interrupção da entrevista e na necessidade de uma nova visita para finalização da coleta. Observou-se, por fim, a importância de o participante acompanhar a grade de respostas e do entrevistador ler e relembrar as opções de resposta sempre que sentisse necessidade.

Anteriormente ao início do piloto desta pesquisa, foi construído um *Manual de Procedimentos para Coleta de Dados* com o objetivo de descrever todas as etapas da coleta, visando padronizar os procedimentos. Este *Manual* sofreu alterações após o treino dos aplicadores em sala de espelhos e, também, após as discussões do grupo

de pesquisa em face aos resultados do estudo piloto. Constam no *Manual* todos os passos a serem seguidos desde o contato com as Instituições, passando pelo contato telefônico com os pais até a etapa final de despedida e agradecimento aos participantes ao término da coleta de dados.

5.5.2 Procedimentos para recrutamento e seleção da amostra

No processo de busca inicial dos participantes da coleta, foram contatadas Instituições de Educação Infantil (IEI), públicas e privadas, das regiões do Vale do Itajaí e da Grande Florianópolis para apresentação da proposta da pesquisa e, nos casos de aprovação, para assinatura da Autorização Institucional (apêndice 1) por meio do qual autorizavam o acesso aos pais via instituição. Antes de contatar as instituições públicas, os pesquisadores apresentaram um projeto base, explicitando a relevância, objetivos e procedimentos da pesquisa, às Secretarias de Educação de dois dos municípios participantes desta pesquisa e, mediante liberação para realização da mesma, algumas escolas foram indicadas. Com as instituições privadas o contato se deu diretamente com os responsáveis pelas mesmas.

As crianças foram recrutadas em IEIs de quatro cidades do Estado de Santa Catarina. No Vale do Itajaí, onze escolas aceitaram participar da pesquisa. Das onze, três escolas não receberam retorno das famílias, sendo uma da rede privada e as restantes da pública. Na rede privada de ensino foram entregues 264 cartas que foram distribuídas às famílias que preencheram os requisitos para participar da pesquisa e na rede pública foram entregues 242 cartas, totalizando 506 cartas. Na rede privada retornaram 49 cartas preenchidas pelas famílias. Na rede pública, este retorno foi de apenas 13. Do total de 61 retornos, 20 famílias participaram da pesquisa e 22 foram descartadas por não preencherem os critérios para a pesquisa ou por desistência após o contato telefônico.

Na região da grande Florianópolis, quatro escolas da rede pública aceitaram participar da pesquisa, sendo que em uma delas não houve retorno por parte das famílias. Foram enviadas 281 cartas convite e retornaram 66 preenchidas. Dessas, 29 famílias cumpriram os critérios para participação no estudo e 37 foram excluídas por não preencherem os pré-requisitos de participação na pesquisa ou por desistência. Além dessas, três crianças foram acessadas através da indicação de pais de

famílias que haviam participado da pesquisa; portanto, não foram convidados via instituição de ensino. Essas crianças estudam em escolas particulares da Grande Florianópolis.

Assim, efetivamente participam do estudo 13 instituições de educação infantil. Dentre essas, sete escolas pertencentes à rede privada de ensino e as demais (seis), à rede pública. No total, foram distribuídas 523 cartas pela rede pública e 264 cartas na rede privada.

Os pesquisadores, após explicação dos objetivos da pesquisa diretamente às educadoras - sempre que foi possível - deixavam com elas cartas-convite que deveriam ser entregues às crianças de quatro a seis anos convidando suas famílias a participar da pesquisa. Portanto, os pais foram contatados inicialmente por meio da Ficha de Contato Inicial (apêndice 2), representada pela carta-convite e entregue via instituição. Esse documento fornecia esclarecimentos acerca do estudo e solicitava a participação voluntária sendo composta por um curto questionário que deveria ser preenchido pelos participantes com dados gerais da família (nome de ambos os pais, nome e idade do(s) filha(s), telefone para contato, endereço residencial, e-mail). Os pais que aceitassem participar deveriam informar seu interesse ao retornar a carta convite preenchida à Instituição.

De posse das cartas respondidas pelos pais, foi realizada uma triagem buscando identificar crianças que atendessem aos critérios estipulados para a escolha dos participantes. Os pesquisadores realizavam, então, contato telefônico com os possíveis participantes, momento em que se identificavam, relembavam a resposta à carta convite, forneciam algumas informações sobre a pesquisa, checavam os critérios para a participação e, se não houvesse nenhum empecilho, convidavam a família a fazer parte da pesquisa. Em caso de aceite, era agendada uma visita domiciliar para maiores esclarecimentos e, se fosse possível, a coleta já iniciava nesta primeira visita. Do contrário, era marcada nova visita para realização da coleta de dados. O pesquisador deixava disponíveis seu contato telefônico e e-mail no caso da família precisar fazer algum contato antes do encontro marcado. Quando algum dos critérios não era preenchido pela família, procedia-se explicando a impossibilidade de inclusão da família e era feito um agradecimento em nome do grupo de pesquisa.

5.5.3 Procedimentos para a coleta de dados propriamente dita

A coleta aconteceu preferencialmente no domicílio das famílias, destacando-se que as visitas domiciliares seguiram os procedimentos éticos relacionados à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice 3), esclarecimento sobre a participação voluntária e sobre procedimentos pertinentes em caso de desistência. O horário para aplicação dos instrumentos era negociado com as famílias, sempre priorizando sua rotina e disponibilidade de tempo.

Para a realização da coleta de dados, as entrevistas foram realizadas preferencialmente nos domicílios e em uma única visita. Caso esta condição não fosse possível por qualquer razão, era agendada nova visita. Os pesquisadores tomaram cuidado para que a disponibilidade de tempo dos pais no dia da coleta fosse garantida sendo que a coleta teve duração aproximada de 50 minutos com cada um dos integrantes do casal, variando em função de interrupções e das características individuais.

Ao chegar ao local combinado para a entrevista, os pesquisadores faziam uma ambientação com os participantes e forneciam informações claras acerca da dinâmica do procedimento e colocavam-se disponíveis para responder dúvidas. Antes de iniciar a aplicação dos questionários, um dos pesquisadores lia em voz alta o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e solicitava que o pai e a mãe assinasse-o e colocasse a data, sendo que uma das vias ficava de posse do pesquisador e a outra, de posse do entrevistado. Neste momento os pesquisadores ressaltavam que na via que ficaria com eles, constavam os contatos dos pesquisadores, de forma que teriam acesso aos mesmos em caso de quaisquer dúvidas. Após as assinaturas, os Termos eram guardados, juntamente com a carta convite anteriormente respondida, em um envelope pardo que era fechado com uma etiqueta onde era escrito o código da família. Este procedimento foi tomado para resguardar a identidade dos participantes, visto que os cadernos de resposta, que eram guardados em outro envelope pardo, possuíam apenas este código da família, sem a identificação dos participantes.

Pais e mães recebiam um caderno de acompanhamento e o pesquisador ficava responsável por anotar as respostas no caderno de respostas. O pesquisador lia integralmente cada um dos instrumentos em voz alta e marcava a resposta do participante. Este poderia ou não acompanhar a leitura no caderno especificamente confeccionado para este fim. Sempre que oportuno, o pesquisador repetia o nome da

criança-focal como forma de evitar que o participante respondesse pensando em outro(s) filhos(s).

Após o término da aplicação dos questionários, os pesquisadores se despediam e se colocavam à disposição para prestar informações sobre a pesquisa. Ao terminar a coleta de dados, os pesquisadores preenchiam o Diário de Campo, relatando informações que julgassem relevantes como suas impressões sobre o ambiente doméstico e sobre o relacionamento familiar. Uma planilha para organização dos dados da coleta foi construída para evitar erros no registro das informações. Tal planilha era continuamente alimentada pelo grupo de pesquisa para que estivesse sempre atualizada possibilitando o acompanhamento das atividades.

A coleta de dados propriamente dita, ocorreu segundo as seguintes etapas:

ETAPAS DO PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

Contato com a Instituição (Autorização Institucional, entrega das Cartas Convites aos pais das crianças);

Contato com pais (por meio do retorno da Carta Convite) e agendamento da visita domiciliar;

Visita domiciliar: conversa inicial para ambientação com a família e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;

Aplicação dos instrumentos com o pai e com a mãe. A mãe respondeu a 3 instrumentos (questionário sócio-demográfico, QEP e QRC) e o pai respondeu ao QEP e ao QRC.

Ao terminar a coleta propriamente dita, os pesquisadores se despediam da família, agradecendo a participação e colocando-se à disposição para futuras explicações sobre a pesquisa, desistência e devolução dos dados obtidos. Era realizado então, o preenchimento do Diário de Campo com as informações julgadas como pertinentes sobre o ambiente doméstico e o relacionamento familiar;

Figura 1: Etapas do procedimento de coleta de dados

5.6 Análise dos dados

Para a análise dos objetivos da pesquisa os instrumentos passaram por um processo de modificação. O QEP por possuir uma escala Likert diferenciada dentro dos itens (até 5 pontos nos 24 primeiros itens e até 6 pontos do item 25 ao 56) e dimensões (Cinco das sete dimensões possuíam itens com a escala diferenciada, com exclusão do Suporte Emocional e Jogos Físicos), foi calculado de duas formas: primeiro a análise foi feita utilizando os dados da escala original com 6 e 5 pontos e foi calculado o engajamento geral e por dimensões para pai e mãe. Em função da diferença de pontos da escala, para se comparar as dimensões entre os mesmos sujeitos (pai-pai; mãe-mãe), julgou-se que o valor gerado não seria correto, já que algumas dimensões iriam pesar mais, em função da opção de resposta “6”, do que outras com aqueles itens que não tiveram a opção “6” para a pessoa responder. Assim, para equivaler as dimensões, utilizou-se o cálculo com regra de três e dessa forma os pontos da escala equivaleriam a: 1=0,833; 2=1,666; 3=2,499; 4=3,333; 5=4,166; e 6=5. Assim, todos os itens teriam de 1 a 5, a escala ficaria mais fidedigna e a análise mais correta de acordo com o objetivo da pesquisa. O QRC por ter o item referente ao conflito conjugal invertido, este foi recodificado para a análise.

Os dados foram tabulados e tratados em uma planilha no programa estatístico Statistical Package for Social Science (SPSS 18.0). Foram, então, realizadas análises descritivas (frequências, médias e desvio padrão) e inferenciais (testes não paramétricos como o Qui-quadrado para variáveis categóricas, testes de diferenças de média (Teste de Wilcoxon e Mann-Whitney) e testes de correlação como o coeficiente de correlação Spearman). Foram utilizados em todas as análises os dados referentes à escala substituída pela regra de três.

Abaixo estão listados os objetivos específicos da pesquisa e as respectivas análises realizadas:

- Para caracterizar os tipos de investimento parental, foram calculadas as médias e desvio padrão do engajamento geral e por dimensões do instrumento QEP (suporte emocional, abertura ao mundo, cuidados básicos, disciplina, evocações, jogos físicos e tarefas de casa) para a mãe e para o pai. Realizou-se o teste de diferença de média (teste de Wilcoxon) entre os escores obtidos em cada dimensão e o teste de correlação (coeficiente de correlação de Spearman) para identificar a existência de correlações significativas entre as dimensões de cada participante.

- Para comparar o investimento de pai e mãe no cuidado com os filhos, foram comparadas as médias gerais e por dimensões de pai e mãe, obtidas por meio do QEP por meio do teste de diferença de média (Mann-Whitney). Foram estabelecidas correlações (Spearman) entre QEP paterno e materno geral e por dimensões visando a comparação entre pai e mãe.

- Ao relacionar o investimento com variáveis sócio-demográficas foi feita a caracterização sócio-demográfica dos participantes (frequências, média e desvio padrão) de variáveis como idade, número de filhos, jornada de trabalho, tipo de família, renda, entre outras. Também foram feitas correlações (Spearman), para identificar o relacionamento das variáveis com o engajamento paterno e materno e entre as variáveis. O teste Mann-Whitney foi utilizado com o objetivo de identificar as diferenças de médias entre os escores do engajamento (geral e nas dimensões) e a jornada de trabalho (até 30 horas e mais de 30 horas), número de filhos (1 filho e mais de 1 filho) e sexo da criança (masculino e feminino).

- Para verificar se o relacionamento conjugal interfere no investimento de pai e mãe no cuidado com os filhos: Calculou-se o escore obtido por meio do QRC geral e por itens para pai e mãe. Foram realizados testes de diferença de média (Mann-Whitney) entre os escores obtidos pelas respostas de mãe e pai, para verificar a existência de diferenças significativas entre os participantes e testes de correlação (Spearman) entre o QRC geral e por itens e o QEP paterno e materno (geral e por dimensões) visando identificar o relacionamento entre essas variáveis.

Foram calculados os alphas de Cronbach do QEP e do QRC para esta pesquisa. Para o QRC o alpha foi de 0,73. Para a escala materna do QEP o alpha foi de 0,80 e para a paterna foi de 0,89 evidenciando a confiabilidade dos instrumentos. Os alphas não variaram quando calculados com os dados não substituídos pela regra de três. As médias do engajamento geral e as diferenças significativas entre as dimensões de pai e mãe não apresentaram modificações entre os dados substituídos com a regra de três e os não substituídos. Percebeu-se que as diferenças de médias entre as dimensões e as correlações do engajamento de pais e mães e das variáveis sócio-demográficas, não sofreram grandes alterações, quando o cálculo se deu com os dados não substituídos pela regra de três.

5.7 Aspectos éticos

Atendendo às resoluções nº 196, de 10 de outubro de 1996, e nº 251 de 05 de agosto de 1997, ambas do Ministério da Saúde, o projeto mais amplo, no qual essa pesquisa se insere, foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH/UFSC) e aprovado em 30 de novembro de 2009 (Certificado nº 520). Os princípios éticos da pesquisa concernem à proteção dos direitos, bem-estar e dignidade dos participantes. O Código de Ética do Conselho Federal de Psicologia de 08/2005 dispõe sobre a realização de pesquisas em Psicologia com seres humanos e destaca a importância da observação destes aspectos.

Os participantes foram informados, antes do início da coleta de dados, no momento da leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sobre a garantia de anonimato, a participação voluntária e sobre os procedimentos que deveriam ser tomados em caso de desistência, em qualquer fase da pesquisa. Foram assinadas duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Uma via do Termo de Consentimento, contendo estas informações e os dados para contato com os pesquisadores, ficou de posse do participante para garantir a liberdade de participação. O mesmo procedimento foi tomado com relação à Instituição participante.

Todos os documentos derivados da coleta em cada família foram anexados juntos e formou-se uma ficha para cada participante. Os dados foram arquivados no Laboratório de Pesquisa em Psicologia da Saúde, Família e Comunidade (LABSFAC), no Departamento de Psicologia da UFSC. A Prof^a Dr^a Maria Aparecida Crepaldi, Coordenadora do Projeto, é a responsável por assegurar a confidencialidade dos dados.

Vale ressaltar que os pesquisadores passaram por um treinamento a fim de que fossem capacitados a evitar a emergência de riscos ou desconfortos aos participantes durante a coleta de dados, visto que em função do projeto maior, a coleta de dados incluía instrumentos que abordavam acerca da resolução de conflito conjugal e com os filhos, além de questões sobre relacionamento e violência conjugal. O treinamento envolveu discussões e reflexões a respeito de possíveis desconfortos que poderiam surgir a partir dessas questões. Ademais, em caso de eventuais problemas que pudessem emergir durante a entrevista, o pesquisador, com formação em Psicologia, foi orientado a oferecer suporte emocional à família e, se fosse necessário, proceder ao encaminhamento para serviços especializados quando houvesse comum

acordo com a família.

Após o término da pesquisa, serão oferecidas palestras para as duas Instituições de Ensino participantes, a serem ministradas pelos pesquisadores, com o objetivo de apresentar os resultados do estudo de forma a contribuir para a promoção do desenvolvimento infantil e para a formulação de estratégias preventivas no que se refere ao comportamento agressivo e violento.

6 RESULTADOS

6.1 Caracterização sociodemográfica dos participantes

Participaram da pesquisa quatro municípios do estado de Santa Catarina e foram entrevistados 50 pais (92%) ou padrastos (8%) e 50 mães (98%) ou madrastas (2%). Dentre essas famílias, 48 % (24) eram residentes na cidade A 34 % (17) residiam na cidade B, 12% (6) na cidade de C e 6% (3) residiam na cidade D.

As mães participantes apresentaram uma média de idade de 33,32 (DP= 6,34), variando entre 23 e 49 anos, enquanto que os pais possuíam idade média de 37,20 (DP= 9,39), sendo a mínima 26 e a máxima 63. Por meio de análise estatística (teste não paramétrico Mann-Whitney) constatou-se que houve diferença significativa entre as idades de pai e mãe, revelando que os pais eram mais velhos do que as mães ($Z=1,99$; $p<0,05$).

A escolaridade das mães em anos concluídos foi de 12,52 (DP= 3,46) e em termos de variável nominal (fundamental incompleto, médio incompleto, superior incompleto e superior completo/pós-graduação), a escolaridade variou de não alfabetizadas (2%) a pós-graduação (12%), 38% das mães possuíam o ensino médio completo, seguido de ensino superior completo (20%), 10% possuíam ensino fundamental incompleto, 10% possuíam o ensino médio incompleto e 8%, o ensino superior incompleto. Os pais possuíam 11,25 anos de escolaridade (DP=3,14) e o nível de escolaridade deles variou de ensino fundamental incompleto (20%) a ensino superior completo (18%), 6% dos pais possuíam ensino fundamental incompleto, 8% possuíam o ensino médio incompleto e 34% possuíam ensino médio completo, seguido de ensino superior incompleto (14%). O teste estatístico de diferença de média Mann-Whitney não revelou diferenças significativas entre a escolaridade em anos de pai e mãe ($Z=1,79$; $p=0,07$). O teste Qui-quadrado realizado para verificar a associação entre as variáveis não métricas (níveis de escolaridade) revelou que a escolaridade da mãe é maior que a do pai em níveis ($\chi^2= 20,28$; $gl=6$; $p<0,05$), o que pode ser explicado pelo fato de mais mães possuírem ensino superior completo (20%) e ensino médio completo (38%) em relação aos pais (18% e 34%, respectivamente) e também possuírem pós-graduação (12%), enquanto que os pais não possuíam.

Somente 9 mães (18%) não possuíam jornada de trabalho fora de casa, sendo classificadas como do lar ou desempregadas. Dentre as demais, 7 (14%) possuíam jornada de até 20 horas semanais, 4 (8%) trabalhavam até 30 horas semanais, 16 (32%) possuíam jornada de até 40 horas semanais, 9 (18%) até 44 horas semanais e 10% acima de 44 horas semanais. Dos pais 4 (8%) não possuíam jornada de trabalho fora de casa. 3 (6%) trabalhavam até 30 horas semanais, 24 (48%) possuíam jornada de até 40 horas semanais, 10 (20%) acima de 44 horas semanais e 9 (18%) até 44 horas semanais. O teste estatístico para variáveis não métricas (Qui-quadrado) revelou que o pai possui jornada de trabalho maior do que a mãe ($\chi^2= 14,41$; $gl=6$; $p<0,05$).

As profissões de pais e mães variaram entre os níveis de Ensino Superior como psicólogo, advogado, pedagogo; operacional como empregada doméstica, camareira, costureira, pedreiro; administrativo como auxiliar administrativo, secretária, administrador ou gerente de empresa; técnico como técnico em informática, em telecomunicações e em vendas e comercial como vendedor, comerciante, entre outras categorias do funcionalismo público.

Em termos de rendimento total, as mães apresentaram uma média de 1.247,02 reais (DP= 1008,09), sendo a mínima de 100,00 e a máxima de 6.000,00 reais. Com os pais a média foi de 2.092,40 reais (DP= 1.360,61), sendo a mínima de 510,00 e a máxima de 8.000,00 reais. O teste estatístico (Mann-Whitney) apontou diferenças significativas entre o rendimento de pai e mãe, sendo a renda mensal do pai maior do que a da mãe ($Z=4,30$; $p<0,001$). Em termos de faixas salariais, o rendimento familiar mensal variou de R\$ 1001,00 a 1300,00 (2%) a acima de R\$ 4000,00 (26,5%). A faixa salarial que obteve a maior concentração foi a de R\$ 2001,00 a 3000,00 com 28,6%.

No que se refere à composição familiar, 39 das 50 famílias (78%) constituíam família nuclear com pais biológicos de todos os filhos, 6 (12%) eram famílias recasadas com pais biológicos da criança-focal, 4 (8%) famílias recasadas com padrasto e 1 (2%) família recasada com madrasta. O tempo de união do casal variou entre 2 e 25 anos, com média de 10,04 (DP=5,26). 16 casais (32%) possuíam somente um filho de 4 a 6 anos e outros 16 possuíam além de um filho de 4 a 6 anos, um filho de 7 a 16 anos e 7 casais (14%) possuíam além da criança-focal, um filho de 0 a 3 anos. 12% (6 casais) tinham 2 filhos de 4 a 6 anos. Neste caso a criança-focal era escolhida por ordem alfabética do nome (critério estabelecido pelo grupo de pesquisa, para padronizar as formas de coleta de dados). Dessa forma, referente ao número de filhos 32% das

famílias afirmou ter um único filho no momento da coleta de dados enquanto o restante (68%) tinha mais de um filho. 16 famílias possuíam somente um filho ou filha, 27 famílias possuíam 2 filhos(as) e 7 famílias possuíam entre 3 e 4 filhos(as). Com relação à criança-focal, 58% (29) eram do sexo masculino e 42% (21) do sexo feminino. Vinte e oito crianças (62%) freqüentavam a escola em período integral, 16 (35%) no período da tarde e o restante durante o turno da manhã. Somente 4 famílias (8%) declararam ter babá para cuidar da criança. 11 mães (22%) e 2 pais (4%) são responsáveis únicos por cuidar da criança quando esta não está na escola. O cuidado conjunto de mães e pais corresponde a 16% e os demais resultados se dividem entre irmãos, avós, babá, tios e ainda outros parentes.

Portanto, constata-se que dentre as famílias participantes, a maioria constituía família nuclear com mais de um filho. O pai tem significativamente mais idade, maior jornada de trabalho e renda mensal do que a mãe, enquanto que, em comparação com o pai, a mãe possui escolaridade maior em níveis.

6.2 Caracterização do engajamento parental

Para caracterizar o engajamento de pais e mães foram calculadas as médias obtidas por meio do QEP em um nível geral e por dimensões para cada participante. Para fazer uma análise entre as dimensões do instrumento para cada participante (pai e mãe) foi utilizada a substituição com regra de três nos pontos da escala Likert para melhor equivaler as respostas, conforme explicado no subitem análise de dados desse trabalho. Desta forma o escore máximo a ser atingido na escala era de 5 pontos.

A média geral do engajamento materno foi de 4,63 (DP= 0,28). A mãe ainda apresentou médias de 4,79 (DP= 0,32) em Suporte Emocional; 4,66 (DP= 0,35) em Cuidados Básicos; 4,43 (DP= 0,43) em Disciplina; 4,34 (DP= 0,56) em Evocações; 4,00 (DP= 0,47) em Tarefas de Casa; 3,76 (DP= 0,45) em Jogos Físicos e 3,72 (DP= 0,51) em Abertura ao Mundo.

As dimensões ainda foram comparadas par a par e o teste de comparação de médias (Teste de Wilcoxon) revelou no caso da mãe, diferenças significativas entre quase todas as dimensões, exceto nos pares: Abertura ao Mundo com Jogos Físicos e Evocações e Disciplina. Dentre as dimensões que apresentaram diferenças significativas para a

mãe, destacam-se: o Suporte Emocional com Abertura ao Mundo ($Z= 6,14$; $p<0,001$), com Jogos Físicos ($Z= 6,15$; $p<0,05$) e com Evocações ($Z= 4,98$; $p<0,001$); a Abertura ao Mundo com Cuidados básicos ($Z= 6,12$; $p<0,001$) e com evocações ($Z= 5,43$; $p<0,001$); os Cuidados Básicos com Disciplina ($Z= 3,30$; $p= 0,01$) e com Tarefas de Casa ($Z= 6,03$; $p<0,001$) e a Disciplina com Tarefas de casa ($Z= 4,73$; $p<0,001$), por também terem apresentado correlações. Para verificar o relacionamento entre as dimensões, calculou-se o coeficiente de correlação de Spearman, como mostra a tabela 1.

Tabela 1 - Correlações entre as dimensões do engajamento materno.

	Suporte emocional	Abertura ao mundo	Cuidados básicos	Jogos físicos	Evocações	Disciplina
Suporte emocional	–					
Abertura ao mundo	0,49**	–				
Cuidados básicos	0,27	0,38**	–			
Jogos Físicos	0,36**	0,52**	0,06	–		
Evocações	0,51**	0,39**	0,17	0,25	–	
Disciplina	0,13	0,08	0,34*	0,13	-0,18	–
Tarefas de Casa	0,12	0,10	0,60**	-0,10	-0,03	0,45**

** $p< 0,01$ e * $p<0,05$

Dessa forma, dentre as dimensões, a mãe apresentou escore mais alto em Suporte Emocional (mais alto que o engajamento geral) e esse aparece correlacionado e com diferenças de médias significativas com: a Abertura ao Mundo (sétima e última mais realizada pela mãe), os Jogos Físicos (sexta mais realizada) e Evocações (quarta mais realizada), ou seja, a mãe obteve médias mais altas em atividades que envolvem cuidar, garantir que a casa seja segura, tranquilizar a criança, olhar

quando brinca na rua, dar os primeiros socorros, acalmar, consolar, dizer à criança que a ama, incentivar e intervir quando seu filho apresenta alguma dificuldade ou desconforto. Em segundo lugar, em termos de média, aparece a dimensão Cuidados básicos (dar de comer ou beber, dar banho, vestir, colocar na cama, levar ao médico e levantar à noite para atender seu filho ou filha) que aparece relacionado com a Disciplina, terceira mais pontuada pela mãe, e se refere às atividades de corrigir comportamentos, repreender e punir quando os filhos fazem algo de errado e a Tarefas de Casa, quinta colocada na esfera de engajamento materno, em termos de média (preparar refeições, lavar louça e roupas, limpar e ajeitar a casa e fazer e programar compras). A Abertura ao Mundo (assistir programas infantis, escutar música, ir ao parque, passear, ensinar esportes, propor brincadeiras educativas e mostrar novos brinquedos aos filhos), foi a que obteve menor escore para a mãe.

Em uma análise por itens do instrumento, em termos gerais, os que obtiveram maior média pelas mães foram: *cuidar da criança quando ela está doente* (M=5,00), *dizer à criança que a ama* (M=4,92), *parabenizar quando consegue fazer algo* (M= 4,90), *fazer carícias* (M=4,88) e *dar de comer ou beber* (M= 4,88). Os itens menos pontuados foram *brincar de lutinha* (M=1,22), *se ocupar do conserto do carro* (M=1,73), *brincar com o filho nas costas* (M= 2,41) e *ir ao parque* (M= 2,74).

Já o pai apresentou média geral do engajamento de 4,07 (DP=0,49) e escores médios em Suporte Emocional=4,48 (DP=0,44); Disciplina=4,17 (DP=0,55); Jogos Físicos=3,92 (DP=0,55); Evocações=3,78 (DP=0,82); Cuidados Básicos=3,55 (DP=0,89); Abertura ao Mundo=3,39 (DP=0,66); Tarefas de Casa=3,10 (DP=0,74). No caso do pai também foram encontradas diferenças significativas entre as médias das dimensões, com exceção das comparações entre: Abertura ao Mundo e Cuidados Básicos, Cuidados Básicos e Evocações, Jogos físicos e Evocações. Dentre os pares de dimensões com diferenças significativas, destacam-se: o Suporte Emocional com Abertura ao Mundo ($Z= 6,15$; $p<0,001$), com Evocações ($Z= 5,30$; $p<0,001$), com Disciplina ($Z= 4,00$; $p<0,001$) e com Tarefas de Casa ($Z= 6,09$; $p<0,001$); a Abertura ao Mundo com Jogos Físicos ($Z= 4,57$; $p<0,001$), com Evocações ($Z= 3,52$; $p<0,001$) e com Tarefas de Casa ($Z= 2,57$; $p<0,01$); os Cuidados Básicos com Disciplina ($Z= 4,26$; $p<0,001$) e com Tarefas de Casa ($Z= 3,55$; $p<0,001$); Evocações com Tarefas de Casa ($Z= 4,34$; $p<0,001$), pois também apresentaram correlações, conforme a tabela 2.

Tabela 2 - Correlações entre as dimensões do engajamento paterno.

	Suporte emocional	Abertura ao mundo	Cuidados básicos	Jogos físicos	Evocações	Disciplina
Suporte emocional						
Abertura ao mundo	0,51**	–				
Cuidados básicos	0,26	0,39**	–			
Jogos Físicos	0,28	0,34*	0,22	–		
Evocações	0,52**	0,59**	0,39**	0,26	–	
Disciplina	0,36*	0,20	0,30*	0,26	0,23	–
Tarefas de Casa	0,32*	0,37**	0,58**	-0,00	0,29*	0,26

** p < 0,01 e * p < 0,05

Ao se analisar a participação paterna no que se refere às esferas mais específicas de cuidado (dimensões) pode-se constatar que os pais obtiveram escore mais altos em Suporte Emocional (assim como as mães), seguido de Disciplina, Jogos Físicos e Evocações respectivamente, do que em Cuidados Básicos, Abertura ao Mundo e Tarefas de Casa. A dimensão Suporte Emocional obteve um escore mais alto do que o engajamento do pai em termos gerais, fato que revela que o pai está envolvido com atividades como cuidar, garantir que a casa seja segura, tranquilizar a criança, olhar quando brinca na rua, dar os primeiros socorros, acalmar, consolar, dizer à criança que a ama, incentivar e intervir quando seu filho apresenta alguma dificuldade ou desconforto. Esta dimensão ainda apresenta diferenças significativas, em termos de média, com dimensões também pontuadas em altas proporções pelo pai como Disciplina (corrigir comportamentos, repreender e punir os filhos quando fazem algo de errado), jogos físicos (brincar de *lutinha*, brincar com os filhos nas costas, fazer cócegas e fazer as crianças rirem) e Evocações (falar de seu filho para colegas e

amigos, pensar e lembrar-se dele e olhar fotos de seu filho quando era menor).

Com escores mais baixos aparecem as dimensões: Cuidados Básicos (dar de comer ou beber a criança, dar banho, vestir, colocar na cama, levar ao médico e levantar a noite para cuidar da criança), a Abertura ao Mundo (assistir programa infantil com o filho, escutar música, acompanhar na casa de amigos e vizinhos, levar ao parque, passear, ensinar esportes, propor brincadeiras educativas e mostrar novos brinquedos) e Tarefas de Casa (preparar refeições, lavar louça e roupa, limpar a casa, levar o lixo e programar a compras de coisas necessárias para a casa e para os filhos).

Na análise por itens do instrumento, os escores mais elevados foram os referentes à: *pensar na criança quando esta não está com ele* (M= 4,66), *olhar a criança quando brinca no jardim ou na rua* (M=4,66), *fazer carícias* (M=4,59), *parabenizar quando a criança consegue fazer algo* (M=4,56) e *tranqüilizar a criança quando ela tem medo* (M=4,56). Enquanto que os itens que obtiveram menor média foram: *brincar de lulinha* (M=2,20), *fazer o filho participar de atividades dos adultos* (M= 2,32), *limpar a casa* (M=2,65), *ir ao parque* (M=2,66) e *fazer compras para casa* (M=2,92).

6.3 Comparação entre o engajamento de pai e mãe no cuidado com os filhos

Foram comparadas as médias do engajamento geral entre pai e mãe e verificou-se que o engajamento materno (M= 4,63; DP= 0,28) é significativamente maior que o engajamento paterno (M= 4,07; DP=0,49) (Z= 6,13; $p < 0,001$).

Para fazer a comparação entre dimensões do instrumento relacionada a cada participante (pai e mãe) utilizou-se o teste Mann Whitney e quase todas as dimensões apresentaram diferenças significativas entre pai e mãe, com exceção da dimensão jogos físicos, ou seja, a mãe possui engajamento estatisticamente significativo maior que o pai nas dimensões Suporte Emocional, Abertura ao Mundo, Cuidados Básicos, Evocações, Disciplina e Tarefas de Casa, conforme apresenta a tabela 3.

Tabela 3 - Comparações de médias entre pai e mãe nas dimensões do QEP

	Suporte Emocional	Abertura Ao Mundo	Cuidados Básicos	Jogos Físicos	Evocações	Disciplina	Tarefas de Casa
Mãe	4,79	3,72	4,66	3,76	4,34	4,43	4,00
Pai	4,48	3,39	3,55	3,92	3,78	4,17	3,10
Z	4,06**	2,46*	6,89**	1,70	4,34**	2,34*	6,13**

**p< 0,01 e * p<0,05

Ainda em termos específicos do engajamento (sete dimensões) pode-se perceber que tanto a mãe quanto o pai apresentaram escore mais alto em Suporte Emocional e menor em Abertura ao Mundo (para a mãe) e Tarefas de Casa (para o pai). O pai pontua mais que a mãe somente em Jogos físicos, mas sem diferenças significativas, que aparece em terceiro lugar no caso do pai e em penúltimo no da mãe. Os Cuidados Básicos que aparecem em segundo lugar no engajamento da mãe, para o pai apresenta-se em quinto lugar. A dimensão Evocações, embora a mãe pontue mais que o pai, aparece em quarto lugar para ambos. A Abertura ao Mundo aparece em último lugar para a mãe e em penúltimo para o pai.

A Tabela 4 mostra essa comparação entre a ordem de engajamento de pai e mãe nas dimensões.

Tabela 4 - Comparações entre a ordem dos diferentes tipos de engajamento de mãe e pai.

Mãe	Média QEP	Pai	Média QEP
Suporte Emocional	4,79	Suporte Emocional	4,48
Cuidados Básicos	4,66	Disciplina	4,17
Disciplina	4,43	Jogos Físicos	3,92
Evocações	4,34	Evocações	3,78
Tarefas de Casa	4,00	Cuidados Básicos	3,55
Jogos Físicos	3,76	Abertura ao Mundo	3,39
Abertura ao Mundo	3,72	Tarefas de Casa	3,10

O teste de correlação de Spearman não revelou correlações significativas entre o engajamento geral e por dimensões da mãe com o engajamento geral e por dimensões do pai, já o score do engajamento geral do pai apresenta-se correlacionado com a dimensão Tarefas de Casa da mãe ($r=-0,33$; $p<0,05$). A tabela 5 mostra a correlação entre o engajamento geral do pai com o geral da mãe e as dimensões de mãe e pai e vice-versa.

Tabela 5 - Correlações entre o QEP (geral) e dimensões de mãe e pai.

	QEP mãe	QEP pai
QEP mãe	_____	r= -0,06
QEP pai	r= -0,06	_____
Suporte emocional mãe	r=0,62**	r= -0,12
Abertura ao mundo mãe	r=0,77**	r=0,07
Cuidados básicos mãe	r= 0,70**	r= -0,14
Jogos físicos mãe	r=0,55**	r=0,23
Evocações mãe	r=0,46**	r= 0,10
Disciplina mãe	r= 0,36**	r= -0,18
Tarefas de casa mãe	r= 0,51**	r= -0,33*
Suporte emocional pai	r= -0,01	r=0,60**
Abertura ao mundo pai	r=0,16	r=0,73**
Cuidados básicos pai	r= -0,07	r=0,77**
Jogos físicos pai	r=0,12	r=0,38**
Evocações pai	r=0,15	r=0,71**
Disciplina pai	r= -0,13	r=0,42**
Tarefas de casa pai	r= -0,23	r=0,73**

**p<0,01; *p<0,05

Em termos específicos entre mãe e pai, aparecem as seguintes correlações: quanto mais a mãe realiza Abertura ao Mundo mais o pai também realiza ($r=0,28$; $p<0,05$), quanto mais a mãe realiza Jogos Físicos mais o pai realiza Cuidados Básicos ($r=0,33$; $p<0,05$), quanto mais a mãe evoca, mais o pai também evoca ($r=0,30$; $p<0,05$), quanto mais a mãe realiza tarefas de casa mais o pai realiza Cuidados Básicos ($r=0,35$; $p<0,05$) e tarefas de casa ($r=0,40$; $p<0,01$).

Ainda, foram comparados os itens do instrumento em termos de dimensões de pai e mãe. Na dimensão Suporte Emocional, mais pontuada por pai e mãe, a mãe apresenta escores mais elevados que o pai em todos os doze itens, sendo que o que obteve maior média foi o item correspondente a *cuidar do filho quando ele está doente* (M=5,00) e menor média, *tentar saber de seu filho se algo está errado com ele* (M=4,62). Para o pai os itens que obtiveram maior média foram *dar os primeiros socorros quando o filho se machuca* (M=4,66) e *parabenizar o filho quando ele consegue fazer algo* (M=4,66) e menor média foi, *intervir rapidamente quando a criança dá sinais de dificuldade ou desconforto* (M=4,40).

Na dimensão Abertura ao Mundo, dos nove itens que compõem a dimensão, o pai apresentou escore mais alto, inclusive mais alto que o escore da mãe no item: *assistir com a criança um programa infantil na televisão* (M= 4,05) e menor escore em *fazer a criança participar das atividades dos adultos* (M= 2,32). Para a mãe, *Propor brincadeiras educativas para o filho*, foi o item que obteve maior média (M= 4,20) e o que obteve menor média foi *ir ao parque com a criança* (M=2,74).

Referente aos Cuidados Básicos, a mãe apresenta escores maiores que o pai nos nove itens que compõem a dimensão. O item que obteve maior média pelas respostas da mãe, foi *dar de comer ou beber à criança* (M=4,88) e menor média foi *levantar a noite para atender ao filho* (M=4,26). O pai, assim como a mãe, apresentou maior média em *dar de comer ou beber à criança* (M=4,10) e menor média no item que corresponde a *lavar as orelhas do filho* (M=3,00).

Em Jogos Físicos, o pai apresenta escores mais elevados que a mãe em quatro dos sete itens. *Pegar o filho no colo* (M= 4,48), *fazer cócegas* (M=3,88), *brincar com o filho nas costas (cavalinho)* (M=2,20) e *brincar de lutinha com o filho* (M= 2,20). Dentre esses o item que obteve menor média foi *brincar de lutinha*. Para a mãe, o item que obteve maior média foi *acariciar ou afagar o filho* (M=4,88) e o que obteve menor, assim como para o pai, foi *brincar de lutinha* (M=1,22).

Em Evocações o pai apresentou escore mais alto que a mãe no item que se refere à *olhar as fotos da criança* (M= 3,86), que é o que obteve menor média nas respostas da mãe (M=3,80). Para o pai o item com maior média é *pensar na criança quando esta não está com você* (M=4,66), assim como para a mãe (M= 4,86) e com a menor é *contar aos colegas de trabalho ou amigos coisas engraçadas do filho* (M=3,40).

Na Disciplina a mãe apresenta escore mais alto no item que diz respeito a *punir o filho quando ele faz algo de errado* (M=4,78),

enquanto que para o pai o maior escore foi para o item *repreender o filho quando ele desobedece* (M= 4,46). *Repreender o filho porque ele perturba ou incomoda* foi o item que obteve menor média tanto para as respostas da mãe como para as do pai (M=3,78; M=3,70) respectivamente.

Em Tarefas de Casa, a mãe apresenta escore mais alto no item *lavar a louça* (M=4,78) e o mais baixo em *se ocupar do conserto do carro* (M=1,73), que foi o item que obteve maior média nas respostas do pai (M=4,21). O item que obteve menor média nas respostas do pai foi *lavar a roupa* (M=1,56).

6.4 Relações entre o engajamento parental com as características sociodemográficas das famílias

Calculou-se o coeficiente de correlação de Spearman visando verificar a relação entre as características sócio-demográficas (escolaridade, idade, renda familiar, total de rendimentos, jornada de trabalho fora de casa, número de pessoas que vivem na casa e número de filhos) e o escore do engajamento geral e por dimensões de pai e mãe.

O engajamento paterno geral não apresenta correlações com as variáveis anteriormente citadas, já o materno apresenta correlações com o total de rendimentos da mãe (M=1.247,02; DP=1.008,09) ($r = -0,31$; $p < 0,05$), conforme apresenta a tabela 6.

Tabela 6 - Relacionamento entre o QEP (geral) de pai e mãe com variáveis sociodemográficas (características da pessoa).

	QEP Pai	QEP Mãe
Idade	$r = -0,05$; $p = 0,08$	$r = -0,07$; $p = 0,60$
Escolaridade	$r = -0,04$; $p = 0,78$	$r = -0,11$; $p = 0,46$
Renda	$r = -0,19$; $p = 0,18$	$r = -0,31$; $p < 0,05^*$
Nº de filhos	$Z = -1,21$; $p = 0,23$	$Z = -0,31$; $p = 0,75$

Em termos de dimensões, os Cuidados Básicos da mãe se relacionam com a escolaridade da mãe ($r = -0,31$; $p < 0,05$), com a renda total familiar ($r = 0,31$; $p < 0,05$) e com o rendimento da mãe ($r = -0,44$; $p < 0,01$); a Abertura ao Mundo da mãe se relaciona com a idade do pai ($r = -0,34$; $p < 0,05$) e a dimensão Evocações da mãe com rendimento da mãe ($r = -0,32$; $p < 0,05$). Quanto maior o rendimento da mãe menos ela se engaja no cuidado com os filhos de um modo geral. Quanto mais alta a escolaridade e o rendimento da mãe, menos cuidados básicos ela realiza e mais ela contribui com a renda familiar. Quanto mais novo é o pai mais a mãe realiza Abertura ao Mundo e quanto maior o rendimento da mãe, menos ela evoca. A tabela 7 apresenta as correlações significativas entre as variáveis sócio-demográficas e o engajamento geral e por dimensões de pai e mãe.

Tabela 7 - Correlações entre o engajamento paterno e materno e variáveis sociodemográficas

Engajamento	Variáveis sócio-demográficas	Coefficiente de correlação de Spearman
QEP geral mãe	Rendimento mãe	-0,31*
Abertura ao Mundo mãe	Idade pai	-0,34*
Cuidados Básicos mãe	Escolaridade mãe	-0,31*
	Rendimento mãe	-0,44**
	Renda familiar	0,31*
Evocações mãe	Rendimento mãe	-0,32*

** $p < 0,01$ e * $p < 0,05$

O sexo da criança e o número de filhos também foram analisados em termos de diferenças de média. O teste Mann-Whitney revelou diferenças significativas entre o sexo da criança e uma dimensão do engajamento paterno, ou seja, o pai realiza mais disciplina aos filhos do sexo masculino ($Z = 1,98$; $p < 0,05$). O número de filhos mais uma vez não apresentou resultados significativos com relação ao engajamento paterno e materno.

Foi verificada a significância entre a jornada de trabalho de pai e mãe (até 30 horas e mais de 30 horas) com o engajamento paterno e materno. O teste Mann-Whitney revelou que mães com jornada de trabalho com mais de 30 horas, realizam menos cuidados básicos ($Z = 2,77$; $p < 0,01$). O engajamento paterno geral é maior quando a jornada de

trabalho do pai é de até 30 horas ($Z= 2,78$; $P <0,01$). Assim sendo, quanto menor a jornada de trabalho do pai, mais ele realiza suporte emocional ($Z= 2,61$; $p<0,01$), abertura ao mundo ($Z= 2,58$; $P<0,05$) e evocações ($Z= 2,73$; $p<0,01$). O engajamento do pai não apresenta diferenças de acordo com a jornada de trabalho da mãe e vice-versa.

As variáveis sociodemográficas também apresentaram correlações entre si, conforme a tabela 8.

Tabela 8 - Correlações entre variáveis sociodemográficas

Variáveis sócio-demográficas	Correlações	Coefficiente de Spearman
Idade mãe	Idade do pai	0,76**
	Rendimento da mãe	0,32*
	Renda familiar	0,29*
	Número de pessoas na casa	0,30*
Idade do pai	Número de pessoas na casa	0,43**
Escolaridade mãe	Escolaridade do pai	0,61**
	Número de pessoas na casa	-0,40**
	Rendimento mãe	0,68**
	Rendimento pai	0,46**
	Renda familiar	0,60**
Escolaridade pai	Número de pessoas na casa	-0,31*
	Rendimento mãe	0,41**
	Rendimento pai	0,62**
	Renda familiar	0,61**
Rendimento mãe	Rendimento pai	0,46**
	Renda familiar	0,78**
Rendimento pai	Renda familiar	0,87**

** $p<0,01$ e * $p<0,05$

A escolaridade da mãe ($M=12,52$; $DP=3,46$) apresenta correlações com a escolaridade do pai ($M=11,25$; $DP=3,14$) ($r= 0,61$; $p<0,01$), com a renda familiar total ($M= 3.306,34$; $DP= 1.909,62$) ($r= 0,60$; $p<0,01$), com o total do rendimento da mãe ($r= 0,68$; $p<0,01$), com o total de rendimento do pai ($r=0,46$; $p<0,01$) e com o número de pessoas que vivem na casa ($M= 4$; $DP=0,83$) ($r= -0,40$; $p<0,01$). Quanto mais alta a escolaridade da mãe mais alta a escolaridade do pai, maior o rendimento do pai, maior o rendimento da mãe e, conseqüentemente,

maior a renda familiar e menos pessoas vivem na casa. Assim como com a mãe, a escolaridade do pai também se correlaciona com a renda familiar total ($r= 0,61$; $p<0,01$), com o próprio total de rendimentos ($r=0,62$; $p<0,01$), com o rendimento da mãe ($r= 0,41$; $p<0,01$) e com o número de pessoas que vivem na casa ($r= -0,31$; $p<0,05$).

A idade da mãe apresenta relações com a idade do pai ($r=0,76$; $p<0,01$), rendimento da mãe ($r=0,32$; $p<0,05$) e com a renda familiar ($r=0,29$; $p<0,05$) e com o número de pessoas que vivem na casa ($r=0,30$; $p<0,05$), ou seja, se a mãe for mais velha, maior seu rendimento, mais ela contribui com a renda familiar. Ainda, quanto mais velha é a mãe, mais velho é o pai e maior é o número de pessoas que vivem na casa.

6.5 Relações entre o relacionamento conjugal e o engajamento de pai e mãe no cuidado com os filhos

Para definir sobre o relacionamento conjugal foi calculada a média geral e a média obtida por meio dos itens do QRC para pai e mãe. O tempo de união declarado por mãe e pai foi em média de 10 anos. A média geral obtida pelas mães foi de 4,07 (DP= 0,73) e pelos pais de 4,19 (DP= 0,55). Assim, foram encontradas diferenças entre as médias da qualidade do relacionamento entre pai e mãe, mas o teste Mann-Whitney revelou que essas diferenças não são significativas.

Em termos de média, o pai avalia a qualidade do seu relacionamento (M=4,42; DP=0,67) de um modo mais feliz que a mãe (M=4,32; DP=0,74), com menos conflitos (M=3,78; DP= 0,70) do que a mãe (M= 3,76; DP=0,96) e se considera mais satisfeito (M= 4,36; DP=0,69) em comparação com a mãe (M=4,12; DP=0,85).

A avaliação que a mãe faz do relacionamento se relaciona com a sua própria opinião sobre os conflitos ($r= 0,51$; $p<0,01$) e a satisfação conjugal ($r= 0,74$; $p<0,01$) e também com as percepções do pai sobre a qualidade ($r= 0,51$; $p<0,01$), conflitos ($r= 0,50$; $p<0,01$) e satisfação ($r= 0,49$; $p<0,01$). A satisfação conjugal da mãe se relaciona com os conflitos ($r=0,33$; $p<0,05$) e qualidade do relacionamento ($r= 0,36$; $p<0,01$) percebidos pelo pai. Já a satisfação do pai além das suas próprias avaliações sobre conflitos ($r= 0,45$; $p<0,01$) e qualidade do relacionamento ($r= 0,62$; $p<0,01$) se correlaciona com o a avaliação da mãe sobre a qualidade do relacionamento ($r= 0,50$; $p<0,01$).

Ao comparar as médias gerais de pai e mãe no relacionamento conjugal com as médias gerais no engajamento parental, verificou-se

que o engajamento do pai se relaciona positivamente com a avaliação que ele faz do seu relacionamento com a companheira ($r= 0,36$; $p<0,01$), ou seja, o envolvimento do pai aumenta em relação a sua avaliação do relacionamento. O engajamento paterno ainda se relaciona com a percepção que o pai tem da sua satisfação conjugal ($r= 0,52$; $p<0,01$) e com a avaliação que a mãe faz da qualidade do relacionamento com o companheiro ($r= 0,31$; $p<0,05$). Dessa forma, enquanto que a mãe se engaja no cuidado com os filhos independentemente do relacionamento conjugal, o engajamento paterno aumenta de acordo com a qualidade do relacionamento percebida.

O QRC paterno e materno também foram correlacionados com as dimensões do QEP de pai e mãe e com variáveis sócio-demográficas como idade, escolaridade, rendimento de ambos os participantes e também com o total de rendimento familiar e com o número de pessoas que vivem na casa. A tabela 9 mostra as correlações significativas encontradas.

Tabela 9 - Correlações significativas com o Questionário de Relacionamento Conjugal de pai e mãe.

	QRC pai	QRC mãe	Jogos Físicos pai	QEP pai	Cuidados Básicos pai	Rendimento mãe
QRC mãe	0,51**	—	0,30*	0,22	0,27	0,19
QRC pai	—	0,51**	0,30*	0,41**	0,50**	0,34*

** $p<0,01$ e * $p<0,05$.

Conforme as correlações realizadas, o QRC geral de pai e mãe não apresenta correlações com o tempo de união do casal, mas apresentam-se correlacionados entre si, ou seja, quanto mais positivamente um avalia a relação, mais o outro também fará avaliação positiva do relacionamento.

A qualidade do relacionamento da mãe se relaciona com a dimensão jogos físicos do pai, no sentido em que quanto mais o pai se engaja em jogos físicos com os filhos, mais a mãe avalia positivamente o relacionamento conjugal. Já a qualidade do relacionamento do pai se relaciona com o engajamento paterno geral e com dimensões. Quanto mais satisfeito com o relacionamento o pai está, mais ele se engaja em termos gerais e realiza cuidados básicos e jogos físicos. Ainda quanto

maior é o rendimento da mãe, mais o pai avalia positivamente seu relacionamento conjugal.

O número de filhos e o sexo da criança também foram analisados em relação à qualidade do relacionamento conjugal de pai e mãe. O teste Mann-Whitney revelou que o QRC paterno apresenta resultados significativos. Assim, o pai tende a avaliar seu relacionamento mais positivamente quando tem mais filhos do sexo masculino ($Z= 2,31$; $p<0,05$) e se tem somente um filho ($Z= 2,28$; $p<0,05$). A jornada de trabalho de pai e mãe não apresenta diferenças significativas com o relacionamento paterno e materno.

A tabela 10 mostra mais detalhadamente o relacionamento entre o QEP e o QRC paterno e materno

Tabela 10 - Correlações entre o QRC e QEP (geral e dimensões) de mãe e pai

	QRC mãe	QRC pai
QEP mãe	r=0,17	r= -0,10
QEP pai	r=0,22	r=0,41 **
Suporte emocional mãe	r=0,15	r= -0,09
Abertura ao mundo mãe	r=0,25	r=0,00
Cuidados básicos mãe	r= -0,09	r= -0,22
Jogos físicos mãe	r=0,24	r=0,02
Evocações mãe	r=0,19	r= -0,19
Disciplina mãe	r= -0,07	r=0,01
Tarefas de casa mãe	r= -0,12	r= -0,04
Suporte emocional pai	r= -0,00	r=0,14
Abertura ao mundo pai	r=0,06	r=0,17
Cuidados básicos pai	r=0,27	r=0,50**
Jogos físicos pai	r=0,30*	r=0,30*
Evocações pai	r=0,07	r=0,15
Disciplina pai	r= -0,12	r=0,09
Tarefas de casa pai	r=0,13	r=0,22

**p<0,01; *p<0,05

Pode-se destacar que os principais resultados dessa pesquisa, com relação ao engajamento parental, foram que pai e mãe diferem em termos de média no engajamento geral e em termos específicos. A mãe se engaja significativamente mais que o pai em quase todas as dimensões (Suporte Emocional, Cuidados Básicos, Disciplina, Evocações, Tarefas de Casa e Abertura ao Mundo), com exceção dos Jogos Físicos. Além disso, pais e mães diferem ao se destacar mais em algumas dimensões do engajamento em detrimento de outras. Enquanto

as mães apresentam escores mais altos em Suporte Emocional, Cuidados Básicos e Disciplina, os escores mais altos dos pais foram em Suporte Emocional, Disciplina e Jogos Físicos. O menor escore obtido pela mãe foi em Abertura ao Mundo e pelo pai foi em Tarefas de Casa. Dentre as semelhanças, pode-se referir que tanto o pai quanto a mãe apresentam escores mais altos em Suporte Emocional.

Dentre as variáveis exploradas por este estudo, pode-se constatar que o engajamento materno geral se relaciona negativamente com o rendimento da mãe e em termos específicos, os Cuidados Básicos da mãe se relaciona negativamente com a escolaridade e o rendimento maternos. Quanto maior a jornada de trabalho de ambos os pais, menor é seu engajamento no cuidado com os filhos. O relacionamento conjugal aparece correlacionado com o engajamento paterno geral e, em termos específicos, se relaciona positivamente com Jogos Físicos e Cuidados Básicos. Além disso, a satisfação conjugal do pai ainda aparece correlacionada positivamente com o rendimento da mãe, com o número de filhos (se tem somente um filho) e com o sexo da criança (filhos do sexo masculino).

7 DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Essa pesquisa, que teve como objetivo identificar as características do investimento de pai e mãe no cuidado com os filhos e verificar se o relacionamento conjugal e as variáveis sociodemográficas interferem ou não no engajamento, contempla três termos utilizados na investigação do comportamento parental: investimento, envolvimento e engajamento. O termo engajamento foi utilizado para se referir aos resultados dessa pesquisa. Conforme referido na literatura, engajamento e envolvimento são considerados como sinônimos. O termo investimento serviu como base para compreensão do fenômeno.

7.1 Caracterização sociodemográfica das famílias

Com relação às características sociodemográficas, o pai era mais velho e possuía jornada de trabalho e renda maiores que as da mãe, embora a grande maioria das mães também trabalhasse fora de casa. A escolaridade da mãe foi maior que a do pai em níveis, já que as mães possuíam pós-graduação enquanto que os pais não possuíam e mais mães tinham o ensino superior e médio completos. A maioria das famílias possuía mais de um filho ou filha e a maioria das crianças-focais deste estudo (29 meninos e 21 meninas) freqüentavam a escola em período integral. Somente quatro famílias possuíam babás, nas demais, a mãe foi a pessoa destacada como sendo a principal responsável por cuidar da criança quando esta não está na escola, aparecem também, embora em menores proporções, casos em que o pai é o responsável, casos de cuidado conjunto de mães e pais e ainda, este cuidado pode ser dividido com os irmãos, avós, tios, entre outros.

A família passa por importantes transformações e tudo indica que os papéis maternos e paternos estão se modificando e com eles, o cuidado e as funções na criação dos filhos. Nesta pesquisa a maioria das famílias era nuclear, mas foram encontrados casos de famílias recasadas. A maior parte das mães trabalhava fora de casa, assim como os pais, embora com jornada de trabalho mais baixa que eles. Dados do IBGE (2007) revelam que diminuiu o número de homens como chefes de famílias sendo que em 2003, 78% deles eram responsáveis pela família e em 2007 esse número passou para 67%. Assim, aumentou o número de casal sem filhos, de mulheres sem cônjuges com filhos e a mulher

passou a ser identificada como chefe da família, 33% em 2007, enquanto que em 2003 esse número era de 22%. Assim, refere-se como transformações recentes nas famílias brasileiras, núcleos familiares menores, mais famílias monoparentais, e chefiadas por mulheres e população mais urbanizada e escolarizada.

O IPEA (2010) divulga que as mulheres, apesar de ocuparem cada vez mais postos no mercado de trabalho, ainda são responsáveis pela maior parte dos trabalhos em casa. O aumento do tempo médio de estudo das mulheres, superior ao dos homens, e o percentual crescente de mulheres que entram no mercado de trabalho são algumas das principais mudanças registradas entre 1998 e 2008. Apesar disso, no que diz respeito à distribuição dos afazeres entre homens e mulheres, em vez de uma divisão mais igual no trabalho em casa, há a delegação das tarefas domésticas às trabalhadoras (IPEA, 2010).

As mudanças nas posições de homens e mulheres na sociedade acarretam em impactos no mercado de trabalho. Apesar de a mulher estar trabalhando mais tempo fora de casa, a sua responsabilidade pelo trabalho doméstico permanece praticamente intocável. Os homens realizam mais afazeres domésticos em 2008 (45,3%) em comparação com o ano de 2001 (42,6%), mas as mulheres dedicam um número médio de 23,9 horas semanais em trabalhos domésticos, enquanto que os homens dedicam 9,7. Em 2009, aproximadamente 35,5% das mulheres estavam inseridas no mercado de trabalho como empregadas com carteira de trabalho assinada, percentual inferior ao observado na distribuição masculina (43,9%). As mulheres trabalharam em média 38,9 horas, 4,6 horas a menos que os homens. O rendimento de trabalho das mulheres continua inferior ao dos homens (IPEA, 2010). Neste estudo, as informações divulgadas pelo IPEA foram confirmadas já que a mãe embora trabalhando fora e estudando mais, não compartilha em igualdade com o pai as tarefas de casa e de cuidados com os filhos, sendo identificada como figura central no desempenho das funções em casa, enquanto que o pai ainda é identificado como o principal responsável pelo sustento, já que possui jornada de trabalho e rendimentos mensais maiores que a mãe.

Em um estudo realizado por Gauthier et al. (2004) em 16 países industrializados a respeito do tempo que pais e mães investem nos filhos, conclui-se que apesar das pressões que as famílias enfrentam ambos os pais parecem estar dedicando mais tempo aos filhos do que eles fizeram há 40 anos, o que pode ser explicado pelo fato de que não é só a disponibilidade de tempo que está em jogo, mas também o desejo de investir mais nas crianças. Os resultados ainda sugerem que embora

mães e pais tenham aumentado seu investimento de tempo com os filhos, o pai ainda dedica menos tempo ao cuidado com a criança que as mães, mas a diferença entre homens e mulheres tem diminuído em muitos países, incluindo o Canadá.

As recentes transformações surgidas nas últimas décadas na família retratam a necessidade de se redefinir alguns conceitos e papéis que envolvem a maternidade, a paternidade e, conseqüentemente, a família e seus papéis para o desenvolvimento das crianças. A investigação sobre as especificidades de pai e mãe no cuidado aos filhos e no desenvolvimento dos mesmos ainda é um campo pouco explorado. A Psicologia Evolucionista apresenta importantes contribuições para a compreensão de algumas características biológicas e adaptativas que juntamente com a influência da cultura podem servir para melhor explicar tais especificidades no comportamento parental. Lordelo et al. (2006) referem que as relações entre investimento parental e o contexto são complexas e desta forma, necessitam de envolver mais elementos na investigação como as transformações socioeconômicas e as novas configurações familiares.

7.2 Caracterização do engajamento/investimento parental

Nesta pesquisa contempla-se o termo investimento como pano de fundo para explicar os resultados obtidos por meio das medidas do engajamento. Para Geary (2000) a compreensão de investimento parental deve incluir a noção de envolvimento dos pais ou interação direta com crianças (cuidados, proximidade, proteção, educação, alimentação, etc), bem como interações mais indiretas (manutenção da casa, provisão de recursos, apoio sócio-emocional da mãe, etc) que podem ter uma influência sobre a saúde e o desenvolvimento das crianças.

Com relação às características do engajamento de pai e mãe, nesta pesquisa identificou-se que a mãe parece se engajar mais com os filhos do que o pai em termos gerais e, de acordo com dimensões específicas de cuidado, tal como é referido na literatura, com relação às especificidades de investimento de cada um dos pais (Lordelo et al., 2006; Tokumaru & Bergamin, 2005). Embora a mãe realize suporte emocional e cuidados básicos, práticas já consolidadas como função materna (Carvalho et al, 2008; Seidl de Moura & Ribas, 2004), o pai se destaca em atividades que envolvem também o suporte emocional e a

disciplina. A disciplina e a abertura ao mundo são funções esperadas para o engajamento paterno, mas neste estudo, somente o ato de disciplinar a criança aparece como central no engajamento paterno, a abertura a mundo ganha pouco destaque para o pai, dentre as sete dimensões estudadas.

Paquette (2004) refere que pai e mãe desempenham diferentes papéis parentais, o pai tende a ser menos sensível que a mãe e se destaca como figura de autoridade e de abertura para o mundo para a criança. Segundo Lamb (1997), o pai parece desempenhar papel expressivo na contribuição para o ajustamento social, abertura ao mundo, especialmente relacionada à autonomia e controle do risco, assertividade, graduação da raiva em relações sociais com pares e desempenho acadêmico. O pai favorece assim, a abertura ao mundo já que incentiva a criança a ir mais longe em sua exploração e esta aprende a lidar com ameaças e a estranhar seu ambiente (Paquette, 2004).

Até agora, poucos estudos tem analisado simultaneamente as múltiplas dimensões da parentalidade, dentre elas, a mais avaliada pelos pesquisadores é a de cuidados básicos (Paquette et al., 2000). Assim, é essencial explorar as várias dimensões do envolvimento do pai com profundidade e mais especificamente a interação entre elas, já que podem trazer dados reveladores frente às transformações sociais e também de acordo com o contexto de estudo. Conforme Tokumaru e Bergamin (2005) ambos os sexos podem prover ou desejar fornecer cuidados às crianças, mas as diferenças entre o estilo e a quantidade de cuidado podem ter uma explicação evolutiva, pelos custos envolvidos a cada um e ainda cultural pelos diferentes contextos em que se encontram inseridos.

Na Índia, as mudanças sociais como urbanização e industrialização também são apontadas como fatores de importante influência para a maior participação da mulher no mercado de trabalho e para as mudanças na estrutura familiar. Resultados de um estudo com 350 casais indianos mostraram que o pai participa menos nas tarefas de cuidado tradicionalmente femininas e mais frequentemente em tarefas de interação educacional embora o papel do pai em atividades disciplinares venha diminuindo. Nas tarefas de casa, eles também não demonstram um bom desempenho, exceto no que diz respeito a fazer compras (Saraff & Srivastava, 2009).

Recentemente (mais especificamente, a partir da década de 70) pesquisas postulam uma modificação nos papéis tradicionais de pais e mães nas famílias e uma maior participação paterna no cuidado com os filhos e que ambos podem promover qualidade e ou conseqüências para

o desenvolvimento infantil (Lamb, 1997). Goetz e Vieira (2009) atentam para o fato de que é necessário realizar pesquisas para compreender quais são as funções paternas que se apresentam, como por exemplo, se os pais complementam as atividades e funções das mães ou podem se igualar a elas e quais as contribuições do envolvimento paterno para o desenvolvimento infantil.

7.3 Semelhanças e diferenças no engajamento de pai e mãe

Numa comparação entre o engajamento de pai e mãe, foi possível verificar, com esta pesquisa, que o engajamento da mãe não aparece correlacionado com o engajamento do pai. Já o engajamento do pai aparece correlacionado com o engajamento materno, ou seja, o pai se engaja mais em termos gerais quando a mãe realiza menos tarefas de casa e, em termos específicos, o engajamento paterno em evocações e abertura ao mundo aumentam em função do engajamento materno nessas dimensões. Ainda, o engajamento do pai em cuidados básicos tende a aumentar quando a mãe realiza jogos físicos e quanto mais a mãe se engaja com tarefas de casa, mais o pai investe em cuidados básicos e tarefas de casa. Estes resultados permitem inferir que a maior participação paterna se relaciona com a participação materna e que o pai parece estar dividindo e até compartilhando algumas tarefas com a mãe. Dentre as funções que parecem ser divididas por pais e mães estão os jogos físicos e cuidados básicos, ou seja, quando a mãe se engaja em jogos físicos (mais realizada pelo pai) o pai aumenta o engajamento em cuidados básicos (mais realizada pela mãe). As funções que parecem ser compartilhadas são as tarefas de casa, evocações e abertura ao mundo, assim, quanto mais a mãe se engaja nessas dimensões mais o pai também se engaja.

Em Portugal, os resultados de um estudo realizado com 110 famílias em que ambos os pais trabalhavam fora de casa e possuíam crianças entre 2,5 e 6 anos, apontam que as mães tendem a desejar uma partilha igualitária de tarefas com os pais e que a percepção que o pai tem de seu envolvimento encontra-se significativamente correlacionada com o que é desejado pela mãe. Pais e mães partilham cuidados diretos e as mães são as mais responsáveis pelos cuidados indiretos, como por exemplo, o planejamento das ações (Monteiro et al., 2010).

Embora a mãe se destaque em relação ao pai em quase todas as dimensões, com exceção de jogos físicos, foram encontradas

semelhanças e diferenças no engajamento paterno e materno. Entre as semelhanças pode-se dizer que ambos os pais se envolvem mais com o suporte emocional, com diferenças significativas em relação às demais dimensões e com escore mais alto que o engajamento geral, o que demonstra que essa é uma importante função desempenhada pela mãe e pelo pai. Assim como para a mãe, a dimensão suporte emocional do pai se correlaciona positivamente com a abertura ao mundo e evocações e, os cuidados básicos apresentam correlações positivas com a disciplina. Entre as diferenças, além das médias das dimensões de pai e mãe, foi possível identificar que depois do suporte emocional, o pai se envolve em disciplina e jogos físicos, enquanto que a mãe se envolve com cuidados básicos e disciplina. O menor engajamento da mãe foi com a abertura ao mundo e o do pai foi em tarefas de casa. A mãe, embora mais que o pai, também não se engaja destacadamente com tarefas de casa, em comparação com as demais dimensões.

Autores partindo da compreensão da Psicologia do Desenvolvimento Evolucionista referem que características como a imaturidade e dependência do bebê humano exigem cuidados por parte do adulto, no qual a mãe é identificada como figura principal, o pai também é importante e entra em jogo para prover recursos e segurança à mãe e ao bebê. Assim, a formação do casal se deve ao fato de que a participação do pai aumenta as chances de sobrevivência da prole e seu sucesso reprodutivo (Bandeira, 2009; Seidl de Moura & Ribas, 2004; Vieira & Prado, 2004). Pode-se citar ainda que diversos fatores biológicos e culturais entram em cena a fim de aumentar a participação paterna no cuidado com os filhos (Bussab, 2000)

No estudo com famílias biparentais cabe destacar o conceito de coparentalidade para explicar a relação e o comportamento parental no cuidado e nas funções por ambos desempenhadas. A coparentalidade é definida pelo envolvimento conjunto e recíproco de ambos os pais na educação, formação e decisões sobre a vida dos seus filhos (as), isto é, envolve apoio e comprometimento mútuo no exercício da parentalidade e tem como componentes o acordo nas práticas parentais, as divisões de trabalho (partilha das obrigações e rotinas diárias de cuidado à criança) e de suporte recíproco entre a díade (Feinberg, 2003; Frizzo et al., 2005).

Pode-se dizer, a partir dos dados desta pesquisa, que a forma como pais e mães desempenham suas funções e engajamento no cuidado com os filhos perpassa pelo desejo de uma relação coparental entre pais e mães, mas ainda se encaixa melhor nos modelos tradicionais de divisão de tarefas. Embora sejam identificadas mudanças no comportamento de pai e mãe, a mãe, mesmo trabalhando fora de casa,

ainda se destaca a nível geral no engajamento e também de acordo com dimensões específicas. Ao pai fica reservada a responsabilidade maior pelo trabalho fora de casa, pelo sustento familiar e pelos jogos físicos com os filhos. Em comparação com a participação materna, pode-se concluir que, mesmo com seus esforços e com o reconhecimento da sua maior participação nos cuidados com os filhos, o pai não se iguala e não substitui as funções da mãe (Staudt e Wagner, 2008; Bandeira et al., 2005).

Esta pesquisa revelou uma importante característica para o engajamento paterno, ou seja, que o pai está envolvido destacadamente, assim como a mãe, com o suporte emocional da criança. De acordo com Paquette (2004) ambos, pai e mãe respondem aos sinais da criança, se comunicam e interagem com ela, mas com uma diferença importante entre eles, já que o pai tende a encorajar a criança, enquanto que a mãe tende a contê-la. Assim, mães e pais geralmente têm uma tendência para interagir de forma diferente com seus filhos e complementar, sendo fundamental, portanto, levar em conta tanto o relacionamento pai-criança quanto a relação mãe-criança no estudo do desenvolvimento humano (Paquette, 2004).

Em uma análise pelas médias obtidas nos itens do instrumento, é possível supor que pai e mãe, não se envolvem com a mesma intensidade na grande maioria das atividades, corroborando com o pressuposto de complementaridade de papéis e funções na vida da criança (Paquette, 2004). O pai efetivamente realiza mais jogos físicos que a mãe e enquanto a mãe se destaca principalmente em cuidar da criança e dizer que a ama, o pai se destaca em pensar na criança e olhar quando ela brinca no jardim e na rua. Na dimensão suporte emocional em que ambos obtiveram a maior média, enquanto a mãe se destaca em cuidar do filho quando este está doente, o pai se destaca em dar os primeiros socorros quando a criança se machuca e parabenizar quando o filho quando consegue fazer algo. Assim, pode-se supor que o pai se envolve mais em atividades que demandam interações verbais e físicas do que em cuidados, assim como a mãe. Na dimensão disciplina, embora a mãe se engaje mais que o pai, pode-se destacar que ambos apresentam um alto investimento, porém com algumas diferenças. A mãe se destaca em punir o filho quando ele faz algo de errado, enquanto que o pai se destaca em repreender quando ele desobedece. De acordo com Lamb (1997) o contato do pai com a criança se dá mais em escala física, aumenta com a idade e tende a ser mais intenso em locais públicos. O pai é mais responsável pelo papel instrumental na família,

introduzindo a criança na sociedade enquanto as mães se preocupam mais em dar cuidado, proteção e conforto.

Pelo engajamento do pai em jogos físicos, única dimensão que se destaca em relação à mãe, em termos de média, pode-se inferir que indiretamente esteja promovendo abertura ao mundo à criança, já que essas duas dimensões apareceram correlacionadas e se referem a atividades e brincadeiras que desafiam a criança e podem, indiretamente, contribuir para encorajá-la a descobrir o mundo que a cerca.

7.4 Relação do engajamento parental com variáveis sociodemográficas e o relacionamento conjugal

Em quase todos os estudos a respeito desta temática, são estabelecidas correlações do envolvimento parental com variáveis sociodemográficas, enfatizando que o investimento parental pode variar, já que não é exercido da mesma forma em todos os lugares. Muitos fatores podem influenciar, de uma forma geral, no comportamento de pais e mães com seus filhos, tanto relacionados à criança (idades, saúde e sexo), quanto aos genitores (satisfação conjugal, experiências estressantes na infância e condições de vida) (Bandeira, 2009). Com relação às variáveis que exercem influência sobre o comportamento paterno, Tucotte e Gaudet (2009) reconhecem que o nível de compromisso paterno resulta da interação dinâmica de fatores como as características do pai (idade, escolaridade e renda), dos filhos, do contexto familiar (relacionamento com as mães) e social. Nesta pesquisa, algumas variáveis foram investigadas e correlacionadas com o envolvimento parental, como as características de pai e mãe (idade, escolaridade, renda, número de filhos, jornada de trabalho) e o relacionamento conjugal.

No que se refere às relações entre as variáveis sociodemográficas e o engajamento, a idade do pai só aparece correlacionada e negativamente com a abertura ao mundo da mãe. Dessa forma, neste estudo não ocorreu o que era esperado pela literatura, ou seja, o envolvimento paterno não aparece relacionado com sua escolaridade, idade, renda e número de filhos. Quanto ao sexo da criança, o pai tende a disciplinar mais os meninos. Apenas o engajamento da mãe apresenta correlações com algumas variáveis (renda e escolaridade), ou seja, quanto maior o rendimento materno menor é o seu engajamento de um

modo geral e quanto maior a escolaridade menor o engajamento da mãe em cuidados básicos. A jornada de trabalho de ambos os pais influencia no engajamento, a mãe tende a se engajar mais em cuidados básicos quando possui jornada menor e o pai também tende a se engajar mais quando possui menor jornada de trabalho. A jornada de trabalho da mãe não apresenta correlações com a jornada do pai e vice versa. Ainda, quanto maior é a escolaridade e a idade da mãe, maior é a escolaridade e a idade do pai.

Sabe-se que muitas mudanças sociais e econômicas estão ocorrendo na sociedade brasileira e que o investimento parental no cuidado com os filhos terá de ser compreendido neste contexto. Assim, utiliza-se a compreensão de que a expressão direta de cuidados paternos em humanos pode ser explicada por fatores sociais e ecológicos além de uma explicação evolutiva. Alguns fatores são associados à evolução do investimento paterno em espécies com fertilização interna como, sobrevivência da prole, oportunidades de acasalamento e certeza da paternidade (Geary, 2000). Outros se devem às transformações sociais como a entrada da mulher no mercado de trabalho, a mudança na compreensão da função paterna para o desenvolvimento infantil e a convivência entre o casal.

O relacionamento conjugal é considerado por um número de pesquisas e se mostra como um importante fator que influencia no envolvimento paterno (Grossman et al., 1988; Paquette et al., 2000;). A qualidade conjugal tem sido avaliada nas pesquisas e os resultados demonstram que há uma queda na satisfação conjugal nos primeiros anos de casamento, geralmente associado à chegada do primeiro filho (Bigras & Paquette, 2000; Féres-carneiro, 1998). Pesquisas sugerem que há uma interdependência entre os sistemas conjugal e parental, onde pais cujos casamentos são conflitantes provêm menos cuidados e atenção e são menos eficazes em atividades que envolvem a criação dos filhos (Bigras & Paquette, 2000; Dessen & Braz, 2005; Silva & Picininni, 2007; Wagner et al, 2005).

Corroborando com dados da literatura, a qualidade do relacionamento conjugal, neste estudo, correlaciona-se com o engajamento parental. O pai apresenta correlações entre qualidade do relacionamento e o envolvimento. O engajamento materno não apresenta correlações com o relacionamento conjugal, enquanto que o paterno tende a aumentar de acordo com a qualidade do relacionamento com a companheira. A mãe tende a avaliar mais positivamente a qualidade do relacionamento quando o pai realiza mais jogos físicos. O pai tende a se envolver mais em jogos físicos e em cuidados básicos

quanto mais positivamente avalia a qualidade do seu relacionamento. O pai avalia mais positivamente seu relacionamento quando o rendimento materno é mais alto e também quando possui somente um filho e do sexo masculino.

Este estudo revelou algumas semelhanças e diferenças na participação paterna e materna e também quando comparado com pesquisas realizadas em outros contextos. Todos os estudos parecem concordar com a importante relação entre transformações sociais, modificações na estrutura familiar e de algumas variáveis pessoais e do contexto com o envolvimento parental e as diferenças podem ser atribuídas às características dos participantes e do meio em que vivem.

Na busca de identificar tipos de parentalidade de acordo com algumas variáveis, um estudo utilizando o QEP com 468 famílias biparentais canadenses revelou que o pai está mais envolvido com a disciplina e menos com suporte emocional. Foram reveladas diferenças significativas entre as médias das dimensões do instrumento. A jornada de trabalho do pai também apresenta resultados significativos, quanto mais o pai trabalha menos se envolve em cuidados básicos. Quanto maior o número de filhos, menos envolvimento em suporte emocional, cuidados básicos, jogos físicos e evocações. Quanto mais velho é o pai, menos ele realiza abertura ao mundo, jogos físicos e evocações (Paquette et al, 2000).

Esta pesquisa, que teve objetivos e instrumentos semelhantes ao estudo realizado no Canadá, permitiu identificar, embora com um número menor de famílias biparentais (apenas 50), que no contexto das cidades brasileiras existem semelhanças e diferenças em relação às famílias canadenses. O pai está mais envolvido com suporte emocional e não menos como refere o estudo do Canadá. A respeito das variáveis sociodemográficas, nesta pesquisa, assim como no Canadá, também foram encontradas correlações significativas entre o envolvimento do pai e a jornada de trabalho. Quanto maior a jornada de trabalho do pai, menos ele se envolve em cuidados básicos. O número de filhos aparece correlacionado positivamente com a qualidade do relacionamento conjugal do pai e a idade do pai só apresentou correlação negativa com a abertura ao mundo da mãe e positiva com a idade da mãe. Além dessas correlações, neste estudo, as mães com escolaridade mais alta possuem maiores rendimentos, conseqüentemente trabalham mais e se envolvem menos nos cuidados básicos à criança.

Ao voltar às hipóteses propostas pelo presente estudo, pode-se concluir que a maioria delas foi comprovada, evidenciando a concordância entre a literatura e os resultados da pesquisa.

Com relação à primeira hipótese: *pai e mãe compartilham mais os cuidados com os filhos (as) e as tarefas de casa*, pode-se referir que a mãe é identificada como principal responsável no cuidado com os filhos e com as tarefas de casa, mas em função da maior participação paterna, o pai compartilha algumas funções específicas de cuidado com a mãe, como o suporte emocional e a disciplina. Foi evidenciado que muitas tarefas são divididas por eles, sendo que quando a mãe se engaja em jogos físicos (mais realizada pelo pai) o pai se engaja em cuidados básicos (mais realizada pela mãe). Ainda a mãe está evidentemente participando do sustento familiar, pelo trabalho fora de casa e rendimentos, embora menores que o pai. Discute-se então sobre a complementaridade de ações entre pai e mãe e da troca de funções, já que o pai também aparece realizando tarefas de casa, quando a mãe desempenha algumas funções. É importante destacar que o pai está alterando sua participação, não se restringindo somente ao suporte financeiro, às brincadeiras e à disciplina, mas também se engajando com suporte emocional, assim como a mãe. Cuidados básicos e tarefas de casa ainda parecem ser dimensões específicas da mãe, sendo que o pai se engaja pouco nestas tarefas.

Na hipótese: *espera-se que o pai assuma maiores responsabilidades domésticas e no cuidado com os filhos, mas não substitua a mãe neste papel. Além disso, espera-se que nos casos em que a mãe trabalha fora de casa, o pai se envolva mais com os filhos*. Com os resultados, constatou-se mudanças nas tradicionais tarefas de pai e mãe, assim como referido na literatura, em que papéis sociais de homens e mulheres estão mudando, criando novas expectativas, crenças e atitudes sobre o que pais e mães devem fazer no contexto familiar (Silva & Picininni 2007). A mãe com função identificada para o cuidado, insere-se no mercado de trabalho e, conseqüentemente, contribui para a renda e o sustento familiar. O pai identificado como provedor de recursos econômicos, passa a participar também do suporte emocional, disciplina e jogos físicos. Embora sendo identificadas essas características nas funções paternas e maternas, a jornada de trabalho da mãe não apresenta resultados significativos com o envolvimento do pai e vice-versa. Falceto et al. (2008) em seu estudo, também não encontraram relações positivas entre a mulher no mercado de trabalho e o envolvimento paterno, mas autores como Lamb (1997); Wagner et al. (2005); Souza e Benetti (2009); Jablonski (2010), entre outros, referem a inserção da mulher no mercado de trabalho como importante fator que levou o pai a se engajar mais com os filhos.

Mesmo a jornada de trabalho da mãe não apresentando relações com o envolvimento do pai, constatou-se, neste estudo, que o pai apresenta mudança de funções, principalmente no que se refere à alta participação em suporte emocional em detrimento de outras funções mais esperadas para serem desempenhadas pelo pai como abertura ao mundo e jogos físicos, fato este que pode ser explicado pelas transformações ocorridas na sociedade e nas configurações familiares como o aumento de mulheres chefes de família, por exemplo. Esta pesquisa revela ainda que o engajamento paterno se correlaciona com o engajamento materno, o que explica a influência do comportamento parental da mãe no engajamento paterno.

Na hipótese: *variáveis sociodemográficas (escolaridade, renda, número de filhos e sexo da criança) relacionam-se com o engajamento de pais e mães*. O engajamento paterno somente apresentou relações com o sexo da criança, ou seja, o pai disciplina mais os filhos do sexo masculino. A idade do pai, escolaridade, renda e número de filhos não apresentaram correlações com o engajamento paterno. O engajamento materno se correlaciona com a escolaridade e renda, ou seja, mães com maior escolaridade e maior renda se engajam menos em cuidados básicos. O fato de algumas variáveis pessoais não ter influenciado o engajamento nessa pesquisa, pode ser devido ao número de participantes, talvez com um número maior, aumente o nível de variação significativa entre a escolaridade, idade e renda e apareçam mais correlações importantes.

Na hipótese: *A jornada de trabalho influenciará no tempo de convívio e, conseqüentemente, no engajamento de pai e mãe com os filhos. Quanto maior a jornada de trabalho de ambos os pais menor será o engajamento com os filhos(as)*. Embora a mãe possua jornada de trabalho fora de casa, assim como o pai, ela é identificada como sendo a principal responsável pelo cuidado da criança quando esta não está na escola. Este cuidado também aparece compartilhado entre pai e mãe e ainda com outras pessoas da família (irmãos, avós e tios). A maioria das crianças freqüentava a escola em período integral, outras famílias até possuíam babás, mas mesmo assim, ambos os pais apresentaram escores altos no engajamento. A jornada de trabalho de pai e mãe influencia no engajamento, quanto menor a jornada maior o engajamento de ambos os pais. Ainda foram encontradas diferenças nessa relação entre pai e mãe, enquanto que a mãe se engaja mais em cuidados básicos se possui jornada até 30 horas, o pai se engaja mais em suporte emocional, abertura ao mundo e evocações. Assim, a jornada influencia no engajamento materno e paterno, mas com relação à mãe o engajamento

parece diminuir somente em uma dimensão específica, ao contrário do engajamento do pai que parece diminuir em nível geral e em três das sete dimensões estudadas, conforme número de horas semanais de trabalho fora de casa.

No que se refere à hipótese: *O relacionamento conjugal influencia nas relações pais-filhos, mães-filhos. Relações conjugais satisfatórias levarão a um maior envolvimento com os filhos. Conflitos conjugais influenciarão negativamente no engajamento parental.* Constatou-se que o engajamento materno acontece independentemente da satisfação com o relacionamento conjugal, já o paterno tende a aumentar quando o pai se sente mais satisfeito na relação com a sua companheira. Ambos os pais se sentem mais satisfeitos quando o outro também está satisfeito. A satisfação da mãe tende a aumentar quando o pai se engaja em jogos físicos e a satisfação do pai tende a aumentar quanto maior for o rendimento mensal da mãe. Quanto mais satisfeito o pai está com o relacionamento conjugal, mais ele realiza jogos físicos e cuidados básicos. Esses dados permitem sugerir que quando o pai se sente satisfeito ele tende a realizar mais jogos físicos e cuidados básicos que é destacadamente função desempenhada pela mãe, o que conseqüentemente, aumenta a satisfação da mãe. Assim, o relacionamento conjugal parece influenciar mais o engajamento paterno que o materno. O relacionamento da mãe parece ser influenciado por algumas características e comportamentos do pai, mas não altera a sua relação com as crianças, ao contrário do que ocorre com o pai.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa permitiu compreender as atuais características do engajamento de pai e mãe no cuidado com os filhos, por meio de explicações evolutivas e culturais. Contribui com a literatura, no sentido em que estabeleceu discussões sobre pesquisas que estão sendo realizadas e também dos recentes termos utilizados por pesquisadores interessados na temática do cuidado parental, principalmente na participação paterna. Foi possível concluir que existem diferenças e semelhanças nas funções de pai e mãe que irão variar de acordo com diversos fatores, tal como é explicitada pela teoria do investimento parental.

Dessa forma, os resultados deste estudo sugerem que pais e mães investem e se engajam de maneiras diferentes no cuidado com os filhos, devido a características evolutivas específicas para cada sexo e também de acordo com as transformações sociais e culturais. O cuidado parental é universal, de forma que ocorre em todos os lugares, mas a forma como vai ser desempenhado depende da cultura de cada contexto. Pode-se constatar que, de acordo com a literatura, a participação paterna está se alterando e o engajamento do pai vem aumentando consideravelmente, mas a mãe ainda exerce papel principal nas interações familiares. O engajamento paterno parece depender das atitudes e funções desempenhadas pela mãe, o que pode ser explicado pelas transformações como a entrada da mulher no mercado de trabalho e as pressões sociais, que exigem do pai uma interação e responsabilidades mais diretas com as crianças.

Existem muitos estudos qualitativos sobre a paternidade, o que aponta o interesse em conhecer o tema a partir das experiências individuais ou grupais percebidas pelo sujeito. São poucos os estudos que abordam a paternidade em termos quantitativos e, mais especificamente com instrumentos próprios para o pai. Esta pesquisa buscou abordar o engajamento paterno a partir de um instrumento quantitativo, construído para o pai. Além de caracterizar o engajamento paterno procurou estabelecer comparações com o engajamento materno a partir do mesmo instrumento.

Estudos empreendidos na década de 90 já mostravam uma tendência de maior envolvimento paterno, tendência esta que se mantém conforme os resultados de pesquisas recentes. Embora o engajamento paterno, por vezes, ainda não apresente um grande crescimento

quantitativo, existe um maior desejo de participação, por parte do pai, na criação de seus filhos.

A partir dos dados desta pesquisa, pode-se referir que estão ocorrendo mudanças no comportamento de pais e mães. As mães se destacam no cuidado, mas aparecem significativamente contribuindo com a renda familiar. Com níveis de escolaridade mais altos, passam a ter cargas horárias maiores no mercado de trabalho, fator que pode levar a uma diminuição na realização de tarefas de casa e de cuidados básicos com os filhos, embora ainda pareçam ser as figuras principais em termos de engajamento e cuidado. Com relação ao pai, pode-se dizer que também apresenta mudanças nas funções e engajamento com os filhos, passando a ser identificado como mais participativo, mesmo que em processo lento. Como esperado, se destaca em atividades que representam jogos físicos e brincadeiras. Esta pesquisa revelou ainda uma característica nova, dentre as mudanças nas funções paternas, a de que o pai se engaja destacadamente com suporte emocional e, menos do que o esperado, em abertura ao mundo.

Variáveis como idade, número de filhos, escolaridade e renda não apresentaram relações com o engajamento paterno, o que sugere a realização de um estudo que permita melhor controlar tais variáveis, talvez com um número maior de participantes ou com uma população mais diversificada nesses termos. O levantamento bibliográfico mostra a lacuna nas discussões nacionais e internacionais sobre as variáveis socioeconômicas e a paternidade, especialmente diante do reconhecimento de que se vive numa sociedade onde as condições sociais têm impacto significativo nas questões familiares.

Foi possível confirmar a relação do relacionamento conjugal com o engajamento paterno. A mãe ainda aparece como importante figura a ser considerada no estudo da paternidade, no sentido de que parece depender dela todas as transformações e ações do pai. Sugere-se que se estude a mãe como uma das variáveis determinantes do engajamento paterno, já que a maior participação do pai é identificada depois da inserção da mulher no mercado de trabalho e foram encontradas correlações entre o engajamento paterno com o materno e a qualidade do relacionamento conjugal com a companheira.

Portanto, políticas e programas de apoio ao envolvimento paterno são considerados essenciais para a transformação e consolidação da responsabilidade masculina para com os filhos, refletindo-se em programas de saúde voltados para dar assistência às famílias com o intuito de criar condições para o exercício saudável da paternidade. Além disso, o estudo com famílias biparentais sempre são importantes

fornecedores de dados sobre os pais, mas considerando as diversas configurações familiares existentes na atualidade, torna-se necessário realizar pesquisas envolvendo o envolvimento paterno na caso de famílias separadas ou divorciadas e também que apresentam conflitos conjugais.

Dentro das limitações deste estudo, pode-se citar a dificuldade de encontrar famílias que apresentassem as características delimitadas por este estudo, como casais com filhos de 4 a 6 anos vivendo juntos há pelos menos 06 meses. Devido à variedade de configurações familiares existentes, tiveram que ser contatadas muitas Instituições de Educação Infantil e, portanto, diversas famílias, para que fosse alcançado o número de participantes deste estudo. Devido à jornada de trabalho de ambos os pais, a coleta de dados aconteceu, na maioria das vezes, no período da noite, em que tanto o pai quanto a mãe estavam em casa. Muitas vezes as crianças estavam presentes e os participantes estavam cansados e tiveram de ser encontradas formas para a aplicação dos questionários.

Sugere-se que em pesquisas futuras a mãe ainda seja considerada como importante variável no estudo do engajamento paterno e que também sejam consideradas outras formas de configurações familiares. Uma compreensão multidimensional do engajamento, por meio da combinação de instrumentos quantitativos e qualitativos também pode fornecer importantes contribuições para o tema. Sugere-se, portanto, que seja aprofundado o estudo sobre os determinantes do engajamento paterno, por meio de entrevistas com o pai e também pela realização de observações das interações dos pais com as crianças, que permitirá analisar a real participação paterna e avaliar a proximidade ou não com o que o pai diz realizar e o que realmente faz com a criança.

9 REFERÊNCIAS

- Ades, C. (2009). Um olhar Evolucionista para a Psicologia. In: Emma Otta, M.E.Y. (org). *Psicologia evolucionista*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.10-21.
- Araújo, C. & Scalon, C. (2006). Gênero e a distância entre a intenção e o gesto. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 21(62), 45-68.
- Ariès, P. (1981). *História Social da Criança e da Família*. 2.ed. Rio de Janeiro:Guanabara Koogan.
- Bandeira, T.T. A. (2009). *Crenças sobre investimento parental*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Bandeira, M., Goetz, E.R., Vieira, M.L. & Pontes, F.A.R. (2005). O cuidado parental e o papel do pai no contexto familiar. In: Pontes, F.A.R., Magalhães, W.L.B., Brito, R.C.S. & Martin, W.L.B. (orgs). *Temas Pertinentes à Construção da Psicologia Contemporânea*. Belém-Pará: UFPA.191-230.
- Bigras, M., & Paquette, D. (2000). L'Interdépendance entre les sous-systèmes conjugal et parental": une analyse personne-processus-contexte. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16, 91-102.
- Borrione, R.T.M. & Lordelo, E. R. (2005). Escolha de parceiros sexuais e investimento parental: uma perspectiva desenvolvimental. *Interação em Psicologia*, 9(1), p. 35-43
- Bozon, M. (2001). Sexualidade e conjugalidade: A redefinição das relações de gênero na França contemporânea. In: BLOSS, T. (org.) *La dialectique des rapports hommes/femmes*. Paris, PUF. p.239-259.
- Brody, G. H.; Pillegrini, A. D. & Sigel, I. D. E. (1986). Marital Quality and Mother-Child and Father-Child Interactions With School-Aged Children. *Developmental Psychology Dev Psychol American Psychological Association* 22(3):291-296.

- Bussab, V.S.R. (2000). A família humana vista da perspectiva etológica: natureza ou cultura? *Interação*. Curitiba, 4, 09-22.
- Buss, D. M. & Schmitt, D. P. (1993). Sexual strategies theory: an evolutionary perspective on human mating. *Psychological Review*, 100, 204-232.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). As mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar (M. A. V. Veronese, Trans. 2 ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Carvalho, A. M. A., Cavalcant, V.R.S., Almeida, M. A. & Bastos, A. C. S. (2008). Mulheres e cuidado: bases psicobiológicas ou arbitrariedade cultural? *Paidéia*, 18(41), 431-444
- Cia, F., D´Affonseca, S. M., & Barham, E. J.(2004). A relação entre o envolvimento paterno e o desempenho acadêmico dos filhos. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 14 (29), 277-286.
- Crepaldi, M.A., Andreani, C., Hammes, P.S., Ristof, C.D. & Abreu, S.R. (2006). A participação do pai nos cuidados da criança, segundo a concepção de mães. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 3, p. 579-587, set./dez.
- Desmond, A. & Moore, J. (1995). *A vida de um Evolucionista Atormentado*: Darwin. São Paulo: Geração Editorial.
- Dessen, M.A. (2000). Questões de Família e Desenvolvimento e a Prática de Pesquisa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16 (3).
- Dessen, M.A. & Braz, M. P. (2005). As relações maritais e sua influência nas relações parentais: implicações para o desenvolvimento da criança. In: Dessen, M.A.& Costa Júnior, A. L. *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras*. Porto Alegre: Artmed, p.132-149.
- Dubeau, D., Devault, A., & Paquette, D. (2009). L'engagement paternel, un concept aux multiples facettes. In D. Dubeau, A. Devault & G. Forget (Eds.), *La paternité au XXI siècle*. Québec, Canada: Les Presses de l'Université Laval. p. 71-98.

- Falceto, O., G.; Fernandes, C. L., Baratojo, C. & Giugliani, E. R. J. (2008). Fatores associados ao envolvimento do pai nos cuidados do lactente. *Revista Saúde Pública*; 42(6):1034-40
- Feinberg, M. (2003). The internal structure and ecological context of coparenting: A framework for research and intervention. *Parenting*, 3, 85-131.
- Fleck, A. C & Wagner, A. (2003). A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 8 (num esp), 31-38.
- Frizzo, G, B., Kreutz, C.M., Schmidt, C. Piccinini, C. A. & Bosa, C. (2005). O conceito de coparentalidade e suas implicações para a pesquisa e para a clínica. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 15(3):84-94
- Gamble, W. C., Ramakumar, S., & Dia, D. (2007). Maternal and paternal similarities and differences in parenting: An examination of Mexican-American parents of young children. *Early Childhood Research Quarterly*, 22(1), 72-88.
- Gauthier, A. H; Smeeding, T. M & Furstenberg, F. F. Jr (2004). Are parents investing less time in children? Trends in selected industrialized countries. *Population and Development Review* Dec, v30 i4, p647(26).
- Geary, D. C. (2000). Evolution and proximate expression of human paternal investment. *Psychological Bulletin*, 126, 55–77.
- Geary, D. C. & Flinn, M. V. (2001). Evolution of Human Parental Behavior and the human family. *Parenting: Science and practice*, 1 (2), 5-61.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª Ed. São Paulo: Atlas.
- Goetz, E. & Vieira, M. L. (2009) *Pai real, Pai ideal: o papel paterno no desenvolvimento infantil*. Curitiba: juruá. 104p.

- Gomes, A. J. S. & Resende, V. R. (2004). O Pai Presente: O Desvelar da Paternidade em uma Família Contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20 (2), 119-125.
- Gomide, P. I. C. (2003). Estilos parentais e comportamento anti-social. Em A. Del Prette & Z. Del Prette (Orgs). *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem*. (pp. 21-60) Campinas, SP: Alínea.
- Gottman, J. (1993). The roles of conflict engagement, escalation, and avoidance in marital interaction: A longitudinal view of five types of couples. *Journal of Consulting and Clinical Psychology* (61), 6-15.
- Gottman, J. (1998). Psychology and the study of marital processes. *Annual Review of Psychology* (49), 169-197.
- Grossman FK, Pollack WS & Golding E. (1988). Fathers and children: predicting the quality and quantity of fathering. *Developmental Psychology* 24: 82-91.
- Hewlett, B. S. (1992). *Father-child relations: Cultural and biosocial contexts*. NewYork: Aldine De Gruyter.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2007). Disponível em: www.ibge.gov.br/censo
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2009). *Família na definição do IBGE*. Recuperado em 08, novembro, 2009 de <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/glossario/familiadefinicao.html>.
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA. (2010) Recuperado em: 08, março, 2010 de <http://www.ipea.gov.br>.
- Jablonski, B. (1998). Paternidade hoje: uma metanálise. In: Silveira, P. (Org.), *O exercício da paternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 21-128.
- Jablonski, B. (2010). A Divisão de Tarefas Domésticas entre Homens e Mulheres no Cotidiano do Casamento. *Psicologia Ciência e Profissão*, 30 (2), 262-275.

- Kassotaki, K. M (2000). Understanding Fatherhood in Greece: Father's Involvement in Child Care. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 16 (3), 213-219.
- Keller, H. (2007). *Cultures of Infancy*. Hillsdale, NJ; Lawrence Erlbaum Associates
- Kriegman, D. (1999). Parental involvement, sexual selection, and evolved mating strategies: implications for psychoanalysis. *Psychoanalytic Psychology*, 16, 528-553.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L. & Levine, J. A. (1985). Paternal behavior in humans. *American zoologist* 25, 883-894.
- Lamb, M. E. (Org.). (1997). *The role of the father in child development*. New York: John Wiley & Sons.
- Lordelo, E. R. França, C. B., Lopes, L.M.S, Dacal, M.P.O., Carvalho, C.S., Guirra, R. C.& Chalub, A. A. (2006). Investimento parental e desenvolvimento da criança. *Estudos de Psicologia*, 11 (3) 257-264.
- Magill-Evans, J, Harrison, M.J., Rempel, G. & Slater L. (2006). Interventions with fathers of young children: systematic literature review. *Journal compilations*. 248-264.
- Moller, A. P. & Thornhill, R. (1998). Male parental care, differential parental investment by females and sexual selection. *Anim. Behav.*, 1507-1515
- Monteiro L.; Fernandes, M.; Verissimo, M. ;Costa, I.P.; Torres, N. & Vaughn, B.E (2010). Perspectiva do pai acerca do seu envolvimento em famílias nucleares. Associações com o que é desejado pela mãe e com as características da criança. *Revista Interamericana de Psicologia*, v. 44, n 1. p.1-11.
- Mosmann, C., Wagner, A. & Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade conjugal: mapeando conceitos. *Paidéia*, 16(35), 315-325

- Paquette, D.; Bolte ´c, C. Turcotte, G.; Dubeau, D. Bouchard, C. (2000). A New Typology of Fathering: Defining and Associated Variables. *Infant and Child Development*. 9: 213–230
- Paquette, D. (2004). Theorizing the father-child relationship: mechanisms and developmental outcomes. *Human Development*, 47(4), 193-219.
- Perrelli, M. T. (2005). *Mulheres do petróleo: sentidos atribuídos por homens e mulheres a tarefas tradicionalmente consideradas masculinas*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Perucchi, J. & Beirão, A. M. (2007). Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. *Psicologia Clinica*, 19 (2), 57 – 69.
- Pleck, J.H. (1997). Paternal involvement: levels, sources and consequences. In: Lamb, M. *The role of the father in child development*. New York: John Wiley & Sons.
- Pleck, J. H. & Pleck, E. H. (1997). Fatherhood ideals in the United States: Historical dimensions. In: Lamb, M. *The role of the father in child development*. New York: John Wiley & Sons. p.33-48.
- Prado, A. B. (2005). *Semelhanças e Diferenças entre Homens e Mulheres na compreensão do Comportamento Paterno*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Prado, A. B., Piovanotti, M. R. A. & Vieira, M. L. (2007). Concepções de pais e mães sobre comportamento paterno real e ideal. *Psicologia em Estudo*, 12(1): 41-50.
- Ribas, R. C. Jr. & Bornstein, M. H. (2005). Parenting Knowledge: Similarities and Differences in Brazilian Mothers and Fathers *Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology* - 2005, Vol. 39, Num. 1 pp. 5-12

- Rogoff, B. (2005). *A natureza cultural do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: ArtMed.
- Sampieri, R. H.; Collado, C. F. & Lúcio, P.B. (2006). *Metodologia de Pesquisa*. 3.ed. São Paulo: McGraw-Hill.
- Saraff, A & Srivastava, H. C. (2009). Pattern and Determinants of Paternal Involvement in Childcare: An Empirical Investigation in a Metropolis of India. *Popul Res Policy Rev*.
- Seidl de Moura, M. L. (2005). Bases para uma psicologia do desenvolvimento social e evolucionista. In: Pontes, F.A.R., Magalhães, W.L.B., Brito, R.C.S. & Martin, W.L.B. (orgs). *Temas Pertinentes à Construção da Psicologia Contemporânea*. Belém-Pará: UFPA.15-39.
- Seidl de Moura, M.L. & Ribas, A.F.P. (2004). Evolução e Desenvolvimento Humano. In: Emma Otta, M.E.Y. (org). *Psicologia Evolucionista*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.78-85.
- Silva, M.B. O. & Brito, R.C.S. (2005). Breve História das Origens da Maternidade sob uma Perspectiva Evolucionista. In: Pontes, F.A.R., Magalhães, W.L.B., Brito, R.C.S. & Martin, W.L.B. (orgs). *Temas Pertinentes à Construção da Psicologia Contemporânea*. Belém-Pará: UFPA.15-39.
- Silva, M.R. & Piccinini, C.A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia*. 24(4), 561-573.
- Silverstein, L., Auerbach, C. F., Grieco, L., & Dunkel, F. (1999). Do promise keepers dream of feminist sheep? *Sex Roles*, 40(9-10), 665-688.
- Souza, C.L.C. & Benetti, S.P.C. (2008). Paternidade e desemprego: características do envolvimento paterno e aspectos do relacionamento *familiar Contextos Clínicos*, 1(2):61-71, julho-dezembro 2008.

- Souza, C.L.C. & Benetti, S.P.C. (2009). Paternidade Contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007. *Paidéia*, 19(42), 97-106.
- Staudt, A.C.P. & Wagner, A. (2008). Paternidade em tempos de mudança. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(1), 174-185
- Tooby, J. (1985). The emergence of evolutionary psychology. In *Emerging Syntheses in Science. Proceedings of the Founding Workshops of the Santa Fe Institute*. Santa Fe: Santa Fe Institute.
- Tokumar, R.S. & Bergamin, M. P. (2005). Uma abordagem evolucionista das relações pais-filhos e padrastos-enteados. In A. Garcia. *Relacionamento Interpessoal: Olhares Diversos*. Vitória: GM Gráfica e Editora , 29-40.
- Trivers, R. L. (1972). Parental investment and sexual selection. In: Campbell, B. *Sexual selection and the descent of man*. Chicago: Aldine. 91, 136-179.
- Turcotte, G., & Gaudet, J. (2009). Conditions favorables et obstacles à l'engagement paternel: un bilan des connaissances. In D. Dubeau, A. Devault & G. Forget (Eds.), *La paternité au XXI siècle*. Québec, Canada: Les presses de l'Université Laval. p. 39-70.
- Vieira, M.L, Rímoli, A.O., Prado, A.B. & Chelini, M.O. (2009). Cuidado e responsividade parentais: uma análise a partir da Teoria da História de Vida e da Teoria do Investimento Parental. In: Emma Otta, M.E.Y. (org). *Psicologia evolucionista*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Vieira, M. L. & Prado, A. B. (2004). Abordagem evolucionista sobre a relação entre filogênese e ontogênese no desenvolvimento infantil. In: Seidl de Moura, M. L. (org). *O bebê do século XXI e a psicologia em desenvolvimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.155-204.
- Wagner, A. Predebon, J., Mosmann, C. & Verza, F. (2005). Compartilhar Tarefas? Papéis e Funções de Pai e Mãe na Família Contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(2) 181-186.

Weber, L.N.D. (2004). A evolução das relações parentais: uma abordagem etológica. *Psicologia Argumento*, 22(38), 19-26.

Winsler, A.; Madigan, A. L. & Aquilino, S. A. (2005). Correspondence between maternal and paternal parenting styles in early childhood. *Department of Psychology*, George Mason University.

10 ANEXOS

Anexo 1

CÓDIGO: _____ DATA _____

PARENTESCO COM A CRIANÇA _____

QUESTIONÁRIO SÓCIO-DEMOGRÁFICO

Por favor, responda as seguintes questões que se referem a informações gerais sobre você e sua família.

DADOS DA FAMÍLIA

- Informações demográficas

1. Cidade de residência

- Balneário Camboriú.....1
- Florianópolis..... 2
- Itajaí..... 3
- São José.....4

2. Número de pessoas (informar quem são as pessoas que moram na casa, sem contar os empregados. Incluir o respondente)

Total: _____ **pessoas**

3. Quem vive na casa (anotar idade)

- Respondente 1 _____Anos
- Companheiro(a) 2 _____Anos
- Filhos de 0 a 3 anos..... 3 Quantos? _____
- Filhos de 4 a 6 anos..... 4 Quantos? _____
- Filhos de 7 a 16 anos..... 5 Quantos? _____
- Filhos com mais de 16 anos..... 6 Quantos? _____
- Outras crianças e jovens menores de 18 anos (ex. enteados ou adotados, de criação, filhos de parentes e amigos)7 Quantos?

_____ Outros parentes adultos 8 Quantos? _____

Amigos adultos 9 Quantos? _____

Total de pessoas declaradas na P.3: _____

- Quantos filhos frequentam a escola? _____ (contando a criança-alvo)

- Em que período a criança-alvo frequenta a escola? Manhã ();
Tarde () Integral ()

4. Composição familiar:

- Família nuclear pais biológicos de todos os filhos.....1
- Família nuclear pais adotivos da criança alvo.....2
- Família recasada com pais biológicos da criança alvo.....3
- Família recasada com madrastra da criança alvo.....4
- Família recasada com padrasto da criança alvo.....5
- Família recasada com mãe adotiva da criança alvo e padrasto.....6
- Família recasada com pai adotivo da criança alvo e madrastra.....7
- Família estendida com pais biológicos das crianças e outros parentes e amigos.....8
- Família estendida com madrastra da criança alvo e outros parentes e amigos.....9
- Família estendida com padrasto da criança alvo e outros parentes e amigos.....10
- Família estendida com pais adotivos das crianças e outros parentes e amigos.....11
- Família estendida com mãe adotiva e padrasto da criança alvo e outros parentes e amigos.....12
- Família estendida com pai adotivo e madrastra da criança alvo e outros parentes e amigos.....13

5. Escolaridade

A) Qual a sua escolaridade e qual a escolaridade de seu companheiro?
Quantos anos concluídos? _____

	Respondente	Companheiro(a)
Não alfabetizado	1	1
Ensino fundamental incompleto: primário incompleto	2	2
Ensino fundamental incompleto: primário completo e ginásio incompleto	3	3

Ensino fundamental completo	4	4
Ensino médio incompleto	5	5
Ensino médio completo	6	6
Ensino superior incompleto	7	7
Ensino superior completo	8	8
Pós-graduação	9	9
Não sabe	10	10

RENDA FAMILIAR

	Respondente	Companheiro (a)
6. Profissão		
7. Atividade atual		
8. Jornada de trabalho		

9. Você tem empregada/babá: () sim () não

10. Quem cuida da criança quando ela não está na escola: _____

11. Quem leva a criança para a escola: _____

12. Alguém da família faz uso de alguma medicação contínua () sim () não.

Quem? _____ Qual? _____

13. Renda familiar mensal

Por favor, vamos ver quanto você, seu/sua companheiro(a) e outras pessoas da casa ganham por mês. Vamos pensar no mês passado...

(Inclua salários, gorjetas, bicos, pensão, rendas de aluguel e outro capital, ajudas financeiras sistemáticas, etc. Registre sempre com,00. Se o respondente não souber, anote NÃO SABE).

	Salário	Outros Rendimentos	TOTAL (R\$)
Respondente			
Companheiro(a)			
Outro (anote abaixo o parentesco)			
Outro (anote abaixo o parentesco)			
Outro (anote abaixo o parentesco)			
Outro (anote abaixo o parentesco)			

Renda familiar total do mês passado

14. Existe(m) algum(ns) mês(es) do ano no(s) qual(is) a renda total é muito maior ou menor do que a do mês passado?

Sim.....1

Não2

Não sei3

No mês em que é maior, qual é essa variação?

No mês em que é menor, qual é essa variação?

Se houver, faça a soma da renda dos diferentes meses, calcule a média e classifique conforme opções a seguir:

- Menos de R\$100,00 1
- R\$101,00 a R\$200,00 2
- R\$201,00 a R\$300,00 3
- R\$301,00 a R\$400,00 4
- R\$401,00 a R\$500,00 5
- R\$501,00 a R\$600,00 6
- R\$601,00 a R\$800,00 7
- R\$801,00 a R\$1.000,00..... 8
- R\$1.001,00 a R\$1.300,00 9
- R\$1.301,00 a R\$1.600,0010
- R\$1.601,00 a R\$2.000,0011
- R\$2.001,00 a R\$3.000,0012
- R\$3.001,00 a R\$4.000,0013
- Acima de R\$4.000,00.....14

15. Número de cômodos da residência:

Quantos cômodos tem sua casa? (Incluir quarto, cozinha, banheiro e varanda):_____

16. Tipo de Casa:

Casa de alvenaria ()

Casa de Madeira ()

Casa Mista ()

Observações:_____

Anexo 2

CÓDIGO: _____ DATA _____

PARENTESCO COM A CRIANÇA _____

QEP

Temos aqui a lista das atividades ou tarefas que os pais podem executar. Pode ser que seu (sua) companheiro (a) se ocupe mais que você de certos aspectos da vida da sua família, e não de outros aspectos. Responda com que frequência você mesmo (a) faz cada uma das atividades.

Nunca	Uma vez por mês	2 ou 3 vezes por mês	Uma vez por semana	Várias vezes por semana	Todos os dias	Não se aplica
1	2	3	4	5	6	0

1. Preparar as refeições	
2. Dar de comer ou beber a seu/sua filho (a)	
3. Brincar de lulinha com seu/sua filho (a)	
4. Lavar a louça	
5. Dar banho em seu/sua filho (a)	
6. Fazer cócegas em seu/sua filho (a)	
7. Vestir seu/sua filho (a)	
8. Assistir com ele/ela um programa infantil na televisão	
9. Lavar roupa	
10. Colocar seu/sua filho (a) na cama à noite	
11. Escutar musica com seu/sua filho (a)	
12. Supervisionar a rotina matinal (café da manha, vestimenta,	

etc...)	
13. Brincar com seu/sua filho (a) nas costas (cavalinho)	
14. Cuidar dos cabelos de seu/sua filho (a) (lavar, pentear)	
15. Fazer seu/sua filho (a) rir	
16. Pegá-lo (a) no colo quando ele/ela pede	
17. Contar a seus colegas de trabalho ou amigos, coisas engraçadas que seu/sua filho (a) tenha feito ou dito	
18. Corrigir comportamentos de seu/sua filho (a) na mesa	
19. Reprender seu/sua filho (a) quando ele perturba ou incomoda	
20. Elogiar quando ele/ela se comporta bem ou tem um ato educado	
21. Limpar a casa (vassoura, aspirador, tirar o pó)	
22. Acariciar, afagar o seu/sua filho (a)	
23. Fazer seu/sua filho (a) participar das atividades dos adultos (cozinha, limpeza)	
24. Reprender seu/sua filho (a) quando ele desobedece	

Por favor, utilizar a tabela seguinte para o restante do questionário.

Nunca	De vez em quando	Regularmente	Quase sempre	Sempre	Não se aplica
1	2	3	4	5	0

25. Acompanhar seu/sua filho (a) na casa de amigos, parentes ou vizinhos	
26. Levar o lixo para fora	
27. Ir ao parque com seu/sua filho (a)	
28. Lavar as orelhas de seu/sua filho (a)	
29. Falar de seu/sua filho (a) aos seus amigos, vizinhos e colegas de trabalho, etc	
30. Se ocupar do conserto do carro	
31. Passear com seu/sua filho (a)	
32. Garantir que a casa seja segura para seu/sua filho (a) (proteção nas escadas, tomadas, quinas de móveis)	
33. Ensinar esportes a seu/sua filho (a) (nadar, patinar, andar de bicicleta, jogar bola, etc.)	
34. Ajeitar a casa (decoração, consertos, etc.)	
35. Cuidar de seu/sua filho (a) quando ele está doente	
36. Falar de alegrias ou de problemas com seu/sua filho (a)	
37. Tranquilizar seu/sua filho (a) quando ele tem medo	
38. Pensar em seu/sua filho (a) quando ele não está com você	
39. Levar ao médico ou a outros profissionais da saúde quando seu/sua filho (a) tem necessidade	
40. Olhar seu/sua filho (a) quando ele brinca no jardim ou na rua	
41. Fazer compras (móveis, roupas, objetos diversos para a casa, etc.)	

42. Dar os primeiros socorros quando o seu/sua filho (a) se machuca	
43. Punir o seu/sua filho (a) quando ele/ela fez algo errado (machucar alguém, etc.)	
44. Levantar à noite para atender seu/sua filho (a)	
45. Propor brincadeiras educativas para seu/sua filho (a)	
46. Tentar saber de seu/sua filho (a) se algo está errado com ele/ela	
47. Parabenizar seu/sua filho (a) quando ele/ela consegue fazer algo	
48. Consolar seu/sua filho (a) quando ele/ela chora	
49. Programar a compra de coisas necessárias para seu/sua filho (a) (roupas, sapatos, remédios, etc.)	
50. Acalmar seu/sua filho (a)	
51. Olhar fotos de seu/sua filho (a)	
52. Dizer a seu/sua filho (a) que o/a ama	
53. Incentivar seu/sua filho (a) quando ele/ela consegue fazer algo difícil	
54. Lembrar-se de seu/sua filho (a) quando ele/ela era mais novo (a)	
55. Intervir rapidamente quando seu/sua filho (a) dá sinais de dificuldade ou desconforto	
56. Mostrar novos brinquedos para seu/sua filho (a)	

Anexo 3

CÓDIGO: _____ DATA _____

PARENTESCO COM A CRIANÇA _____

QRC

Agora, por favor, responda sobre o relacionamento conjugal entre você e seu/sua companheiro(a):

1. Tempo de união: _____

2. Qualidade do relacionamento conjugal entre você e seu/sua companheiro(a):

Como avalia a sua relação com seu/sua companheiro(a)?

Muito infeliz	Pouco feliz	Mais ou menos feliz	Feliz	Muito feliz
1	2	3	4	5

3. Conflito conjugal entre você e seu/sua companheiro(a):

Em termos de conflitos (brigas e discussões), como avalia sua relação com seu/sua companheiro(a)?

Nada conflituosa	Pouco conflituosa	Mais ou menos conflituosa	Conflituosa	Extremamente conflituosa
1	2	3	4	5

4. Satisfação conjugal

Em termos de satisfação conjugal como você se considera?

Nada satisfeita (o)	Pouco satisfeita (o)	Mais ou menos satisfeita (o)	Satisfeita (o)	Extremamente satisfeita(o)
1	2	3	4	5

11 APÊNDICES

Apêndice 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia

AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Pela presente autorização, declaro que fui informado(a), de forma clara e detalhada, sobre os objetivos e a justificativa do projeto de pesquisa intitulado: “A transmissão intergeracional da violência: a relação do conflito conjugal e parental com a agressividade entre pares de crianças de 4 a 6 anos”. Dessa forma, autorizo a realização da pesquisa por meio da instituição: _____, bem como a participação consentida dos profissionais aqui vinculados nas entrevistas.

Autorizo, também, a utilização dos dados coletados em eventuais trabalhos acadêmicos, publicações científicas, sem a identificação do local nem de seus profissionais.

Entendo que os pesquisadores, vinculados à Universidade Federal de Santa Catarina, manterão sigilo sobre os dados e que, após sua utilização na consecução dos objetivos propostos pela pesquisa, os mesmos serão inutilizados.

Assinatura do responsável pela instituição

_____, ____ de _____ de _____

Identificação do responsável pela instituição:

Apêndice 2

Ficha de Contato Inicial



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
 Centro de Filosofia e Ciências Humanas
 Departamento de Psicologia
 Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Carta convite

Prezados pai e mãe:

Gostaria de convidá-los(as) a participar de uma pesquisa que está sendo realizada em sua cidade e que tem como título “A transmissão intergeracional da violência: a relação do conflito conjugal e parental com a agressividade entre pares de crianças de 4 a 6 anos”. Essa pesquisa tem como objetivo estabelecer um elo entre o modo de funcionar das famílias e o comportamento das crianças.

Sua participação acontecerá por meio de respostas a questionários e entrevistas que abordam o tema da pesquisa. Apenas os pesquisadores terão acesso direto às informações neles relatadas. A pesquisa se dará com a participação voluntária de pais e mães e sua opinião é de extrema importância para o sucesso da mesma.

Caso você aceite participar, por favor preencha as informações abaixo e devolva esta carta à escola de seu filho que entraremos em contato com você.

A ser preenchida pelo participante:

Nome do participante pai _____

Nome da participante mãe _____

Número de filhos _____

Nome e idade do(s) filho(s)

Instituição de Educação Infantil da criança de 4 a 6 anos _____

Endereço _____

Telefone _____

E-mail _____

Apêndice 3



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Prezado(a) Senhor(a):

Vimos através deste convidá-lo(a) a participar de uma pesquisa que está sendo realizada em duas cidades de Santa Catarina e que tem como título: “A transmissão intergeracional da violência: a relação do conflito conjugal e parental com a agressividade entre pares de crianças de 4 a 6 anos”. Essa pesquisa tem como objetivo estabelecer um elo entre o modo de funcionar das famílias e o comportamento das crianças.

A participação é voluntária. Caso você aceite participar, solicitamos a permissão para que possamos utilizar os questionários que por você serão respondidos. Apenas os pesquisadores terão acesso direto às informações neles relatadas. Informamos, também, que a qualquer momento você poderá desistir da participação na mesma.

Qualquer informação adicional ou esclarecimentos acerca desta pesquisa poderão ser obtidos junto aos pesquisadores pelos telefones (47) 9955-1872 ou pelo e-mail: carinabossard@yahoo.com.br

Eu, Sr(a) _____, considero-me informada (o) sobre a pesquisa “A transmissão intergeracional da violência: a relação do conflito conjugal e parental com a agressividade entre pares de crianças de 4 a 6 anos”, e aceito participar da mesma, consentindo que os questionários sejam aplicados e utilizados para a coleta de dados.
_____, _____ de _____ de 2010.

Assinatura do Entrevistado

Psicóloga Carina Nunes Bossardi